

# **DRAMAS DA OBSESSÃO**

# 1. Obsessão coletiva

## INTRODUÇÃO

### INQUISIÇÃO

Rodeada de uma auréola de fanatismo e intransigência, a Inquisição constituiu, na verdade uma instituição complexa, que variou notavelmente de forma segundo os lugares e épocas históricas.

Inquisição, ou Santo Ofício, foi a designação dada a um tribunal eclesiástico, vigente na Idade Média e começo da modernidade, que julgava os hereges e as pessoas suspeitas de se desviarem da ortodoxia católica. Sua origem remonta ao século IV, mas atingiu o auge no século XIII, no combate às heresias e a outras práticas contra a fé e a unidade do cristianismo. Depois entrou em declínio, até ressurgir em novos moldes na Espanha, onde alcançou enorme poderio, e em Roma.

### INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

Assim como na Espanha, a Inquisição em Portugal representava as camadas dominantes - a nobreza e o alto clero. Também julgava os hereges e as pessoas suspeitas de se desviarem da ortodoxia católica.

O primeiro auto-de-fé realizou-se em Lisboa em 1540. No fim do século XVIII a Inquisição, tanto em Portugal como na Espanha, transferiu suas perseguições aos maçons e partidários das idéias dos enciclopedistas e Iluministas (Movimento filosófico, a partir do século XVIII, que se caracterizava pela confiança no progresso e na razão, pelo desafio à tradição e à autoridade e pelo incentivo à liberdade de pensamento). Até ser abolida, em 31 de março de 1821, vitimou um número de pessoas estimado em quarenta mil, das quais 1.175 foram queimadas. Com a expansão colonial, e porque muitos cristãos-novos fugiram para as colônias, também para lá a Inquisição emigrou.

### INQUISIÇÃO NO BRASIL

O Santo Ofício da Inquisição nunca estabeleceu oficialmente um tribunal no Brasil, embora tenha sempre agido sobre terras brasileiras por intermédio das autoridades eclesiásticas locais e visitantes. Os bispos tinham poderes para efetuar prisões, confiscar bens de suspeitos e enviar prisioneiros ou seus processos para a Inquisição de Lisboa - Portugal, que tratava dos casos relativos ao Brasil e as demais colônias.

Na última década do século XVI, o arquiduque Alberto da Áustria, inquisidor-mor de Portugal e colônias, mandou o visitador Heitor Furtado de Mendonça a São Tomé, Cabo Verde e Brasil.

A primeira "visitação" do Santo Ofício ocorreu em 09 de Junho de 1591, na Bahia, e estendeu-se até 1593, quando seguiu para Pernambuco, onde permaneceu por dois anos. Após a partida do visitador, o bispo da Bahia ficou incumbido da fiscalização. Além de realizar visitas anuais, enviava os processos para Lisboa, prendia, punia e confiscava os bens dos condenados. Os jesuítas, assim como os vigários locais, ajudavam na busca dos culpados e suspeitos.

Em 1618 chegou à Bahia o segundo visitador oficial, Marcos Teixeira, que organizou uma comissão inquisitorial e ali permaneceu até 1619. A partir de 1623, os negócios da Inquisição no Brasil ficaram entregues a um homônimo do visitador, o bispo Marcos Teixeira. De 1591 a 1624 foram processados 245 cristãos-novos, acusados de judaísmo.

Durante as invasões holandesas, a Inquisição recebia denúncias contra cristãos-novos, mas estas eram mais dirigidas contra o inimigo político que contra o herege. Em 1646 realizou-se no Colégio da

Companhia de Jesus na Bahia uma "grande inquirição". Foram ouvidas mais de 120 testemunhas e denunciada mais de 100 pessoas, entre cristãos-novos, blasfemos, hereges e feiticeiros.

Em três séculos (XVI a XVIII), 29 brasileiros foram condenados à morte pela Inquisição de Lisboa. Crime praticado por eles: Prática do judaísmo.

No Brasil, segundo atestam os registros históricos, nunca houve uma pena de morte pela fogueira. Dos 29 brasileiros condenados a morte, todos foram sentenciados pela Inquisição de Portugal. Sete foram mortos e depois queimados. Os outros 22 foram queimados vivos.

Enciclopédia Britânica do Brasil

### ***Caso: Obsessão coletiva***

(...) Pelo terceiro decênio deste século XX (1930), eu atendia ao honroso mister de conselheiro e médico espiritual em certo Posto de Assistência aos Necessitados, para receituário e beneficências físicas, morais e espirituais.

Os serviços em geral, verificados nesse núcleo, programados pelo venerando Espírito de Bittencourt Sampaio, através de um médium explícito e positivo, eram diários e muito eficientes, o que sobretudo nos satisfazia por nos permitir ensejos variados na difusão e prática dos serviços do Consolador.

Era meu assistente, por esse tempo, uma entidade em aprendizado, atualmente reencarnada, generosa e dedicada, que adotara o prenome de Roberto, conquanto essa não fosse realmente a sua identidade, além de outros que não precisaremos nomear.

Certa noite, após o receituário, deteve-se o médium, responsável pelo gabinete em que se processava o melindroso mandato, na súplica ardorosa para visitação espiritual a um ambiente doméstico atacado de singulares manifestações de provação, intensas e dolorosas. Uma carta chegara do Sul do país às mãos do médium, enviada pela caridosa gentileza de um familiar do mesmo instrumento, solicitando seus préstimos de intermediário entre os poderes invisíveis e a Terra para alívio de criaturas que se debatiam contra torrentes de desesperações positivamente irremediáveis por outra forma. Leu-a o médium para mim, por entre as irradiações da prece caritativa... e eu, captando o assunto através de suas vibrações, decalquei-a em minha mente desde então, arquivando-a de molde a me permitir hoje reerguê-la dos escombros mentais, a fim de transcrevê-la neste momento. Particularizava-se a missiva pela exposição seguinte:

- "Rogo algo tentares, como espírita que és, a benefício da família do nosso amigo Leonel. Passam-se fatos verdadeiramente desorientadores, deixando perplexos os amigos da casa. Desde a morte do pobre Leonel, verificada, como sabes, por um suicídio em tão trágicas condições, a família inteira sente ímpetos para o suicídio. Não ignoras que sua filha Alcina suicidou-se também, dez meses depois dele próprio. Agora é seu filho Orlando que deseja morrer, havendo já tentado algumas vezes o ato terrível! Vivem todos a chorar, desesperados, sem ânimo para a continuação da existência. Somente a viúva de Leonel consegue algo de estimulante para se impor à situação, que é a mais anormal possível. A miséria lhe bate à porta, pois nada possuem e ninguém, senão ela, trabalha. Finalmente, peço-te que rogues a Deus por eles, já que cultivas a fé em teu coração, porquanto a Terra é impotente para deter a avalanche de desgraças que pobre gente se arremessou."

Ora, minutos antes de iniciado o meu expediente no referido Centro, fora eu prevenido de que essa carta havia sido escrita ao médium e, portanto, recebi-a sem surpresa, através deste. Procurara-me uma entidade espiritual denominada Ester, formosa e redimida, cujo aspecto angelical atraía veneração de quantos se lhe aproximassem, a qual me asseverara haver inspirado a carta a quem a escreveu, assim provocando o trabalho que faríamos, visto estar ligada aos obsessores de Leonel e a este próprio por laços espirituais seculares, e que, agora, apresentara-se o momento oportuno de agir em socorro da falange litigante. Rogava, por isso, nosso concurso, uma vez que não poderia operar sozinha, e ainda porque os serviços de Além-túmulo são produtos de equipe e jamais de um trabalhador isolado.

Ambos os apelos - o de Ester e o da carta - eram impressionantes e impossível seria não atendê-los, tentando algo a benefício dos sofredores. Os serviços ficaram, assim, sob meu critério, dadas as minhas atividades naquele núcleo espírita, muito embora fraterno concurso alheio me coadjuvasse. Submeti

o aparelho mediúnico à letargia branda do transe, mantendo-o a mim ligado pela troca das vibrações necessárias à comunicação que se processava; arregimentei os assistentes espirituais auxiliares, de plantão no Centro naquela noite, e partimos para o endereço apontado, em inspeção indispensável. Impossível, porém, nos fora ali penetrar pelos meios comuns, tal a densidade vibratória asfíxiante do recinto, o clima obsessivo que expandia malefícios em derredor do lar sinistrado pela onda de tragédia que a ele se adaptava. Eu levava, no entanto, em nossa comitiva, um indígena brasileiro da raça Tamoio, Espírito hábil, honesto e obediente, que voluntariamente se associara à nossa falange, desejando servir ao Bem, e mais o nosso assistente Roberto, a quem eu muito amava e em quem confiava plenamente. Ambos ali penetraram, sacrificando a própria harmonia vibratória, a fim de se inteirarem minuciosamente do que realmente se passava.

Retornaram logo após ao Posto Mediúnico de onde haviam partido, chocados e ansiosos. E Roberto, que chefiava a expedição, tomou a palavra (transmitiu as irradiações mentais), desincumbindo-se do noticiário sobre o reconhecimento efetuado:

- Trata-se de um caso de obsessão coletiva simples, meu caro irmão..., carente de intervenção imediata de socorro espiritual, a fim de que se evitem outros suicídios na família... São, quase todos os membros dessa numerosa família, constituída do velho casal e dez filhos menores, portadores de faculdades mediúnicas ignoradas... Não cultivam o estudo edificante para o saneamento mental, nem a meditação sobre assuntos elevados do espírito, e tão-pouco a prece..., tornando-se, por isso mesmo, campo raso para os assédios das trevas... pois que também não alimentam sentimentos religiosos de qualquer espécie, apenas afetando um interesse convencional pela crença católica romana...

- Dizes, pois, meu caro Roberto - intervim, procurando inteirar-me dos detalhes a fim de melhor estabelecer o programa de operações beneficentes -, ter havido, com efeito, mais de um suicídio no seio dessa pobre família?...

- Sim! Intei-me de que o chefe da mesma família, de nome Leonel, pôs termo à existência terrena, desfechando um tiro de revólver no ouvido direito, e que sua filha primogênita, jovem de vinte primaveras, lhe imitou o gesto alguns meses depois, servindo-se, porém, de um tóxico violento... Intei-me ainda de que outro filho seu, de quinze anos de idade, tentou igualmente o sinistro ato, salvando-se, no entanto, graças à ação prestimosa de amigos agilíssimos, que evitaram fosse ele colhido por um trem de ferro, pois o tresloucado lançou-se aos trilhos, enfrentando o comboio, que se aproximava...

- E como te inteiraste de que se trata de ação obsessora simples, sobre médiuns que ignoram estar sob influências maleficientes da sugestão extraterrena, visto que vivem alheios aos fenômenos e às observações espíritas?...

- Vimos ambos os suicidas ainda retidos no próprio teatro dos acontecimentos: - Leonel, vagando, desolado e sofredor, a bradar por socorros médicos, traindo nas próprias repercussões vibratórias o gênero da morte escolhida sob pressões invisíveis... e Alcina, a filha, com o perispírito ainda em colapso, desmaiada sob o choque violento do ato praticado... distinguimos também os obsessores...

- E como se apresentam estes?... Odientos, vingativos?... Sofredores, que destilam o vírus mental e vibratório contundente, sem saberem o que fazem?... Afeiçoados às vítimas por simples afinidades de caráter, ou índole?... pois sabemos que até mesmo um sentimento de amor - ou paixão - mal orientados ocasionará desastres como esses...

- Não, Senhor! - explicou vivamente o dedicado assistente. - Trata-se de algo ainda mais doloroso! São ódios, vinganças pessoais de um passado que se me afigura intensamente dramático! Os obsessores pertencem às falanges do antigo judaísmo! Ainda conservam nas irradiações mentais, refletindo sobre a sensibilidade do perispírito, as sombras, as imagens, mui concretizadas, da indumentária usada pelos judeus de Portugal, pelo século XVI... Eu também vivi nessa época, meu caro irmão, na Espanha como em Portugal..., pertenci igualmente ao judaísmo... e fácil me foi compreender o amargor da situação que acabo de presenciar...

O móvel do suicídio de Leonel, criado, como sabemos, sob pressão de inimigos invisíveis, fora o terror a uma inevitável ordem de prisão, ao cárcere humilhante e degradante, que lhe escancarava possibilidades irreprimíveis. Curvando-se àquelas influências, envolvera-se ele em complexos irremediáveis, no seio da firma comercial a que emprestava os próprios labores profissionais, como "guarda-livros" e "caixa" interino que era da mesma, cargos estes de mais alta importância no comércio e que outrora somente se confiavam a pessoas de reputação inatacável e íntima confiança da firma que as admitia.

As anormalidades morais e psíquicas surgiram na vida de Leonel desde a infância. Durante esse período, em que, geralmente, a criança é graciosa e gentil, passiva às disciplinas educativas, a dita personagem mostrava-se avessa aos próprios carinhos maternos, preferindo rebelar-se contra toda e qualquer modalidade de correção imposta pelos pais, e também pelos mestres, na escola que freqüentava, e repelindo conselhos e advertências que visavam a orientá-lo para bons princípios. Demorara a instruir-se nas escolas onde tentava o curso primário, queixando-se de constantes depressões, e freqüentemente tornando-se presa de violentas dores de cabeça, que o arrastavam a crises de desesperos impróprias de uma criança. Dificilmente concordava em ingerir as drogas receitadas pelo médico da família, o qual se abalava, às vezes altas horas da noite, solicitado por alguém da família, que o procurava cheio de aflição. Em presença deste, negava-se a deixar-se auscultar, embora sofresse. E, colérico e vermelho, como se uma apoplexia estivesse iminente, os olhos injetados de sangue, pela violência das dores de cabeça, que sofria, não só entrava a insultar o médico, expulsando-o de casa, como se metia debaixo das camas, dos sofás e das mesas, desfeito em choro histérico ou presa de gargalhadas suspeitas, e, tanta força empregava contra os citados móveis, debaixo dos quais se metia, que os levantava às costas e virava-os, não raro, de perna para o ar, escandalizando os familiares e também o médico, que habitualmente aconselhava a seus pais doses de chineladas alternadas com a medicação por ele próprio receitada, pois que em tudo aquilo, no seu modo de entender, existia também alta percentagem de má educação e rebeldia, que estavam a requisitar severa e imediata correção. De outras vezes, verdadeiramente possesso pelas entidades trevosas do Invisível, quebrava os consolos e aparadores de sua mãe e as porcelanas existentes nos armários onde se guardava a louça da casa, quebrava espelhos, vidraças, e tais eram os desatinos que sobrevinham dentro do lar, daí derivados, que, desesperado, seu pai saía para a rua, às vezes a horas adiantadas da noite, receoso de esbordoá-lo e matá-lo sob a cólera por que se sentia invadir, enquanto sua mãe caía com ataques nervosos de suma gravidade, após o que, ele próprio, caía em prostração surpreendente, abatido e sonolento, para avançar pela noite a dentro, presa de pesadelos terríveis, durante os quais se sentia envolvido em chamas, no centro de uma fogueira imensa, ou encarcerado em prisões infectas, torturado por azorragues e mil outras impressões que a custo se dissipavam.

Não obstante, atingindo a puberdade, tais anomalias arrefeceram de intensidade, oferecendo esperanças de cura. Um hábil tratamento psíquico trar-lhe-ia, então, modificações gerais, traçando, porventura, trajetória nova em seu destino. Mas, infelizmente para todos, seus pais e sua família, atidos à indiferença dos assuntos espirituais, conservando-se pouco menos que materialistas, não cogitaram de coisa alguma racional a seu favor. Sua mãe, doente, afetada de ambos os pulmões, definhava lentamente. Mas, ainda assim, encaminhara-o à religião, confessando ao vigário da paróquia, onde residiam, as intraduzíveis diabruras do filho. Paciente e bom, o sacerdote tentou aconselhá-lo afetuosamente, atraindo-o para catecismo e lecionando-lhe normas de boa conduta moral e social e de respeito a Deus. Mas Leonel opunha-se ao ensino, manifestando tal horror às coisas da Igreja e tanta aversão ao sacerdote que, desanimado, declarou àquela sofridora mãe que seu filho era criança incorrigível, de má índole, e que somente a lei do Criador teria bastante sabedoria para chamá-lo ao dever.

Aos quinze anos morreu-lhe o pai, após breve enfermidade, deixando-o em completa liberdade. Aos dezessete, as antigas crises desapareceram, mas hábitos novos sucederam aos antigos, porventura ainda mais daninhos, perigosos: - toda e qualquer soma financeira que lhe caísse sob os olhos era desviada para o jogo e o trato com mulheres desonestas. Vários empregos, em casas comerciais, foram tantos outros vexames que punham o coração de sua mãe, que por várias vezes ouviu, de empregadores do filho, queixas acerbas da sua conduta e até insultos, ao ser ele despedido, em face do mau procedimento para com seus chefes. Finalmente, com muito esforço e sob vigilância do padrinho, que lhe substituíra, até certo ponto, o pai, conseguiu findar o curso de Ciências Comerciais que desde muito tentava, e tornou-se "guarda-livros", título equivalente ao que hoje se denomina "perito-contador".

Por esse tempo, o jogo absorvia-o e ele se endividava, causando sobressaltos a sua mãe, que temia vê-lo irremediavelmente desacreditado, às voltas com a Polícia. Mesmo assim, porém, apesar de encontrar-se sofrivelmente colocado e contando apenas vinte e dois anos de idade, casou-se, porquanto a família entendera tornar-se o casamento seguro corretivo para tantos desatinos. Não foi, entretanto, mau esposo, se considerarmos que não maltratava fisicamente a mulher, sendo até amável no trato para com ela. Mas também não se poderia considerá-lo bom, visto que jamais se preocupou em proporcionar conforto à família, mantendo-a sempre em acentuada pobreza, porquanto seus desacertos fora do lar absorviam parte dos recursos obtidos do trabalho cotidiano. Sua existência, assim, após o casamento, continuou caracterizando-se pelos desacertos, que prosseguiram num crescendo angustiador.

A despeito da paciência da esposa, do seu desvelo pelo lar, ali não havia paz, nem esperança, nem confiança no destino, porque Leonel passava noites consecutivas à mesa do jogo ou locupletando-se em ceias orgíacas com amigos suspeitos. Os filhos se sucediam; e, ao atingirem a segunda infância, dir-se-iam viver assustadiços, atemorizados sem saberem por que razão. Eram feios, nervosos, enfermiços, dentre todos destacando-se a filha primogênita, cujo nome, Alcina, dir-se-ia o próprio escárnio em face do seu aspecto visivelmente masculino, não obstante tratar-se de pessoa raquítica. Feia, trazendo feições anormais, inteiramente desgraciaosas, exibia também um defeito físico, pois coxeava sensivelmente da perna esquerda. Nesse lar, altercações, choro, dificuldades financeiras, falta de crença em Deus e de qualquer religião, era o que ressaltava, de início, à observação de qualquer visitante ou amigo. À noite, sucediam-se entre os filhos, pesadelos e crises idênticos aos que o próprio Leonel apresentara na infância.

Quatro anos decorreram sem anormalidades. A proteção invisível do Alto generosamente colocou ao seu alcance oportunidade salvadora, aproveitando o período sereno que sobreviera em torno dele: - dois companheiros de trabalho, espíritistas convictos e cultos, homens honestos, bem inspirados pelas forças invisíveis do Bem, tentaram despertá-lo para a crença em Deus e o cultivo das forças, ou dons, espirituais. Deram-lhe a ler livros doutrinários e científicos. Falaram-lhe da excelsitude da Doutrina que professavam, a qual a eles próprios levantara do ostracismo estéril para o plano harmonioso do dever cumprido e da consciência tranqüila. Disseram-lhe da sua suave feição amorosa, que recomendava o jugo benévolo da compaixão pelos oprimidos e sofredores em geral. Mas Leonel rejeitou os amorosos convites, ridiculizou o Evangelho, que ele não estava à altura de assimilar, glosou com chistes ofensivos a Filosofia, que não pôde entender, e depreciou a Ciência, para terminar evitando o prosseguimento das relações de amizade com os dois companheiros, que ali nada mais representavam senão instrumentos da assistência piedosa do Invisível, que tentava estender-lhe mão salvadora à beira de um abismo que o seu livre arbítrio tornava iminente, mas evitável pelo bom senso e a continência nas expansões das próprias paixões.

Vagara, porém, o cargo de tesoureiro caixa da fábrica em apreço. Porque houvesse cativado a confiança dos diretores da mesma, com a habilidade profissional, de que dera sobejas provas, confiaram-lhe, interinamente, o cargo máximo da grande instituição comercial. Os primeiros meses deslizaram normalmente. Mas, de súbito, Leonel entra a sonhar com grandes quantias em seu poder, oriundos do jogo. Sente-se rico em pesadelos agradáveis, e rodeado de prazeres. Tais sonhos se distenderam em sugestões, durante a vigília, e um desejo ardente de ser rico, de viajar e conhecer a Europa, apossou-se dele, humilhando-o ante a modéstia em que via decorrer os próprios dias de existência. As sugestões dominaram seus pensamentos, e a antiga atração pelo jogo impele-o a voltar aos antros de vícios que durante algum tempo foram esquecidos. E noites se sucedem, com ele à mesa da roleta e das cartas, perdendo quantias vultosas. Na manhã seguinte, deixava de comparecer ao horário exato das suas funções, na fábrica, alterando o bom andamento dos serviços a seu cargo. Dores de cabeça violentas torturavam-no, alterando-lhe a saúde. Estado inquietante, de depressão ou excitação, sobrevem, dificultando-lhe as ações cotidianas. No decorrer de alguns meses, nada mais possuindo de seu, para jogar, porque perdia sempre, sem jamais recuperar o que ia perdendo, entrou a desviar, para o jogo, quantias confiadas à sua guarda, como "caixa" que era da importante firma. Por sua vez, a vida de Alcina, desde o berço, destacara-se do normal pela enfermidade. Não desfrutara, jamais, boa saúde. Irritava-se por todos os motivos. Sombria, odiosa, rodeada de complexos, reconhecendo-se desagradável a todos, retraía-se de tudo e de todos, conservando-se no interior da casa, sem jamais dignar-se a um passeio ou a uma visita, negando-se mesmo a cumprimentar os amigos da casa que porventura visitassem a família. Vivía apavorada, temendo as sombras, incapaz de penetrar sozinha qualquer compartimento da casa, asseverando que vultos tenebrosos lhe apareciam na escuridão, brandindo chicotes e oferecendo-lhe copázios de veneno a tomar. Ataques sobrevinham freqüentemente, durante os quais se sentia devorada pelo fogo e chicoteada por verdugos, que gargalhavam ante seus padecimentos. Após tais crises, adoecia.

Os dias, pois, assim se sucediam, sem alterações para Leonel e sua filha. Este tornou-se neurastênico, irritadiço. Não falava a amigos, não mais cumprimentava os próprios companheiros de trabalho. E a todos os instantes, com a mente assoberbada de preocupações, segredava-lhe a intuição das trevas, nas sugestões de perseguidores implacáveis:

- Retira, retira outras importâncias... Hás de recuperar tudo... A sorte hoje será tua... recuperarás tudo e reporás na "caixa" o que foi "tomado de empréstimo"... Cada um tem o seu dia... Hoje é o teu grande dia, para obteres fortuna e recompensas felizes ao muito que tens sofrido...

No entanto, perdia, ainda e sempre, porque o perseguidor o acompanhava à mesa das cartas para não deixá-lo ganhar, o que o obrigava a excepcionais habilidades profissionais, para encobrir a própria falta

aos diretores da firma, através da escrita que, como principal "guarda-livros", fazia. E longas horas de meditações e mutabilidade expressiva sobrevinham, para inquietação de toda a família. Até que, finalmente, chegou o dia em que tudo se esclareceu, tal como desejava o obsessor, não vendo Leonel outro alvitre para a desgraçada situação a não ser a prisão ou o suicídio. As importâncias de que lentamente se apossara montavam em cerca de duzentos contos de réis (valor da época), soma que, então, representava apreciável fortuna, impossível a um funcionário das suas condições obter para saldar uma dívida. O infeliz livre-pensador, então, desamparado de quaisquer forças de reação, porquanto nem mesmo uma fé religiosa jamais concordara em cultivar, preferiu o suicídio, assim se curvando, ato por ato, atitude por atitude, às sugestões do inimigo invisível que, realmente, só desejava desgraçá-lo.

No entanto, uma vez tombado para sempre o próprio corpo carnal, o que Leonel encontrara como Espírito fora o prosseguimento da própria vida que tentara destruir para evitar a desonra, assim os mesmos dissabores, angústias e preocupações, agravados por uma hipersensibilidade torturante, como pelas penosas impressões físico materiais oriundas da violência do choque traumático derivado da morte prematura.

Cumpriria cientificar-me do passado espiritual das personagens implicadas no drama que se apresentava complexo e muito grave, a fim de me habilitar para uma favorável solução do mesmo.

(...) Deliberamos, então, recorrer ao Guardião hierárquico de Leonel, certos de que, por mais desgraçada e revel que seja uma individualidade, sempre será exato que contará com fiéis amigos do plano invisível, prontos a beneficiá-la e assisti-la, desde que ela própria consinta em ser auxiliada através da boa vontade em progredir.

Prontificou-se ao relatório solicitado o venerando mentor espiritual e, bondosamente, qual o emérito professor na cátedra elucidativa, foi dizendo, como em prelúdio às narrações que viriam a seguir:

*- O nosso querido Leonel necessitava, meus amigos, realmente, da amarga lição que, finalmente, a lei das causas e dos efeitos o levou a experimentar. Desde tempo remoto até a atualidade, ele se vem inspirando em diretrizes corrompidas, arraigado a paixões inferiores, sem boa vontade para a emenda em princípios regeneradores, apesar dos nossos esforços para conduzi-lo à marcha legítima para o Bem. O orgulho incorrigível, os instintos inferiores, a indiferença pelo respeito a Deus e às leis da Vida e da Morte, a permanência intransigente nas ínfimas camadas da moral, as conseqüências sempre desastrosas daí decorrentes, bradavam por um corretivo mais enérgico, uma punição que, levando-o à dor legítima, dispusesse suas faculdades a atitudes mais sóbrias, permitindo-lhe raciocínios a bem de si mesmo. Variados ensejos para o progresso nós lho vimos concedendo dentro de período milenar. Há menosprezado tudo, conservando-se fiel ao antagonismo com a luz. Vezes várias fizemo-lo reencarnar em ambientes honestos, no seio dos quais lições e exemplos educativos jamais escassearam. A tudo repudiou, desgostando pais, ferindo irmãos, atraindo amigos, negando-se ao dever, reincidindo em faltas graves, afastando-se de Deus!*

*Fixado, assim, num círculo que se tornava vicioso, urgia algo em seu socorro através de um corretivo que para sempre lhe sacudisse as forças psíquicas para novos rumos.*

*Qual o corretivo, porém, a aplicar?... Que punição bastante justa, castigo assaz sábio para, corrigindo-o, não reverter em impiedade por parte da lei que os permitisse?...*

*De fácil solução seria o problema, aplicado tantas vezes entre os endurecidos no mal, pela mesma lei: - deixá-lo inteiramente entregue ao seu livre arbítrio! Afastarmo-nos dos seus caminhos, não mais os aconselhando durante o sono corporal e tão-pouco tecendo em torno dos seus passos barreiras que anulassem os múltiplos malefícios com que teimava em barricar a própria evolução moral espiritual. Deixarmos de interferir nas reencarnações, abandonando-o à própria responsabilidade, sem nossas inspirações e assistência, a fim de que sentido, finalmente, a solidão interior envolver o seu espírito, ele se humilhasse perante si mesmo e procurasse reencontrar-nos, com boa vontade para a emenda e a conquista do progresso, impulsionado pelos agulhões da dor.*

*(...) Pelos meados do século XVI (1547), já a Inquisição em Portugal estava definitivamente estabelecida. Depois de longas e mui fastidiosas demarches e controvérsias dos governos do Reino com os poderes eclesiásticos de Roma, foi oficializado esse célebre tribunal, meio religioso, meio civil, cujos fins desumanos, inconfessáveis, são ainda hoje a mácula que enodoa não apenas o gesto da Igreja, que em hora infeliz consentiu patrociná-lo, mas também os poderes civis que o requereram e adotaram.*

*Em Portugal, onde se verificaram os acontecimentos que evocamos, coube ao Rei D. João III, chamado o "Piedoso", graças ao fanatismo religioso de que dava provas, ativar as negociações junto de Sua Santidade, o Papa Paulo III, a fim de oficializá-la, decretando suas funções com plenos poderes, pois compreendeu esse cruel soberano as grandes vantagens de ordem econômica resultantes de uma perseguição sistemática, oficial, contra os chamados "hereges", ou judeus, tão altamente colocados no comércio como na indústria, uma vez que a perseguição incluiria a confiscação de suas fortunas e bens imóveis. Jamais em outros países da Europa agiu a Inquisição contra os judeus, com tão cruel violência como na Espanha e em Portugal. Esse tribunal civil e religioso, como vemos, era estabelecido e patrocinado pelas leis religiosas, mas firmado também em poderes civis, ou nacionais, e por isso tanto servia à Igreja, ou aos seus representantes, como ao Estado.*

*Pertencendo à classe mais aprimorada em haveres de toda e qualquer comunidade da Europa, mesmo acima de muitos vultos da nobreza, em matéria financeira, os judeus se viam perseguidos pelo Estado incessantemente, o qual lhes confiscava os bens para aumentar os cofres públicos, ampliar o conforto pessoal e o fausto da realeza e incentivar este ou aquele empreendimento de benefício geral, ou público, muito embora tal dispositivo nem sempre constasse da lei oficializada.*

*Ora, precisamente em Lisboa, no bairro hoje denominado Mouraria, durante o reinado de D. João III, e quando as férreas leis inquisitoriais exerciam com violento vigor as suas arbitrariedades, erguia-se um solar de belas proporções, rodeado de altos muros de pedras superpostas, como fortificado, cujos portões pesados antes se diriam os batentes de uma pequena fortaleza.*

*Ali residia o ex-Rabino, nascido Timóteo Aboab, em Portugal, hebreu por tradição, assim chamado e conhecido por seus compatriotas e irmãos de crença israelita, mas a quem as leis do fanatismo religioso, encarnadas na personalidade cruel do Rei D. João III, durante uma das muitas perseguições verificadas contra os indefesos súditos de raça hebréia, obrigaram à conversão e ao batismo da fé católica romana sob o nome de Silvério Fontes Oliveira. Fora ele casado com uma dama graciosa e muito formosa, espanhola de nascimento, mas descendente de árabes legítimos, cujo nome seria Arammza. Desse consórcio felicíssimo três filhos varões haviam chegado ao mundo, para orgulho do respeitável Rabino, cujo coração se dilatava tanto, contemplando a prole masculina. Seus nomes eram em escala decrescente - Joel, Saulo e Rubem. Na mansão da Mouraria vivia ainda uma sobrinha de Timóteo, a formosa e meiga Ester, cujos pais haviam sucumbido sob os tratos da Inquisição, deixando-a órfã aos seis anos de idade. Quando Rubem, o filho mais novo de Timóteo, contava apenas seis meses de existência, houve uma das terríveis perseguições em Lisboa e o Dr. Timóteo e esposa foram presos pelo "Santo Ofício". Torturados, a fim de abjurerem (renunciar publicamente) a crença dos seus antepassados, Timóteo, visando a furtar a esposa às crueldades que presenciava e sofria, abjurou - ou fez que abjurou - a velha fé nos Profetas da sua raça e fez abjurar a esposa, aceitando, então, o batismo, a troca de personalidade social, com um nome bem português e ainda a humilhação da troca de nome dos filhos por cuja sorte tremia de aflição no fundo do cárcere. Em verdade, porém, o horror e o ódio à crença dos cristãos recrudesceram em seu peito e, intimamente, no silêncio do seu coração e nas fecundas exaltações do próprio pensamento, conservava-se o mesmo fervoroso hebreu de sempre, venerador da Lei de Moisés e da crença de seu povo, agora porventura com mais nobre fervor e sentidos zelos de crente ofendido na delicadeza do próprio ideal. Todavia, fora em vão o sacrifício no tocante à pessoa de Arammza. Não resistindo aos tratos sofridos na prisão e tão-pouco ao desgosto pela abjuração, que considerava ofensiva ao Deus de Israel, como à sua honra pessoal, a formosa judia espanhola deixou de existir, ficando inconsolável o pobre esposo e na orfandade os três pequenitos cujos nomes, após o batismo imposto pela catequese inquisitorial eram - Henrique, José e Joaquim, respectivamente. Iguamente batizada, Ester passou a chamar-se Mariana, prenome bem português, que lhe fora aplicado no intuito de encaminhá-la mais satisfatoriamente à salvação eterna... segundo a hipócrita convicção daqueles que lho impuseram. Nestas páginas, não obstante, continuaremos a tratar nossas personagens pelos seus nomes de origem, uma vez que, liberais que deveremos ser, respeitaremos o direito que têm eles, ou quem quer que seja, de se nomearem conforme lhes aprouver.*

*Corria normalmente a vida do Dr. Timóteo e sua família desde a última perseguição que fizera sucumbir sua muito amada mulher. Outras refregas se verificaram depois, visto que eram constantes, mas sem grandes prejuízos para os perseguidos e sem perturbações para a sua mansão. Passando agora por cristão, com toda a família, os vigias e espíões da Inquisição observavam que, realmente, freqüentavam as igrejas, assistiam a missas, praticavam os sacramentos (batismo, eucaristia, penitência, matrimônio e extrema-unção), submetiam-se aos jejuns decretados pelas bulas, abatiam aves e animais para a sua*



mesa, não mais sob indicações dos princípios judaicos, mas como o faziam os povos ocidentais, ou antes, os cristãos, etc. Os filhos eram instruídos por frades dominicanos, sem que, a bem deles próprios, pudesse o pai se opor à opressão, indo os dominicanos, não raro, à mansão, a pretexto de levar lições extraordinárias, a fim de velarem pela sua fidelidade à nova fé, mas em verdade no intuito de observarem se não se trairiam deixando perceber traços de que "judaizavam" ocultamente, isto é, se praticavam algo que revelasse o culto judaico. A revolta se alastrava então, facilmente, pelo coração do antigo Rabino, ao qual obrigavam a todas as práticas contrárias às suas tradicionais convicções, e o amargor crescente tocava, muitas vezes, as raízes do desespero, quando compreendia que nem mesmo direitos sobre os filhos podia ter, pois estes eram encaminhados sob princípios religiosos antagônicos com aqueles que desde milênios inspiravam a sua raça, a esta fornecendo aquela convicção inabalável e o heroísmo que, desde os dias de Abraão até o presente, dos hebreus fizeram a raça mais poderosa e moralmente forte na Terra.

Não obstante, Timóteo era homem bondoso, honesto, inofensivo, incapaz de uma vilania, até então nada revelando que desse a supor a odiosidade de que seria capaz futuramente; chefe de família amoroso e respeitável, de hábitos rígidos e decência inatacável. Sua casa, desde que as arbitrarias leis do "Santo Ofício" obrigaram a tornar-se cristão, abria-se a visitas de fiéis católicos cheios de curiosidades e inveja, os quais, afetando piedade e abnegação, iam a título de animá-lo ao progresso na fé, mas, em verdade, para cobiçar os valores que a mansão encerrava, as preciosidades dos mármorees do jardim, com seus repuxos e tanques pitorescos rodeados de belas flores, das baixelas e dos cristais, das obras de artes que aos seus salões tornavam cenáculo digno de admiração. Sabendo-o rico, exploravam-no sem pejo, não apenas os dominicanos representantes do "Santo Ofício", a pretexto de cobranças de dízimos, licenças espórtulas para a salvação da sua alma e da alma dos filhos, etc., mas também outros indivíduos, tais como fidalgos arruinados, autoridades civis e religiosas, etc.

Ora, assim sendo, impossível seria ao infeliz judeu e sua descendência simpatizarem com as opiniões de indivíduos tão desleais e moralmente inferiores, e ainda menos confiarem numa crença religiosa cujas diretrizes permitissem iniquidades como as que eram aplicadas a ele próprio e aos seus irmãos de raça, por aqueles que dela se propalavam luminares. Ignorava ele que a essência do Cristianismo rezaria exatamente o inverso de tudo quanto a Inquisição proclamava e executava, e que, como doutrina, era antes a mais sublime expressão do amor de Deus e da beneficência para com o próximo existentes sob a luz do Sol, e que aquele Cristo de Deus, que reis, papas e dominicanos lhes impunham pela violência e o terror, jamais aprovaria os planos e os meios por que seus pretensos representantes na Terra se orientavam, valendo-se do seu nome, ao qual profanavam, dele se utilizando para o decurso das próprias paixões.

Dentre os comensais da mansão judaica - corvos farejando possibilidades de altos proventos financeiros - destacava-se certo dominicano inquisidor, havia pouco chegado a Lisboa, pela freqüência assídua e amabilidades talvez excessivas em torno de toda a família Aboab, ou da família neocristã Fontes Oliveira, como era chamada após o batismo. Tantas amabilidades tinham particularidade de preocuparem o dono da casa, mal grado a lealdade de que pareciam emanar. A par desse, dois outros havia, amigos íntimos do primeiro, irmãos consangüíneos, gêmeos, e que igualmente se destacavam não tanto pela assiduidade, como pelos constantes protestos de amizade e testemunhos de consideração que aos Fontes Oliveira voluntariamente apresentavam, e que tudo indicava serem verdadeiros, leais. Chamavam-se, o primeiro, Frei Hildebrando de Azambuja, prenome que encobrirá, nestas páginas, o de certo teólogo português e inquisidor cruel no reinado de D. João III, e os outros Fausto e Cosme de Mirandela, pois descendiam de antigos nobres italianos.

Frei Hildebrando de Azambuja foi, em princípios deste século, aquele infeliz Leonel, reencarnado, aquele jogador, incrédulo e suicida, cujo drama íntimo obrigava a nós outros Espíritos assistentes, médiuns e espíritas cooperadores, ao trabalho de que damos notícias ao leitor nestas singelas páginas; e Fausto e Cosme de Mirandela dois dos seus filhos, que foram quase suicidas, salvos a tempo da odiosa tentação.

No entanto, o que era bem certo é que - nem Timóteo confiava em Hildebrando e seus sequazes, nem Hildebrando e seus sequazes estimavam Timóteo e família e ainda menos acreditavam na sua conversão à fé católica. Ambos, intimamente nutriam um pelo outro desconfiança inquietadora, sentimento hostil e antipatia pessoal perigosa, que a um observador levaria a compreender que não tardaria muito que um tal mal-estar oculto explodisse em desajustes irremediáveis, arrastando uma daquelas perseguições individuais ilógicas, absurdas, incompreensíveis, com que os séculos inquisitoriais afrontaram a posteridade.

Joel, o primogênito dentre os três irmãos, chamado Henrique após o batismo, desde algum tempo não considerava tranqüilamente as atitudes excessivamente amáveis do inquisidor para com a sua Ester.

O moço hebreu amava Ester desde menino, quando a orfandade, tornando-os desditosos, unira a sua infância para solidificar um elevado sentimento de amor, que resistiria à desesperação de todas as dores advindas da perseguição religiosa, das impossibilidades e da ausência, desafiando os séculos para se firmar como virtude imortal que os guiaria a todas as demais conquistas morais indispensáveis ao progresso pessoal. Para ele, Ester seria o bem supremo da vida, sua mais doce esperança de felicidade, sua ardente fé no porvir, a mais sagrada e santa aspiração, pelo bem de quem não vacilaria em imolar a própria felicidade e até a vida.

Observava-o e, freqüentemente, distinguia-o seguindo a jovem com olhares ansiosos, medindo-lhe a silhueta em indiscrição muito ofensiva para uma dama, e profundo terror se apoderou do coração do adolescente, cujo nobre sentimento de afeição pela prima tocava as raias da veneração.

Por outra noite de Domingo, quando as mesmas indiscrições eram observadas pelo jovem Joel, pois, como sempre, Hildebrando exigira de Mariana as formosas canções, e após as ruidosas despedidas dos clérigos, já bastante excitados pelos vinhos das adegas dos judeus, Joel, incapaz de calar por mais tempo as desconcertadoras impressões que o desorientavam, trocava confidências com o pai:

- Temo por nossa Ester, ó meu Senhor e pai! Frei Hildebrando é concupiscente e devasso... Sabemos que muitas jovens da nossa raça têm sido imoladas sob seus desregramentos sexuais, antes que a tortura dos tratos inquisitoriais e das fogueiras para sempre as libertassem da vergonha a que se viram atiradas... Suspeito desse dominicano cruel, que passa por ser o nosso amigo mais dedicado entre os cristãos, que o que deseja antes de tudo é a posse de minha Ester... e as mais aflitivas apreensões meu coração vem sufocando em silêncio, a tão abominável sugestão... Pressentimentos sinistros acovardam-me a alma...

- Que fazer, pois, ó meu Senhor e pai, em defesa de Ester, em nossa própria defesa?...

O atribulado israelita meditou durante alguns instantes para, finalmente, cedendo ao seu pendor pacífico, advertir:

- Daí, meu filho, poderá também acontecer que ambos estejamos ajuizando precipitadamente do pobre frade, o qual, a bem da verdade o deveremos declarar, vem testemunhando boa consideração a todos nós... A prevenção que intoxica o nosso coração, a lembrança do amargo pretérito em que sucumbiu tua mãe, tantos e tão rudes acontecimentos que vimos presenciando em torno dos nossos infelizes compatriotas terão criado em nossa mente o mórbido pavor que nos torna hostis para com os pobres clérigos nossos amigos, os quais até agora nenhum dano nos causaram... visto que Cosme e Fausto são recém ordenados e Frei Hildebrando há dois anos chegou a Lisboa como inquisidor-mor... Tenhamos antes paciência e confiemos nos poderes do "Santo dos Santos..."

Joel baixou a frente numa atitude respeitosa, sem querer contestar o pai, mas demonstrando, no silêncio mantido, a não aprovação aos conceitos ouvidos. De súbito exclamou novamente, os olhos brilhantes, a voz animada como se uma centelha de esperança o fizesse vislumbrar a solução desejada:

- E se fugíssemos para a Itália, onde, ao que afirmam, nossos compatriotas vivem em segurança?...

- Confesso que tenho maturado seguidamente nessa possibilidade, meu Joel... Mas fugir, propriamente, não acredito que o possamos fazer... Obtermos, porém, uma licença, uma dispensa, ou o quer que seja que as leis exijam, que nos permitam deixar o Reino, sim, deveremos pensar nessa possibilidade...

- Sim, sim, meu pai! Rogo-vos penseis nesse alvitre com insistência, a fim de o realizarmos sem demora...

- Tentarei novamente obter agora o que não consegui há alguns anos... Quando da primeira perseguição sofrida, tentei fazê-lo, desejando libertar Arammza do que, finalmente, veio a acontecer... Mas, frustraram-me as esperanças! O "Santo Ofício", apaziguado com as leis do país, dir-se-ia conhecer, porque as aplicam, todas as artimanhas de Belzebu, para desgostar e castigar os hebreus... Aliás, consentem, às vezes, que nos retiremos do Reino, impedem que carreguemos nossos bens... Tomam-nos os haveres, confiscam-nos! E como sairemos, assim votados à mais extrema miséria?...

- Tentemos sempre - insistiu o moço. - Não nos será possível permanecer nessa impassibilidade quando tantas apreensões nos assaltam...

- Tenho em mente - prosseguiu Timóteo - tentar o nosso afastamento daqui lenta e dissimuladamente, porquanto estou certo de que não nos deixarão partir de outra forma... Tentarei um salvo-conduto para ti e Saulo a título de mandar-vos a Roma, tratando de completar vossa instrução artística... bem assim para agradecer a Sua Santidade os favores que nos hão dispensados para que não mais nos perseguissem... Mais tarde encontraríamos meios de mandar Ester, e depois eu e Rubem seguiríamos...

- Mas... Ester permanecerá aqui sem minha vigilância?... Vós, meu pai, viveis assoberbado de múltiplos afazeres, não podereis prestar assistência a tudo...

O Rabino sorriu e acrescentou, compreendendo os zelos do jovem, profundamente enamorado da formosa prima:

- Visitarei, dentro de alguns dias, solicitando uma audiência, a Senhora Condessa de Faro, a qual muito amavelmente se prestou a servir como madrinha de Ester, quando do batismo desta na fé católica, que nos foi imposto... Como sabes, não há ela desprezado ocasião de proteger a afilhada, favorecendo até mesmo a sua educação entre as freiras de São Domingos, interessando-se vivamente por tudo quanto lhe diz respeito. Narrar-lhe-ei, confidencialmente, nossos terrores e observações e suplicarei sua proteção, ainda uma vez, para a afilhada... a qual permanecerá em sua companhia até que seja possível retirá-la de Portugal... A Condessa é pessoa considerada entre a nobreza e até entre a realeza... e Ester, necessariamente, estará defendida pela sua respeitabilidade... Não creio que tão ilustre quão respeitável dama se furte a assistir aquela por quem se tornou responsável perante Deus, segundo rezam as leis da sua própria crença religiosa, numa emergência crítica... E, assim sendo, impossível será a Frei Hildebrando, ou outro qualquer falso amigo, algo promover de prejudicial muros adentro da residência de tão admirável Senhora...

Não obstante presa de insopitável constrangimento, Joel aprovou a programação engendrada pelo cérebro apavorado do pai, visto que incapaz se reconhecia de algo apresentar superior aos que ouvira. Todavia, não conciliou o sono àquela noite senão pela alta madrugada. Insólita inquietação cruciava-lhe o coração, como se funéneos pressentimentos o advertissem da aproximação de irremediáveis borrascas.

(...) durante a ceia em casa de Timóteo, exclamou este para Hildebrando, encontrando-se presentes Fausto e Cosme, bem assim toda a família Aboab:

- Meus caros amigos - disse, enquanto os brindava com o copo de vinho à destra -, um favor desejo solicitar de vós neste momento, com cuja concessão provareis ainda uma vez a fiel solidariedade e boa afeição que a mim e aos meus vindes generosamente testemunhando...

(...) - Meus filhos Henrique e José desejam ardentemente aperfeiçoar estudos de pintura e arquitetura em Roma, pois se dedicam a essas artes com sincero entusiasmo, como sabeis, (...) Sabemos, no entanto, que não nos será lícito sairmos daqui, embora temporariamente, sem a devida autorização do Estado e o salvo-conduto da diocese... porquanto, a não ser assim, pareceria tratar-se de uma fuga, o que não corresponderia à expressão da verdade... Estou solicitando, portanto, da vossa proverbial afabilidade, a obtenção do necessário para que meus filhos possam seguir o mais breve possível...

Pesado silêncio acolheu a humilde rogativa, enquanto Aboab e os filhos, de olhos indagadores, ansiosos, fitavam os comensais. (...) Joel - ou Henrique - insofrido, inquiriu de Hildebrando, arriscando-se a censuras azedas diante de autoridades respeitáveis, como o eram o grande Azambuja e seus acólitos, pois muito jovem ainda era para o atrevimento de se insinuar numa conversação do pai, interrogando personagens a quem antes deveria apenas ouvir:

- Não respondeis, Sr. D. Frei Hildebrando?... Aguardamos...

(...) Ah, sim?... Esperas a resposta?... Não herdaste a lhanza de teu pai, pois ele não exigiu imediata solução ao grave problema que acaba de propor... Tu, aperfeiçoares estudos em Roma?... Desde quando os malditos descendentes de Caim se dão ao luxo de se tornarem artistas?... Enganas-te, pequeno herege, supondo-me tão simplório que não compreenda, claramente, que o que tu e os teus sonhais é a libertação da nossa fiel e benévola vigilância a fim de retornardes ao culto detestável dos teus avós, membros da família do Iscariotes... Vai, segue para Roma... Torna-te um novo Rafael ou, se puderes, suplanta Miguel Ângelo nas vocações artísticas... Mas seguirás sem os haveres de teu pai... Deixarás em

*Portugal quanto possuíres... E nem se permitirá que recebas mesadas idas daqui... Nada levarás, nem mesmo tua noiva, para que se torne tua mulher...*

*Acirrado debate seguiu-se então entre o jovem estudante e o frade. (...) Em dado instante, ouvindo do adversário um insulto mais chocante, Joel atira-lhe no rosto os restos do vinho de um copo pegado ao acaso, sobre a mesa, num supremo desafogo. (...) Mas, de súbito, um punhal brilhou nas mãos de Hildebrando, retirado de sob as dobras da sotaina... (...) Mas hei que Ester intervém, surpreendida e conciliadora, conseguindo, não sem grave esforço, apaciar a excitação geral...*

*(...) - Afastemo-nos deste antro, caros irmãos, o qual em mal inspiradas ocasiões temos freqüentado... Nada mais temos a fazer na intimidade destes ingratos, cujos umbrais se cerraram para nós... Sois testemunhas da afronta que me infligiram... a mim, Inquisidor-mor de Portugal!... E como fui desrespeitado, menosprezado, por estes malditos judeus!...*

*(...) Entrementes, Ester era cristã convicta, sem que a família o suspeitasse, sincera e enternecidamente amando aquele doce "Rabboni" que morrera supliciado numa cruz, entre dois infelizes desajustados do Bem. A convivência com duas bondosas freiras dominicanas, que, por influência da madrinha, a guiavam na instrução religiosa, florescera em virtudes, permitindo à menina entrar em conhecimento diretos com as leis e a história do Cristianismo primitivo. Ela compreendeu e assimilou tão bem a redentora doutrina do Messias que fácil fora ao seu coração raciocinar que - a Inquisição era uma criação humana, inspirada na ambição e nas paixões pessoais, a antítese daquilo que ela diariamente compreendia e admirava mais; era o escárnio, o crime, que selvagememente se apropriavam do valor incontestável do nome de Jesus Nazareno para servirem às torpezas dos homens, em prejuízo da própria doutrina por aquele ensinada. Tal segredo, porém, era absolutamente seu e ela o guardava cuidadosamente no recesso de sua alma angelical, que somente com o próprio Jesus se confidenciava, durante as orações da noite, quando então descerrava o coração para que apenas ele contemplasse os seus verdadeiros sentimentos, dele recebendo então suaves eflúvios de ânimo e esperanças.*

*À tarde do segundo dia, no entanto, dirigiu-se a ela o tio e disse, afetuoso e apreensivo:*

*- Minha querida filha temo por ti mais do que por nós outros, nas circunstâncias em que nos encontramos... O "Santo Ofício" de nada nos poderá acusar, Joel está bem longe e, ao demais temos advogados junto à Corte para defender nossos direitos. Sabemos, porém, que, sem a vigilância de teu primo e com as disposições equívocas de Hildebrando a teu respeito, corres grandes riscos de sofrer surpresas desagradáveis ou mesmo vexames... Mandeí atrelar a "cadeirinha" a fim de visitarmos tua madrinha e deixá-la a par do que se passa... Há-se revelado ela nossa fiel amiga, sendo mesmo contrária ao movimento hostil continuamente verificado contra nossa raça, e já por várias ocasiões, como não ignoras, há também oferecido préstimos a teu favor... Ao demais, sendo espanhola e não portuguesa, não terá, certamente, grandes interesses em nos detestar gratuitamente, apenas para satisfazer a Inquisição, não obstante a Espanha igualmente perseguir os de nossa condição... Apelarei, portanto, para o seu coração maternal, rogando aceitar-te em sua casa até que os horizontes se desanuviem em torno de nós...*

*Ester era humilde e obediente. Respondeu a seguir, embora o coração se lhe confrangesse a idéia de se afastar do próprio lar:*

*- Pesa-me deixar-vos em momento tão crítico, meu tio... Mas se assim deliberais será porque assim será o que melhor convém... e aprovarei vossa resolução...*

*Subiram para a pequena viatura, mais cômoda e usual para pequenos percursos, e partiram para a residência da condessa Maria de Faro, em cujo caráter confiavam de todo o coração.*

*A Condessa Maria era mulher de quarenta anos de idade, valorosa e digna, não existindo até então, no conhecimento público, nenhum desliz que a levasse a desmerecer do conceito que desfrutava na sociedade e na intimidade dos amigos. Espanhola de nascimento, mas consorciada com um fidalgo português, vivia desde muito em Portugal, sendo amplamente relacionada entre a nobreza e até mesmo entre a realeza. Confessava-se contrária às hostilidades infligidas aos hebreus, fossem portugueses ou estrangeiros, e em presença destes e dos amigos íntimos, atacava com veemência as leis que estabeleciam tanta desumanidade contra criaturas indefesas. Não seria de admirar que tão digna Senhora assim se conduzisse, visto que, por aqueles atormentados tempos, muitas vezes beneméritos bradavam contra a Inquisição, censurando e até execrando as suas façanhas. A Condessa, porém, em verdade, era mais loquaz e leviana do que realmente sincera naquilo que afirmava e, a despeito de, realmente, não desprezar a raça judaica e dela se compadecer, não se esquecia jamais de também testemunhar considerações aos*

*inquisidores, esmerando-se em amabilidades sempre que possível. Levando Ester a pia batismal, quando da obrigatoriedade imposta aos judeus, e defendendo, por mais de uma vez, não só a afilhada como toda a família desta dos choques circunstanciais provocados pelo fanatismo partidário, cativara de tal sorte a confiança dos Aboabs que por mais de uma vez fora também ela a sua confidente e conselheira. Quando do desejo de Joel e Saulo se transferirem para Roma, no intuito de fugirem às opressões diárias que suportavam, tencionavam suplicar-lhe o valor, ainda uma vez para lhes conseguir a necessária licença, caso falhasse o concurso dos supostos amigos inquisidores. Entretanto, como vimos, o funesto incidente, entre estes e o primogênito da casa, transformou a programação do velho Rabino, sugerindo novos passos na via angustiada que palmilhava.*

*A Condessa Maria de Faro reencarnada se achava, nos primeiros decênios de século XX, na pessoa sofredora e humilhada da esposa de Leonel, o suicida por quem todo o nosso penoso trabalho era realizado, ao passo que o próprio Leonel, por sua vez, conforme revelação inicial, era a reencarnação de Hildebrando de Azambuja. Para a boa compreensão da moral desta verídica história, rogamos ao leitor não perder de vista este precioso detalhe.*

*Depois de receber a afilhada com visíveis demonstrações de afeto e alegria, a Condessa de Faro fê-la encaminhar-se para os aposentos que lhe eram destinados, concedendo-lhe uma criada para os serviços particulares, tal se tratasse de uma fidalga a quem hospedasse.*

*Encantado, o antigo Rabino osculou-lhe a destra gratamente, bem certo de que tivera a mais feliz inspiração dirigindo-se a tão prestimosa dama, enquanto Ester se limitava a sorrir acanhadamente, o coração confrangido de incertezas. Uma vez a sós a fidalga, o Dr. Timóteo pô-la a par dos ingratos sucessos desenrolados em seu lar pela tarde do Domingo, os temores de que se via presa inclusive, confessando-lhe ousadamente os pormenores da fuga de Joel sem omitir as atitudes desde muito suspeitosas de Hildebrando em torno da jovem prometida de seu filho, concluindo por lhe desvendar o recalcitrante desejo de se transferir com a família para fora de Portugal, a fim de se precatarem contra a eterna perspectiva das desumanas perseguições.*

*Maria ouviu-o atentamente, grandemente interessada. Não o interrompeu sequer com aparte ou um monossílabo, o que de algum modo impressionou o visitante, desconcertando-o. De quando em vez, como que aprovava com um leve sinal, um movimento de olhos ou de cabeça. E reconhecendo, finalmente, que seu hóspede terminara a ingrata exposição, advertiu, lacônica, mas veemente:*

*- Regressai descansado a vossa casa, Sr. Fontes Oliveira! Farei o que me estiver ao alcance a fim de vos servir... Quanto a Mariana, será um depósito sagrado para mim! Nenhuma decepção a atingirá enquanto permanecer sob meu teto!*

*À noite, no entanto, Maria de Faro sentiu-se insone e agitada, forçando a imaginação no penoso labor mental de criar uma solução que, servindo aos Fontes Oliveira, também não a indispucesse com nenhum representante dos poderes civis e eclesiásticos e ainda com o Rei e o Inquisidor-mor, Frei Hildebrando de Azambuja. Seu desejo seria realmente, beneficiar os perseguidos. Mas a loquaz espanhola seria muito experiente e maliciosa para se arriscar a toldar as boas relações sociais que desfrutava com a proteção a judeus recém convertidos, que ainda poderiam decepcioná-la, e muito interesseira para se expor ao desagrado de personagens como aquelas que lhe apontavam como inimigos que teria de combater. Na manhã seguinte, por isso mesmo, muito preocupada e mal humorada, Maria chamou em audiência particular o "Escriba" do palácio, espécie de secretário da casa, dos negócios de seu marido, cujas atribuições se dilatavam ao preparo da correspondência particular de cada um, e, depois de algumas indecisões, falou autoritariamente:*

*- Tome do necessário porque ditarei uma carta para pessoa de grande destaque social...*

*Uma hora depois de expedida a carta, Hildebrando de Azambuja era recebido pela Condessa em audiência particular, entretendo-se ambos em secreta conversação durante cerca de duas horas. Ao despedir-se, o religioso osculou a destra da inconseqüente fidalga, exclamando enfaticamente:*

*- A Circunscrição n.º... da Santa Inquisição de Lisboa agradece pela minha voz, Senhora, a valiosa cooperação que acabais de conceder ao decoro e à respeitabilidade da Igreja...*

*Retirando-se, D. Frei Hildebrando de Azambuja tomou imediatas providências para que Joel fosse detido antes de entrar em Roma, localidade em que estaria a coberto de ataques pessoais tão comuns em Lisboa, e de onde, portanto, não seria possível à Inquisição recambiá-lo com facilidades para Portugal. Era,*

como vemos, o terceiro dia da partida do jovem Aboab e Hildebrando, ressentido pelo descaso e pela desobediência à sua pessoa, e cogitando da melhor forma de castigar o ardoroso mancebo, ignorava, no entanto, a sua partida, visto que realmente não mandara espionar nem sequer concebera a possibilidade do arrojo de uma fuga. À tarde desse dia, em que visitara a Condessa, portanto, partiu de Lisboa uma escolta armada, constante de cinco homens, à cata do fugitivo e do pajem, legalmente documentada e com ordens rigorosas de prisão ao infrator, devidamente assinadas e registradas, o que lhe emprestava um irresistível poder.

Entrementes, Maria de Faro penetrara os aposentos da afilhada e, demonstrando, no semblante grave, insólita frieza, que na véspera se julgaria inconcebível, ordenou sem maiores explicações:

- Prepare-se, menina Mariana, a fim de retornar ao domicílio de seu tio... Não me será lícito recebê-la como pupila sem uma ordem do juizado e do arcebispado... Terão de me nomear, primeiramente, tutora perpétua, por ordem de El-Rei nosso Senhor, para que me seja viável a sua reeducação ao critério das nossas leis religiosas... uma vez que até agora a menina somente há convivido com seus ascendentes hebraicos, não obstante a instrução recebida sob patrocínio da Igreja...

Timidamente, muito pálida, Ester retorquiu, os olhos marejados de lágrimas:

- Senhora, eu sou cristã sincera... Amo a Cruz do Senhor Jesus com a veneração do fundo da minha alma...

A Condessa pareceu não ouvir e retirou-se sem responder. Uma aia acompanhou de volta a formosa hebréia, deixando-a entregue ao tio. Sem qualquer explicações fornecidas pela Condessa. Aboab houve de se orientar pelos relatos da sobrinha, porquanto aquela dama, até então amável e prestimosa, não se permitira sequer, agora, a consideração de uma carta esclarecedora da recusa em conservar a afilhada, quando na véspera prometera gentilmente protegê-la.

(...) Assim foi que, sem que o infeliz Timóteo de nada desconfiasse, introduziu Hildebrando de Azambuja, no solar hebreu, um espião de sua inteira confiança, procedendo, porém, para tanto, sutil e cautelosamente. O leitor certamente não conceberá o quanto de humilhante e exasperador existia em torno de um indivíduo ou de uma família considerados suspeitos de quaisquer faltas pela Inquisição. Tornavam-se, por assim dizer, execrados pela sociedade, que afetava o desprezo demonstrado como não o faria ao penoso, cujo contato todos temem e do qual se afastam com asco. Entravam a sofrer a angústia do isolamento social. Desertavam de sua casa os amigos e os comensais mais íntimos. Na rua, davam-lhes as costas ou trocavam de calçadas, quando os encontravam, aqueles que dantes lhes apertavam as mãos e lhes deviam favores. (...) Alguns dias após o interrogatório sofrido pelos Fontes Oliveira, e ainda se encontrando a mansão destituída de serviços, apresentaram-se a Timóteo um homem e uma mulher, oferecendo-se como criados ou mesmo escravos, pois não faziam questão de subsídios e apenas desejariam alimento e pouso em troca dos serviços prestados. (...) Vinham de longe - afirmavam -; das bandas da Espanha, banidos do próprio lar pela perseguição inquisitorial de Carlos V, e necessitavam ganhar honesta e discretamente o próprio sustento para se ocultarem o quanto possível, a fim de se recuperarem para a retirada que desejavam empreender por via marítima, em demanda de terras menos assoladas pela crueldade. Eram judeus espanhóis - disseram - e falavam o dialeto comum à raça, o que, para o crédulo Rabino, seria o mais seguro documento de apresentação. Confiante, o Dr. Timóteo admitiu-os sem tardança, instalando-os convenientemente, jubiloso por ficar Ester a coberto de tantas rudes fadigas.

O leitor entreviu João-José nos dias do século XX reencarnado na pessoa de Alcina, filha de Leonel, suicida como seu pai, numa existência em que se desejou ocultar, sob formas femininas, de seus implacáveis obsessores, ou seja, os antigos amos do século XVI.

Entrementes, chegara ao infeliz hebreu à nova acerba de que seu primogênito, reconhecido e detido pela milícia inquisitorial já em território espanhol, rumo à Itália, fora reconduzido a Lisboa e encarcerado por ordem do Inquisidor-mor, o mesmo sucedendo a seu pajem, o velho Gabriel.

Ora, mal grado à vigilância dos inquisidores, existia em Lisboa uma sinagoga exercendo funções quase normais. Aparentemente, tratava-se de residência particular, com acomodações para comércio, e realmente ali existia abastada família judaica, considerada, havia muito, realmente convertida à fé católica romana. Entretanto, aos sábados realizavam-se ali cerimônias do rito hebreu e comumente falava à cátedra o antigo Rabino Aboab.

*Espionando sempre, o novo criado João-José descobriu a sinagoga clandestina, acompanhando, imperceptivelmente, o amo nas escapadas noturnas periodicamente realizadas, pois, como sabemos, funcionava aquela cátedra mosaica a adiantadas horas da noite, graças ao rigor das circunstâncias. Desejando, porém, cair definitivamente nas boas graças dos ilustres mandatários do "Santo Ofício", o pretense judeu espanhol, agora espião católico, não participava seus inquisitoriais senhores da importante descoberta, esperando algo mais particular, implicando também o resto da família, dadas as vantagens existentes para as finanças próprias no fato de apontar a família toda judaizando acobertada pelo batismo e suposta conversão.*

*Era Domingo, à tarde. A família Aboab encontrava-se reunida no amplo jardim do solar.*

*Comumente a família se reunia ali, à tarde, para confabulações íntimas ou, à sesta, para ouvir as melodias entoadas pela doce Ester. Era igualmente o local preferido para conversarem no seu dialeto tradicional, acerca da história da raça. E Timóteo, então, tomando a palavra, recordava os antigos patriarcas de Israel, narrando aos filhos atentos as grandezas e vicissitudes do seu povo. Lia-lhes, depois, contrabalançando o ensino fornecido pelos mestres dominicanos, o Talmude - o livro da sabedoria - ou as próprias Escrituras, e, comentando-os, como doutor da lei que era, instruía quanto podia a família na religião dos seus antepassados.*

*João-José, que se conservava alerta a todos os detalhes da vida dos amos, desejou verificar o que poderia tanto entretê-los sob o frescor dos arvoredos. Tentou espioná-los sutilmente, penetrando dependências vedadas aos criados, para atingir o jardim que, como explicamos, era interior, como num claustro conventual.*

*Alguns dias depois, plenamente informado de todos os passos e atos de Silvério fontes Oliveira, apresentou-se o espião aos seus inquisitoriais chefes e lançou a denúncia terrível, cujas repercussões ainda nos dias presentes lhe torturam a consciência, visto que ainda se debate o seu Espírito contra os abomináveis complexos que tal vileza ocasionou para seus destinos futuros.*

*Não alongaremos a nossa história, descrevendo ao paciente leitor as demarches do processo de condenação da infeliz família Aboab. (...) Acrescentaremos apenas, evitando que o nosso noticiário se torne incompleto, que o inquisidor-mor, como sempre, colocou a serviço do seu mau caráter todos os requisitos da perversidade de que era capaz o seu coração diabólico, torturando seus antigos anfitriões com a ferocidade demonstrada nos demais processos a que presidia e orientava. Negara toda espécie de consolo e alívio aos infelizes Aboabs. Com os próprios bens confiscados, destituídos de quaisquer recursos na solidão dos calabouços, impossibilitados de se entenderem com amigos e correligionários, ainda porque nenhum destes se atreveria já a se apresentar como tal, os desgraçados não esperavam senão a morte na fogueira, como suprema esperança para o término de tão rigorosas desventuras!*

*Mantidos em prisões isoladas, não lograram o alívio de se reconfortarem uns aos outros, senão o ataque de ratos vorazes e vermes imundos, que agravavam o seu inconcebível martirólogo. Dali saíam, periodicamente, apenas para a sala de torturas. Tratava-se de dependências subterrâneas, armada em pedras e alvenaria, com longas arcadas impressionantes e teto em abóbada, local sinistro, carregado de vibrações dolorosas, odiosas, rodeado de sombras, onde o cheiro repulsivo do sangue humano e da carne queimada pareciam estigmas degradantes, e onde se passavam, em segredo para os homens, mas visíveis a Deus, os mais abomináveis crimes cometidos na face da Terra! Então, eram submetidos a interrogatórios contundentes como a outros tantos suplícios, durante os quais os algozes encontravam ocasiões sempre fáceis para intercalarem sofismas e interpolações soezes, raciocínios falsos e comprometedores para as vítimas. Somente nessas horas cruciantes podiam os infelizes se avistar, à exceção de Ester, que jamais aparecera, e se contemplavam famintos e imundos, esquálidos e deprimidos, atrelados a colunas, a fim de não tentarem sentar; e ali, tendo à frente os demais membros da família, sofriam vexames e insultos, humilhações e tratos de que a Inquisição fora sempre tão fértil em inventar para suplício de milhares de vítimas que fez durante séculos! Assim foi que - conforme entrevimos no início destas narrativas - Aboab e os filhos tiveram as unhas e os dentes violentamente arrancados, as carnes dos braços e coxas, e as solas dos pés queimadas com tenazes em brasa; os punhos retorcidos e deslocados suplícios estes lentos, que não matavam com rapidez, mas torturavam até ao paroxismo do horror, afirmando os mandatários da execrável instituição que semelhantes tratos seriam antes benemerentes porque predisporiam as almas hereges ao próprio salvamento das sombras infernais, depois da morte. Tão patético martirólogo estendeu-se por seis longos meses, durante os quais nem sequer um aceno de esperança viera suavizar as trevas*

em que se convertera a existência do desgraçado Timóteo e seus três filhos e ainda o velho Gabriel, que fora o primeiro a sucumbir.

Certa vez, ao chegarem Timóteo e Joel à sala de torturas, já inteiramente desfigurados pelo longo martírio, depararam Ester também atada a um pelourinho, inteiramente desnuda e rodeada por algozes mascarados. A infeliz judia, em cuja fisionomia se estampava o horror perfeito, suplicava por entre lágrimas e gritos lancinantes que lhe tirassem quanto antes a vida, mas que cessassem de submetê-la às ignomínias com que, na sua qualidade de mulher, se via supliciada! Não apresentava pelo corpo sinais de tratos inquisitoriais, havendo o Dr. Timóteo e o filho compreendido, num momento, a vileza dos sequazes da Inquisição, que, geralmente, profanavam cruelmente as virgens hebréias antes de atirá-las à fogueira! E agora ali estava ela, indefesa, à espera de martírios novos, em presença do tio e do noivo... para, alguns dias depois, sem mais avistá-los, morrer na fogueira... suave arremate de tão profundas desgraças...

Uma vez desencarnada - prosseguiu, finalizando, a entidade Protetora - após os primeiros meses de perturbações e desesperações, a família Aboab reuniu-se através das correntes espirituais de afinidades e simpatias, exceção feita de Ester, cujos pendores delicados e evoluídos a encaminharam naturalmente para agrupamentos apropriados ao seu grau de evolução; os demais permaneciam nos próprios ambientes trágicos de Portugal, e, o que mais doloroso ainda se tornava, residindo, como dantes, no próprio domicílio que tanto queriam. Agora de propriedade de Azambuja, que arditamente o requerera do erário público como pagamento de dívidas insolvidas pelos condenados. Revoltados e odientos, destituídos agora da confiança tradicional na crença ortodoxa em Moisés e os Profetas, em seus sentimentos apenas bruxuleava a idéia imprecisa de um Ente supremo a quem não compreendiam, e ao qual, por entre gritas e blasfêmias, invocavam para que os inspirasse na vingança contra os destruidores da sua felicidade e de suas vidas carnavais, isto é, Hildebrando de Azambuja, Fausto e Cosme de Mirandela, a Condessa Maria de Faro, que os entregara à Inquisição, e o espião João-José. E, efetivamente, durante um período quatro vezes secular, Timóteo Aboab e seus três filhos não concederam tréguas nem piedade aos seus antigos inimigos. Obsidiam-nos perseguem-nos desesperadamente, desde então, impelindo-os a desastres e desgraças constantes, até aos dias presentes, quando tencionavam impelir todos eles agora encarnados em Leonel e sua família, ao ato do suicídio, visto que seria esta a única modalidade de perseguição que àqueles não atingira até agora. E assim os obsidiam, quer se encontrem seus antigos algozes no Espaço, como desencarnados, quer estejam na Terra com novos corpos carnavais, pois existem entre as duas pequenas falanges elos de atração tão poderosos, forjados pelo ódio e pelo crime, que impossível será a Hildebrando e seus sequazes se furtarem de suas antigas vítimas, senão quando um arrependimento sincero, resoluções sadias e remissoras os inclinarem a uma modificação geral no próprio modo de proceder. O antigo Rabino e seus filhos, no entanto, até ao presente não concordaram com um novo ensejo reencarnatório, a despeito das ocasiões valiosas que piedosos agentes do Bem, incumbidos pela Espiritualidade de aconselharem os caracteres rebeldes e endurecidos à emenda dos próprios erros, lhes têm proporcionado. (...) De outro modo os antigos inquisidores, Espíritos, com efeito, maldosos, afeitos ao erro, igualmente endurecidos, absolutamente não se preocuparam com a própria regeneração até ao momento, tratando de lealmente se voltarem para Deus a fim de resgatarem o mau passado através de realizações benfazejas, em vez de o fazerem na expiação dolorosa. Tem, ao contrário, revidado as hostilidades sempre que possível, quando desencarnados, muito embora o terror que nutrem pela presença de suas desgraçadas vítimas do século XVI, agora transformadas em algozes. E tais vem sendo as batalhas verdadeiramente infernais que se desenrolam, desde aquela malsinada época, entre essas falanges litigantes, que Azambuja e seus acólitos, sentindo-se inferiorizados nos ardís para o revide das represálias, organizaram no invisível uma como associação defensiva contra os Aboabs... e, após mil tentativas e peripécias para se furtarem aos choques constantes daqueles, reencarnaram juntos, criando uma família carnal na Terra, por afinidades passadas, como unidos haviam sido no pretérito pela cumplicidade nos crimes praticados. E o fizeram nas seguintes posições de responsabilidades e descendência, automaticamente inspirados pela consciência culposa de cada um:

- Hildebrando de Azambuja - o Inquisidor-mor e maior responsável pelo drama que desgraçou os Aboabs: Leonel, o "guarda-livros" suicida.

Condessa Maria de Faro - cúmplice de Hildebrando no caso Aboab, a qual precipitou a pedra de escândalo para a consumação do drama, com agravantes, drama que, se ela o quisesse, teria atenuado através do esforço da boa vontade: - a esposa de Leonel, cujo calvário de provações e lágrimas, nessa qualidade, formaria um volume.



*Fausto e Cosme de Mirandela e João-José: - filhos do casal reencarnado como Leonel e esposa, sendo o último Alcina, a filha suicida de Leonel. Aterrorizado ante as vinditas atroztes movidas pelos Espíritos de seus antigos amos de Lisboa, o Espírito João-José preferiu ocultar-se numa encarnação de formas femininas, esperançado de que, assim disfarçado, não pudesse ser reconhecido. Enganou-se, porém, visto que sua própria organização psíquica atraçou-o, modelando traços fisionômicos e anormalidades físicas idênticos aos que arrastara na época citada. Encontrou-se, de outro modo, enredado em complexos físicos oriundos da mudança de sexo, anormalidades sexuais e mentais fáceis de fornecerem pista de reconhecimento a um obsessor... terminando, como vimos de início, sob pressão perseguidora de Timóteo, que sistematicamente lhe apresentava, em quadros mentais, um recipiente com solução corrosiva, por qualquer pequena contrariedade doméstica, porquanto seu desejo seria apossar-se definitivamente desse Espírito, a fim de escravizá-lo à seita macabra dos vingadores judaicos existentes no invisível, em ação contra aqueles que durante séculos vêm intransigentemente perseguindo, sem razões plausíveis, os da sua raça, sob mil formas diferentes...*

De posse de tão preciosas informações, estabeleci o único programa lícito perante as leis da Fraternidade:

- Tentar a reeducação dos litigantes à base da cristianização das suas individualidades espirituais, muito embora estivesse certo de que o aprendizado que se seguiria apresentar-se-ia longo e espinhoso, através de uma ou mais reencarnações. Seria tarefa árdua para nós outros, que os deveríamos aconselhar e instruir, auxiliando-os no reajustamento indispensável, mas seria necessário, imprescindível que assim fosse, e tanto eu como meus dedicados companheiros de trabalho estávamos dispostos a tentar o certame, uma vez que outro não seria o nosso dever de cooperadores do Grande Mestre Nazareno. Aliás, cumpre ao obreiro tão somente a realização dos serviços confiados à sua competência, sem discutir se serão os mesmos penosos difíceis ou de fácil execução.

A obsessão de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades.

Dramas da Obsessão – Bezerra de Menezes

## 2. Tratamento da obsessão

Dr. Bezerra de Menezes após tomar conhecimento da gravidade da situação envolvendo a família do Rabino Timóteo e a família de Leonel indicou providências aos médiuns do Centro Espírita para a realização do tratamento espiritual.

(...) Voltei as atenções para o médium que solicitara assistência para o momentoso fato, e aconselhei, psicograficamente:

"Reuni vossos companheiros mais afins para uma sessão íntima, amanhã, extraordinária, especial, para tratarmos desse caso. O menor número de adeptos possível, e absolutamente nenhuma assistência, senão apenas o presidente e os seus médiuns. Não prescindiremos da vossa colaboração fraterna. Meditai e orai, a fim de vos equilibrardes em harmonizações com as forças benfazejas do Alto, pois estareis exercendo a Fraternidade no que de mais sublime e real ela encerra, visto que conjugareis esforços na prática de operações transcendentais, cujo instrutor maior é o próprio Mestre da Humanidade, o Senhor Jesus Cristo!"

Eu sabia que aqueles singelos, mas dedicados aprendizes, acatariam fielmente as minhas recomendações, portando-se à altura da confiança que neles depositávamos, e despreocupe-me dessa particularidade, certo de que - ambiente doutrinário, faculdades mediúnicas a contento, amor ao trabalho, boa vontade em servir ao Bem servindo ao sofredor, circunspeção nos atos - todos os dispositivos, necessários aos grandes feitos espíritas, encontraríamos nas personalidades daquele punhado de discípulos cujos labores se verificavam continuamente sob rigorosa vigilância espiritual. Encerrei, portanto, minhas atividades no referido Centro, por aquela noite, e observei a Roberto:

(...) As leis da Fraternidade, pelas quais se conduzem os obreiros do mundo espiritual, estabelecem assistência incansável ao obsessor, no intuito de convencê-lo à reforma de si mesmo. Jamais o violentam,

porém, a essa meritória atitude, quando o compreendem ainda não preparado pela ação fecunda dos remorsos.

(...) - "A cada um segundo as próprias obras" - eis a sentença, ou lei, exposta por Jesus, que previne contra infrações tais.

Não obstante, nem sempre os obsessores serão entidades absolutamente más. Muitas serão, ao invés, grandes sofredoras, almas tristes e doloridas, feridas, no pretérito de existências tumultuosas, pela ingratidão e a maldade desses que agora são as suas vítimas, capazes de grandes atitudes afetivas para outrem que não o seu inimigo a quem obsidiam, e não raro também foram homens intelectualmente esclarecidos na sociedade terrena, mas a quem escasseou a sublime moral da fraternidade evangélica. Não deixaremos de lembrar ainda aqueles que são "mandados" por outrem a obsidiar alguém, por antipatias, despeito ou mesmo ódio, ordem que também poderá ser expedida por um desafeto encarnado, durante o sono corporal. Tais perseguidores agem em torno das suas presas obedecendo, portanto, a ordens de terceiros, sem que a menor animosidade os impelisse ao ato, senão a obediência a uma entidade terrena ou invisível, a quem renderão homenagens e por quem nutrirão consideração. Serão, então, com uma variante daqueles assalariados terrenos, que, por uma paga, cometeriam qualquer espécie de vileza contra um estranho, de quem nenhuma queixa teriam. A invigilância, o desajuste mental do obsidiado, na sua vida cotidiana, darão ensejos a tal possibilidade, apresentando-se esse caso, então, como consequência lógica da sua incúria no cumprimento dos deveres e não como inevitáveis resgates ou expiações de vidas pretéritas.

Não esqueçamos daquelas que têm origem no pensamento de atração da própria vítima, cuja atitude mental reteve junto de si o Espírito de um inimigo ou um rival, de um desafeto ou de um ser querido, os quais, jungidos às suas ondas de atração, de tal sorte se adaptam a elas que terminam por infelicitá-las com sua presença permanente, pois que tais entidades não estarão, absolutamente, em condições de beneficiar alguém com as próprias irradiações.

Geralmente curáveis através da prece, da meditação sadia e de uma doutrinação elevada e amorosa, tais obsessões, que melhor qualificaremos de "atuação" ou "assedio", uma vez combatidas trazem a particularidade de beneficiar melhor o obsessor do que o próprio obsidiado. Este atrairá, fatalmente, novas atuações das sombras, dado que se não dedique decididamente à prática do bem para a renovação dos próprios valores morais, enquanto aquele, pertencendo à classe humílima do Invisível, grandemente sofredor quase sempre, e ignorante de princípios redentores, ferido por injustiças e menosprezo da sociedade terrena em que viveu, será encaminhado a um reajustamento conveniente (comumente esse reajustamento será efetivado através da reencarnação), desde que demonstre desejo sincero de emenda, sendo ele mais infeliz e ignorante, conforme acima asseveramos, do que mesmo mau.

A todos esses desarmonizados das leis da Fraternidade deverão os servos do Senhor - encarnados e desencarnados - esclarecer ou proteger com dedicações incansáveis, paciência infatigável, desprendimento e desinteresse, visando não somente a méritos para si próprio, mas, acima de tudo, ao cumprimento de sagrados deveres diante do Todo Poderoso, que estabeleceu a justiça do auxílio do mais forte ao mais fraco, do esclarecido ao ignorante, segundo rezam os dispositivos da lei de amor ao próximo como a si mesmo.

(...) A ação de Roberto para retirar os dois suicidas - pai e filha - do teatro dos acontecimentos, ou seja, do seu próprio lar, destacou-se pela suavidade da prática e espírito de piedade. Não ignorava ele, que, em torno de uma individualidade impenitente, desencarnada ou não, voluteiam entidades viciosas e perturbadoras, mas que também se encontram influências amorosas de amigos da Espiritualidade, afeições ternas, de preferência uma mãe, um pai, um amigo dedicado, almas outras, prestativas e sinceras, prontas a intervirem beneficiando aquele que lhe foi caro, desde que o momento se lhes torne propício. Apelou, portanto, para o auxílio do Espírito já esclarecido da genitora do suicida, dela solicitando concurso valioso para a missão de fraternidade que se impusera, a par de outras entidades votadas, permanentemente, ao gênero de serviço.

(...) Ora, compreendendo que, à frente de tão deplorável estado, nenhum outro concurso seria tão eficiente para socorrer o atribulado suicida como o daquela que fora a sua genitora, o meu assistente dela se valeu para a retirada do mesmo do local sinistrado, certo de que o infeliz infrator a ela se confiaria de boamente, sem levantar suspeita de cumplicidade com a Polícia, como suporia de qualquer outra individualidade que se apresentasse no intuito de ajudá-lo a se afastar dali. Efetivamente, a ele se chegou,

desenvolta e diligente, aquela que, na Terra, o embalara no seio como mãe devotada, e, com autoridade, exclamou a não permitir réplica:

- Acompanha-me, Leonel! Basta de desatinos! Venho buscar-te! Vais seguir comigo! Estás enfermo e precisas tratar-se! Trago-te um médico... Ei-lo! Confia nele... Nada desagradável sucederá... Vamos!

Confiante e submisso e como aturdido por um estranho pesadelo que principiava a se desvanecer, o suicida estancou o pranto, qual menino que se cala ouvindo o balúcio materno dentro das inquietações da noite. Assim apresentado Roberto amparou-o bondosamente, compreendendo-o vacilante e atordoado, enquanto Alcina, ainda amodorrada, como em estado de coma, igualmente se sentiu transportada, como presa de pesadelo indecifrável...

E lá se foram todos, abandonando o cenário apavorante de um drama dos mais patéticos que os incidentes terrenos costumam apresentar à contemplação dos trabalhadores espirituais.

Entrementes, também urgia afastar os obsessores responsáveis pelos acontecimentos que descrevemos. Tratava-se de pequena falange de poderosos inimigos invisíveis - um pai e seus três filhos varões, uma família, portanto, perseguidora de outra família. Israelitas típicos dos meados do século XVI, em Portugal, era impressionante vê-los trajando ainda a indumentária clássica da sua qualidade racial e social da época, pois que, atados às tumultuosas recordações e às impressões dolorosas do pretérito, com tal veemência se haviam apegado ao mesmo, que seus perispíritos, pressionados pelas poderosas forças realizadoras do pensamento, se apresentavam exatamente idênticos aos seus envoltórios humanos de quatro séculos antes. Fossem alcançados pela vidência de um médium assaz desenvolvido e seriam notificados quais homens fantasiados para um baile de máscaras, indo e vindo, rancorosos e sofredores, pelo ambiente doméstico de Leonel, tal se fizessem parte da família. Não obstante, o imaginário médium teria simultaneamente observado certo detalhe singular nas configurações perispírituais das mesmas entidades: - vestígios sanguinolentos em seus corpos físico-espírituais, tais como dedos das mãos e dos pés com unhas arrancadas, gotejando sangue; carnes queimadas, quais desenhos de feridas recentes produzidas por ferros incandescentes; pulsos deslocados, impossibilitando destreza de movimentos; mordeduras de ratos gigantes, tão comuns nos calabouços de outrora; estigmas, ao longo das faces, pelo pescoço, braços e pernas, do azorrague despedaçador, enfim, todo o emblema trágico da ignomínia usada nos tratos às vítimas da Inquisição verificada em Portugal, por aquela época.

Odientos e sombrios, deixavam entrever também o panorama impressionante da longa permanência na incompreensão, do desamor ao próximo, enquanto extrema fadiga, sofrimentos morais inimagináveis se estereotipavam em seus semblantes espirituais, indicando a urgência que traziam de igualmente serem socorridos pela misericórdia daquele que não deseja a perdição do pecador, mas que ele viva e se renove para o Bem.

Roberto fora hebreu em certa existência vivida em Portugal e na Espanha e fácil lhe seria valer-se da circunstância para atingir os nobres fins que trazia em mira. Fez, portanto, que retroagissem ao passado as próprias forças mentais (fenômeno de regressão da memória, tão conhecido nos dias atuais, passível de realização tanto entre encarnados como entre desencarnados), pela ação de uma irradiação da própria vontade... e voltou a ser o judeu de outrora, o homem oprimido e sofredor em Portugal, ao tempo da Inquisição, ameaçado a cada passo por um seqüestro e quiçá pela morte, sob os tratos do Santo Ofício.

Assim transfigurado, deixou-se materializar conforme requeriam as circunstâncias, e penetrou serenamente na residência sinistrada, a qual se afigurava às suas sensibilidades delicadas o próprio local onde existiriam o choro e o ranger de dentes lembrados na exposição messiânica.

- Que Moisés e os Profetas te guardem dos teus inimigos e dos inimigos da nossa raça, Rabino... - saudou Roberto, intemorato, servindo-se de uma vibração mental especial, que àquele se afigurou o dialeto aramaico usado desde milênios pelos da sua raça.

Grave, não demonstrando sequer surpresa, como se a saudação e o dialeto em que fora ela proferida fossem garantidas credenciais recomendando o visitante, o obsessor correspondeu naturalmente o cumprimento comum entre os seus:

- Que Moisés e os Profetas te guardem, e à nossa raça, da crueldade dos nossos inimigos...

Fitaram-se, como se mutuamente se procurassem reconhecer. Roberto aguardou a interrogação, demonstrando, com essa atitude respeitosa, subida consideração à pessoa e à qualidade daquele em quem reconhecia um Rabino. Este prosseguiu, ao fim de alguns segundos:

- De onde és?... Como te chamas?... Ao que vens?

- Venho da Andaluzia... Chamo-me Miguel... Trago-te uma mensagem de paz e de amor, a par da minha visita pessoal, com um convite...

Aquele pareceu não ouvir o fraseado incomum para seus ouvidos habituados aos insultos das blasfêmias, e continuou, em divergente diapasão:

- És porventura um perseguido, um infeliz de quem fizeram um pária, como a nós outros, os de cá?...

- Não, Rabino, não me perseguem... Isso passou, com o tempo... Coloquei-me sob a égide de um grande e poderoso "Rabboni"... o qual sabe defender de todos os males quantos se acolhem à sua sombra... E venho convidar-te, em nome de tua sobrinha Ester, a visitá-la e a te entenderes com ela, pois sei que sofres desde muito, que tu e os teus fostes torturados sob mil injúrias e tratos cruéis, e que, portanto, necessitas de grande repouso e consolações...

- Assim tem sido, meu jovem andaluz... Porém, como me conheces?...

- Conheço-te, e aos teus, através dos relatos da tua Ester... Ela mandou-me a ti...

A esse nome, duas vezes proferido durante alguns instantes, o velho Rabino impressionou-se, sentindo que das profundezas da sua alma estremecimentos singulares se levantavam, dulcificando-lhe o ser. Um jovem hebreu, acompanhado de mais dois outros, ambos adolescentes, aproximou-se, vivamente interessado. Tomando a palavra, perquiriu, arrogante, revelando índole belicosa:

- E onde se encontra Ester?... É a minha prometida... Desapareceu para sempre! Os miseráveis raptaram-na, esconderam-na, após torturá-la e vilipendiá-la em nossa presença...

As interrogações se acumularam, aflitas, magoadas, atestando inquietações dolorosas. Meu jovem assistente, no entanto, retorquiu, sereno e convincente:

- De fonte autorizada eu vos informo que se acha bem próximo o momento em que haveis de revê-la para nunca mais vos apartardes dela! Todavia, depende de vós a obtenção de tão grandiosa felicidade... Rogo-te, Rabino, atenderes ao chamamento de Ester, indo visitá-la onde te espera... e ao meu convite, para travares conhecimento com o "Rabboni" que me protege e que igualmente a ti estará pronto a amparar...

O velho israelita, com um ricto de enfado e com um estremecimento singular, qual vibração odiosa inédita para o meu delicado assistente, que jamais odiara alguém, redargüiu:

- Para dizer-te a verdade, jovem patricio, fui perseguido, sim, porém, hoje já não o sou... No momento revido as ofensas outrora suportadas... e tu sabes, pois que és um dos nossos, que, por muito que eu me dedique a requintar a vingança, não chegarei a "ofendê-los" ou "fazê-los" sofrer tanto quanto "eles" a nós outros o têm feito... És judeu, meu jovem andaluz, e não ignoras o que, em Portugal e na Espanha, o "Santo Ofício" há realizado contra nós...

- Quer dizer, então, Rabino, que esses de quem hoje te vingas, isto é, Leonel e família, pertenceram ao "Santo Ofício", ou à Inquisição, em Portugal... e que o drama que neste cenário entrevejo tem origem nesse remoto tempo?...

A entidade obsessora voltou-se, agitada por significativa surpresa:

- Remoto?... Tu dizes um tempo remoto?... Não! Foi ontem mesmo!... Pois ainda não estamos com o reinado de El-Rei D. João III?... Ainda estou ferido, e também os meus filhos, vês?... Ardem-me horrivelmente as queimaduras, e magoam-me... Sangram-me os dedos, de onde me arrancaram as unhas... Sofro muito... e também os meus pobres e queridos filhos, que eram jovens honestos e gentis, que nenhuma ofensa dirigiram àquela malta... mas os quais agora vejo reduzidos a este estado... Foi ontem mesmo, foi! Oh!... Mas sim... Às vezes parece-me que esse tempo está muito distante... que tudo aquilo aconteceu há séculos... Mas tal impressão de longevidade se dá porque tenho estado encarcerado muitas vezes... e nas sombras de uma masmorra o tempo se afigura mais longo, não é verdade?... E sinto-me cansado, muito fatigado... No momento, pois, vingo-me dos meus algozes de outrora, ou de ontem, nem sei ao certo... desses, que aí estão... São esses miseráveis e depravados, que vês por aí... a chorarem hipocritamente, clamando por Deus, a quem nunca honraram e em quem não crêem... como se fossem dignos de pronunciar tal nome... O que quero é despedaçá-los... Vês aquele, acolá?... O moreno, de olhos grandes e melancólicos, como os de todo hipócrita quando planeja o mal?... Ainda é o mesmo de outros

tempos... Foi quem lembrou de nos dilacerar as carnes, abrindo-nos estas feridas... Conheci-o sob o nome de Fausto de Mirandela... Parece que agora usa outro nome, para melhor se poder ocultar, como faz todo covarde da sua espécie... Pretendo trucidá-lo qualquer dia desses... Quero vê-lo despedaçado, sentindo por todo o corpo as ardências torturantes que eu e meus filhos sentimos, quando nos arrancaram pedaços de nós mesmos com as tenazes em brasa, usadas pelos carrascos da Casa da Inquisição... Há dias atiramo-lo diante de um monstro de ferro e fogo, cujo roncar nos apavora, monstro que deita fogo, fumo e estrídulos dolorosos, alarmantes... Se o apanhasse, esse monstro o despedaçaria em suas garras, pois que as possui inúmeras, grandes, terríveis, destruidoras... Porém, salvaram-no. Sei que já não sou, propriamente, um homem, mas apenas um simulacro de homem, a despeito de me sentir tão vivo e tão humano como dantes, assim como os meus filhos... e sei que eles, os meus algozes, o são, disfarçados, embora, em outras armaduras... Eles sempre se disfarçaram assim... Noutros tempos vestiam-se de amplas túnicas negras, com capuz e máscara, para não serem reconhecidos pelas vítimas... e também temendo represálias... Não importa, são os mesmos de ainda ontem, e, por isso, vingó-me, pois este litígio desencadeou-se desde nossa arbitrária prisão, em Lisboa... A lei me dá direito do rícochete... Dize a minha Ester que venha cá, antes, ver-nos... Sentimos inconsoláveis saudades dela, mortificantes preocupações a seu respeito nos desorientam... Procuramo-la por toda a parte onde nos pareceu possível encontrá-la... Porque nos abandonou assim? Ou têm-na presa?... Sim, os miseráveis desonraram-na e encarceraram-na... que venha ver-nos... Dize-lhe que está vingada: - Frei Hildebrando foi por nós trucidado... Foi ele o seu maior algoz, sabes?... Se és andaluz debes conhecê-lo... Quem o não conhece em Espanha? Trata-se de história dolorosa... Não poderei abandonar este posto para ir vê-la... Vigio-os, aos miseráveis inquisidores... Acho-me em vésperas de colher mais dois em minhas redes, para atirá-los ao bártro dos réprobos... Tu conheces o bártro dos réprobos?... mergulho-me nele por algumas vezes, a buscar inspiração para o meu ódio e as minhas vinganças... É horrível! Hei visto por aí todos os baixos níveis da sordidez humana, dos sofrimentos e depressões, mas nada se me afigurou mais sórdido do que a abjeção do suicida! E nem tu poderei explicar, porque me faltariam palavras! Os esgares que ele apresenta nas convulsões traumáticas, suas revoltas, suas blasfêmias de demônio enlouquecido, sua pavorosa confusão, eternamente envolvido em ânsias e sombras de pesadelo, suas diabólicas alucinações e seus furores e raivas são inconcebíveis por um raciocínio normal... e todo o monstruoso cortejo dos seus males agrada-me para aplicar em meus algozes, os algozes de meus filhos e de minha Ester... Torná-los, a todos, suicidas! Eis o meu anelo supremo! Oh, que alegria para o meu coração, que se rebelou para sempre! Já atirei dois deles: - Frei Hildebrando e o miserável João-José, que agora andou disfarçado em mulher... Assim fazem os traidores covardes - disfarçam-se em sexo diferente, pretendendo não serem jamais reconhecidos... Puro engano! Nada há que os encubra às nossas vistas! E a João-José reconhecemos, particularmente, pelo coxear da perna esquerda, que agora não pôde ocultar... a um dei a arma com que despedaçou a cabeça: - Frei Hildebrando! Ah! Ah! Confesso-te, amigo andaluz, que ajudei a acionar a molazinha mágica... Mas ao outro, ao traidor João-José, a quem aqui chamam "Alcina" - ah! ah! ah! "Alcina"!... - a esse ofereci um tóxico violento: - Veneno! Veneno! Morte que se dá aos traidores... como se fazia nos tempos de Sua Santidade, Alexandre VI... Mas Hildebrando, agora, percebe-me, só agora! E se horroriza... Esconde-se debaixo das camas, tal como eu e meus filhos, quando os beleguins do "Santo Ofício" nos invadiram a casa... Mete-se dentro dos armários, das arcas, por trás das portas, sem coragem para enfrentar-nos, como outrora... É um covarde, afaço-te! Vou levá-lo, eu mesmo ao bártro, onde estão os seus iguais... Estou decepcionado... e não compreendo... Porque não foram os dois para o bártro, até agora?... Frei Hildebrando está uma sombra do que foi, o cruel inquisidor! Mas não era só isso que eu desejara para ele... E João-José desmaiou e se encontra em agonia desde que sorveu o tóxico de Alexandre VI, que lhe ofereci, isto é, aquela água tofana, a que estou ouvindo chamarem aqui Arsênio... Estou desesperado! Porque não foram para o bártro?... Hei de arrastá-los até lá... Se me ausentar daqui, algo desagradável sucederá... Meus filhos são inexperientes, sem mim não saberiam agir... Dize a minha Ester que venha cá...

Calou-se, exausto, como sucumbido por ansiedade depressora... Roberto, que ouvia em muito prudente silêncio, chamou a si a serenidade possível no caso, para responder com inteligência:

- Creio muito justas as tuas ponderações, Rabino, e concordo contigo: - a lei de Moisés prescreve, com efeito, a retribuição das ofensas contra nós praticadas pelos nossos inimigos... Muito a teu pesar, porém, declaro-te que Ester não deseja medir-se com estes réprobos... Esqueceu-os completamente, porque é feliz! Não está prisioneira, nada sofre... Todavia, não virá... Se queres vê-la e falar-lhe, terás de buscá-la onde se encontra... E aproveitarás a oportunidade para te entenderes com o "Rabboni" de que venho falando, do qual é ela discípula...

- Tu mais e mais me aguças as preocupações e a curiosidade... Mas estou indeciso... Esse teu "Rabboni" me reprochará pelos feitos que venho realizando em torno dos meus algozes?... Muitos outros o têm feito... mandando-me perdoar-lhes, pois dizem que, com efeito, a lei e os profetas ensinam o amor aos semelhantes?... Mas, que têm eles com os meus assuntos particulares?... Aos semelhantes, sim, concordo! Mas, e aos inimigos?... Um inimigo será um semelhante nosso?... Como poderei amar Frei Hildebrando, João-José, Fausto e Cosme de Mirandela, a Condessa Maria de Faro?... Quem é, afinal, ele, esse Rabboni teu amigo?...

Sem desejar valer-se de uma inverdade, mesmo quando ela poderia passar como beneficente, mas também não podendo expor a verdade em toda a sua clareza, revelando a pessoa de Jesus Cristo, que era a quem se referia, respondeu com segurança o meu assistente:

- É um dos nossos! Como tu, como eu, como teus filhos, foi igualmente perseguido, vilipendiado, supliciado pela casta sacerdotal... Não, ele não te deteria nas ações que preferires praticar, pois concedenos liberdade de ação... deseja, sim, que renunciemos ao mal por amor à virtude, mas quer que o façamos por nossa livre e espontânea vontade, sem quaisquer coações... Vem, sem temor... E a fim de que nenhuma anormalidade advenha, contrariando-te, deixaremos aqui alguns amigos - uns milicianos árabes - de ronda a esta casa... são também teus amigos... desejam ser úteis a ti e aos teus filhos...

O chefe dos ofensores aquiesceu, talvez premido por uma vontade superior interessada em conceder-lhe ensejos para a emenda de princípios, e certamente vencido pelo desejo de rever Ester, sua sobrinha, igualmente supliciada e morta pelo tribunal da Inquisição, a qual, no entanto, jamais pudera reencontrar, desde quatro séculos, uma vez que ela soubera, desde muito, acolher-se sob a inspiração do Bem e do Amor, perdoando àqueles que a haviam torturado no passado, e, portanto, afinando-se com a Luz.

Seguindo ordens recebidas, o operoso e paciente Roberto transportou o velho Rabino para a localidade onde existia o núcleo espírita sob cuja responsabilidade o trabalho de esclarecimentos se faria. Para o obsessor judaico a caminhada fora normal, afigurando-se que marchava a pé, pelas ruas de Lisboa, as mesmas que, quatro séculos antes, perlustrava diariamente, e cujas imagens e panoramas se haviam decalcado em suas forças mentais, tornando reais, para si mesmo, as figurações que não mais existiam senão nas repercussões vibratórias das suas recordações concretizadas. De outro modo, o antigo israelita não procurava inteirar-se da época social em que se encontravam os homens, continuando, assim, a existência absorvido pelas próprias preocupações da etapa que vivera na Terra, ou se a localidade onde agora viviam os seus antigos desafetos seria ou não seria Lisboa. O que nele se acentuava, pois, era o retardamento do progresso pessoal, a personalidade amodorrada pelo ódio sombrio e tradicional, a mente e a vontade escravizadas a uma idéia inferior, incapacitando-o, portanto, para as funções da evolução normal. Os quatro séculos decorridos do dia em que se vira aprisionado pelas autoridades do chamado "Santo Ofício", de Lisboa, com toda a sua família, até os dias atuais, afiguravam-se-lhe período normal de alguns anos. Ele perdera, aliás, a noção do tempo, como alguém que, vendo-se atirado a um calabouço durante longo período, sofre a impressão atordoante da longevidade em que se perdeu mentalmente, não podendo distinguir, portanto, as datas, não mais podendo contá-las, sequer se apercebendo, do fundo do seu abismo de impossibilidades, se para além das muralhas que o detêm é dia ou permanecem trevas eternas, idênticas às do cárcere em que se amesquina.. Em verdade, nem esse pobre sofredor e tão-pouco os filhos queriam distinguir em derredor senão as personalidades pelas quais se interessavam ou o que com elas se relacionasse. Os demais acontecimentos e personagens, localidades, progresso material terreno, etc., passariam despercebidos às suas percepções ou a eles não prestavam verdadeira atenção, como se os sentimentos inferiores, fornecedores das pesadas irradiações que os envolviam, tecessem estranho nevoeiro em torno das suas expansões inteligentes, anulando-as para qualquer pendor que não a sua idéia fixa de ódio e vingança. Assim sendo, não perceberam que se transferiram de Portugal para o Brasil, atraídos pelas correntes afins existentes entre eles próprios e aqueles a quem odiavam, como não perceberam que do Sul do Brasil eram transportados para um recanto do Estado de Minas Gerais, em alguns minutos, tempo assaz longo para um Espírito em condições de progresso normal locomover-se, mas muito rápido, em verdade, para uma entidade inferiorizada transportar-se, tão rápido que, tal sucede com o movimento da Terra e os homens, seus habitantes, ele nada distinguiu, supondo-se antes a caminho de local desconhecido, em Lisboa, ao lado de um mensageiro da sua Ester. O certo era que o meu caro assistente, valendo-se das possibilidades das forças naturais do mundo espiritual, transportara o obsessor através do Espaço, valendo-se da volitação... e fê-lo entrar no "Posto Mediúnico" de onde partira a ordem para detê-lo de qualquer forma.

Gentilmente recebido por dedicados trabalhadores espirituais do Centro em apreço, convenceu-se de que se encontrava num gabinete reservado de alguma sinagoga israelita, pois não esqueçamos de que Roberto lhes sugerira que o levaria a conhecer certo Mestre judeu famoso; e sentiu-se esperançado, dilatando-se-lhe o peito num hausto de reconfortante expectativa. Acomodou-se em confortável poltrona, que lhe indicaram, e, pensando em Ester, murmurou:

- Disseram-me encontrar-se ela sob tutela de um grande e generoso "Rabboni", um dos nossos... Louvados sejam os Profetas de Israel, que a salvaram do bando de corvos dos subterrâneos do "Santo Ofício..." Querida e pobre filha! Vou, finalmente, ver-te! Louvados sejam os Profetas...

Pendeu a cabeça e adormeceu sob nossa injunção.

Sobre a Terra, eram duas horas da madrugada...

(...) Na noite seguinte à nossa entrevista com a entidade espiritual orientadora das duas falanges em apreço, realizou-se a reunião dos médiuns de minha confiança, por mim solicitada, e eu e mais alguns obreiros ligados à agremiação terrena, patrocinadora do feito, levamos ao fenômeno da incorporação o antigo Rabino e seus filhos.

Em verdade ser-nos-ia dispensável aquela reunião. Resolveríamos, sim, o lamentável drama espiritual, dispensando o concurso humano. Mas três fatores existiam, poderosos, que nos animavam ao feito: - ensinamento e aprendizado para os próprios homens, que urgentemente necessitam conhecer os grandes dramas da Humanidade distendidos para o além-túmulo; ensejo de progresso para os médiuns e cooperadores terrestres nos setores da Fraternidade, que assim se habilitariam à prática de inestimável feição da Beneficência, e mais facilidade para a conversão dos endurecidos Espíritos diante do fenômeno mediúnico espírita, cujo aspecto impressionante é de grande importância para um desencarnado. Os debates com o Presidente da mesa eram vivos, eloqüentes e acres por parte de Timóteo e de Joel, e menos resolutos por parte dos jovens Saulo e Rubem, que se diriam apenas o eco das ações do pai e do irmão, como que obsidiados os seus Espíritos pela ação constante de duas vontades mais poderosas; ponderados, profundos e não menos vivos e eloqüentes por parte do Presidente, que trazia a seu favor, a par de outros fatores, quatro séculos de progressos gerais e ainda a lógica irrefragável e vigorosa fornecida pela Doutrina Espírita. E seria belo vê-los e ouvi-los!... Confesso que sorri de sincero júbilo contemplando os meus disciplinados pupilos empenhados em tão formosa peleja transcendental, a benefício do próximo! E, o coração se me dilatando em fervoroso desejo da vitória do Amor, acionei intuições ao Presidente dos trabalhos, auxiliando-o quanto possível no generoso empreendimento. Ele e Timóteo dir-se-iam, então, o quadro vivo de duas épocas que se empenhavam em lutas: - para resistir ao tempo, uma, que era sombria e cheia de amarguras, recordando um pretérito de opressões, para implantar as luzes do conhecimento e da esperança, convidando a criatura à liberdade através da Verdade; a outra, que trazia o futuro por fanal sob as alegrias do Consolador! Ambos cultos, conhecedores do terreno filosófico que representavam, os seus discursos lembrariam a oratória das Academias gregas, onde os mais belos temas filosóficos eram levantados para debates que honrariam oradores e ouvintes.

E duas horas de argumentações se escoaram, durante as quais a inusitada tragédia de Lisboa foi citada e revivida através do verbo queixoso e magoado dos antigos judeus, com toda a patética amargura da sua realização, esgotando os médiuns, que se viram obrigados a elevar do olvido uma época já desaparecida nas dobras do tempo e os seus problemas, sob injunções irresistíveis de um formoso, mas penoso fenômeno, tornado torturante pelo choque dos fluidos contundentes que seu ódio e suas dores emitiam! Mas, subitamente, surgiu Ester em plena reunião, tornando-se visível aos comunicantes e videntes. Ester, a virgem sacrificada que, depois de quatro séculos de ausência, retorna aos seus, mais formosa sob a estrutura espiritual do que jamais o fora na terrena, coroada de rosas agora, recordando as flores preferidas na mansão judaica, um jacto de luz azul a irradiar ondulações sublimes ao redor de toda a sua configuração espiritual, evocando a imagem das virgens que sucumbiram, não mais nos circos de Roma, para o suplício à frente dos leões, mas em novas arenas onde as feras seriam antes hienas humanas envoltas em sotainas e capuzes negros clericais, os homens do chamado "Santo Ofício", de abominável memória!

Tomadas de um deslumbramento que tocava as raias do pavor, as quatro individualidades endurecidas se detiveram nos enunciados de revolta. Quedaram-se respeitadas, concentradas na felicidade inapreciável de revê-la e de ouvi-la, pois, dizia-lhe, murmurando docemente, como numa cavatina angelical:

- Sim, meus amados de outrora, meus amados de hoje e de sempre! Eis-me novamente convosco, para nunca mais nos separarmos! Mas, para que tão grandiosa ventura se concretize, necessário será que eu vos recorde um sagrado dispositivo da lei da nossa raça... A lei suprema, fornecida por Javé, o Deus de Israel ao maior profeta dos hebreus, nas sagradas escarpas do Sinai, estatui, como principal dever dos filhos de Abraão, este mandamento, que encerra todos os demais que os homens e os Espíritos deverão observar para serem agradáveis ao Criador: - "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, com todas as tuas forças, com todo o teu entendimento, e o próximo como a ti mesmo..." - e não o ódio secular que vindes alimentando em vossas almas para desgraça vossa e impossibilidade de nossa própria felicidade... Se os vossos inimigos do passado faliram no cumprimento desse dever, deixando de observar o dispositivo supremo do Código Divino, e, assim, ofendendo-vos profundamente, também infringistes o mesmo sagrado dispositivo, odiando e revidando ofensas... Quatro séculos são passados, meus amados, desde a noite terrível de nossa prisão em Lisboa... D. João III, outrora cruel e desumano, encontra-se agora em franco ressurgir para a redenção do seu Espírito, através de operosidade generosas e heróicas em torno de povos e falanges sociais, pois à frente da lei suprema, aquele que muito erro deve construir de aproveitável e excelente, para expungir, com o inverso do que praticou outrora, as sombras que lhe aviltam a consciência... E ele o tem feito através das reencarnações, pelas vias da abnegação e do sacrifício, inspirado num arrependimento construtivo! Depois de horas desesperadoras dos mais negros remorsos, em que também conheceu o amargor das lágrimas derramadas por aqueles a quem perseguiu através das leis que criou, sofreu ele próprio, com agravantes terríveis, o rigor das mesmas leis, em encarnação obscura e humilde, que posteriormente tomou em Portugal mesmo, nascendo em círculo familiar da própria raça que ele tanto perseguiu, para provar o desacerto das leis e instituições por ele próprio criadas! E durante todo esse tempo, enquanto o tirano arrependido do mal praticado tratava de se erguer para novos ciclos de progresso, vós, que éreis honestos e bons, não possuíeis boa vontade para perdoar e esquecer as ofensas recebidas permanestes estacionários no ódio, cristalizados na prática das vinganças, e tanto odiastes e tanto feristes, revidando ofensas... que auxiliastes o progresso e a emenda dos vossos próprios inimigos de outrora, os quais, hoje, já se encontram em melhores condições morais perante a lei suprema do que vós outros... pois o certo é que eles não mais odeiam a quem quer que seja e que um grande e sincero arrependimento, do passado mau, os predispõe a futuro honroso e reparador... É tempo, pois, de perdoar para serenar o coração e tratar de progredir... É tempo de amar a Deus nas pessoas dos vossos irmãos de Humanidade e não apenas aos compatriotas e correligionários da mesma fé religiosa... Vinde comigo... e eu vos exporei, em serões tão doces como aqueles de outrora, sob a amenidade das oliveiras do nosso solar querido, não mais as leis rigorosas de Israel, que nos eram lembradas pelos velhos códigos hebreus, mas as suaves leis do amor e da fraternidade estatuídas por aquele grande "Rabboni" que me agasalhou e enalteceu em vossa ausência...

Impressionados e temerosos, nada responderam, mas seguiram com ela. Exaustos, os meus médiuns não mais resistiriam. Despertei-os. Refeitas foram as suas energias por nós. Mas a reunião no mesmo Centro prolongou-se ainda, conquanto subordinada, agora, aos planos exclusivamente invisíveis.

(...) Ora, convinha à programação por mim estabelecida em torno do caso Leonel e os Judeus que estes últimos iniciassem no próprio ambiente do Centro já mencionado o seu aprendizado mais urgente, visto que muito prejudicados se encontravam eles, pelo acervo de quatro séculos de hostilidade, para que os removêssemos tão subitamente para o Espaço, a despeito das possibilidades que tínhamos de o fazer. Aliás, o seu embrutecimento vibratório, a exiguidade de sua visão espiritual, que não perceberia senão formas pesadas, se adaptariam melhor ao sistema físico humano, enquanto que, no além, nos seriam necessárias materializações mui penosas a fim de que nos fizéssemos devidamente compreendidos. O ambiente no núcleo espírita em que se desenrolava o feito em apreço prestava-se ao magno serviço. Não se ouvia repercutir ali, nas vibrações distendidas, o eco da maledicência e tão pouco o do comentário. Não retinha o som do gargalhar nem as trepidações insulsas de cenas e acontecimentos próprios do mundo. Não se retratavam em sua atmosfera nenhuma outra cena ou nenhuma seqüência de palavreado que não fossem a proteção ao sofredor, o consolo a um desencarnado em confusões, a assistência paternal aos desvalidos da fé e da esperança. Resolvi, por isso mesmo, que meus pupilos do momento habitassem temporariamente aquele Centro, nos exemplos e ações de cujos trabalhadores, encarnados e desencarnados, se instruissem quanto à verdadeira significação da Doutrina do Cristo, pois, até então, para eles, o Cristianismo seria perseguições e rapinagem, ódio e assassinio, sangue e corrupção!

- Fala-nos do grande Rabboni, teu amigo, que concedeu asilo e proteção a nossa Ester, e que acolhe perseguidos e desgraçados como nós... - solicitava o velho Timóteo ao meu assistente Roberto, passados que foram os transportes de satisfação pela visita de Ester.



- Sim, falarei dele, meus caros amigos, ou alguém mais abalizado do que eu, porém, mais tarde... De início, apreciaremos e deduzireis, vós mesmos, dos seus ensinamentos, através das ações de discípulos seus que, como homens que ainda são, dirigem e movimentam esta associação terrena em cuja sede vos encontrais hospedados... Ester e eu, embora não residindo aqui, permaneceremos às vossas ordens, vigilantes para vos atendermos em quaisquer esclarecimentos necessários... Mas creio será inútil, pois melhor analisareis o valor da Doutrina desse grande Mestre, observando o labor dos seus discípulos, que nela se orientam e disciplinam.

E assim foi que, com efeito, durante seis meses habitando aquele Centro de fraternidade, o Dr. Timóteo do século XVI e seus três filhos assistiram a curas de paralíticos e de obsidiados, realizadas em nome e pelo amor de Jesus Cristo, o Nazareno, através daquele grupo de médiuns a quem nós, os do invisível, tínhamos o dever de acionar. Contemplaram e admiraram a dedicação abnegada, diária, de um serviço de assistência a enfermos do corpo e da alma, sem esmorecimentos, sem queixas nem reclamações, antes sob a irradiação de sã ternura do coração e da sublime alegria daquele que já vislumbra em si mesmo as alvoradas do reino de Deus! Assistiram às doces tarefas da fraternidade de distenderem até ao invisível, ao socorro a obsessores, a suicidas, a corações endurecidos no mal, como a desesperados e tristes que vagueiam pelos planos invisíveis sem forças para a emenda. Viram o órfão socorrido, o mendigo acalentado na sua miséria, o presidiário assistido no seu tugúrio, esclarecido na sua ignorância e esperando no futuro redentor dentro das próprias lágrimas do opróbrio, o faminto saciado, o abandonado encaminhado ao trabalho honroso, a decaída retornando ao dever, o ignorante orientado ao caminho do aprendizado compensador. E tudo isso realizado sob o critério da Doutrina do grande Mestre do Cristianismo! Visitando, porém, a intimidade do lar de cada um daqueles médiuns que contribuíam para a melhoria da sua própria situação, constataram que suas vidas eram consagradas ao honesto cumprimento dos deveres sociais e profissionais, dedicadas ao bem e ao respeito do próximo, em qualquer setor! E ainda que, se sofriam, oravam e se resignavam, certos de melhor futuro; e, se eram ofendidos por inimigos gratuitos, poderiam sofrer e chorar em silêncio, mas sem blasfêmias nem revides vingadores, porque o perdão era tão fácil e espontâneo naqueles corações como o sorriso nas faces da criança... Nem uma palavra insultuosa ao próximo jamais ouviram, nem uma delação ou intriga, nem uma apropriação indébita, nem um perjúrio, nem a maledicência, nem o abuso e o vitupério! E tudo isso eles também analisaram e compreenderam que era a verdadeira educação fornecida por aquela Doutrina Cristã que eles haviam conhecido falseada no século XVI, mas que agora se surpreendiam de vê-la praticada em Espírito e Verdade, em nome do grande "Rabboni", seu fundador, cujo nome - descobriram através dos ensinamentos desses seus discípulos - era Jesus Nazareno!

Sim! "Jesus-ben-Joseph", de Nazaré, mas nascido na Judéia, na cidade de David, exatamente o Messias anunciado pelos profetas de Israel... e como ele, Timóteo, e seus filhos, perseguido pelas hienas clericais até ao desespero do suplício e da morte forjada pelos interesses pecaminosos dos homens!

Durante o espaço de tempo que ali passaram, assistiram, graves e quedos, acomodados entre a assembléia de ouvintes, como quaisquer encarnados, ao estudo e à oratória espírita e evangélica. E nós, então, acionando a técnica do "Laboratório do Mundo Invisível", criávamos para os seus entendimentos - valendo-nos do poder da nossa vontade - os panoramas expostos pelos oradores e explicadores, panoramas que eles passavam a ver como em cenas teatrais ou cinematográficas, pois que as vibrações dessa casa de comunhão com o Alto, por se conservarem imaculadas, facilitavam a delicadeza e a eficiência do melindroso, sublime trabalho. Um curso eficiente, pois, de legítimo Cristianismo e de Filosofia Espírita levaram a efeito os antigos hebreus através de tais processos, visitando ainda outras agremiações merecedoras da nossa confiança e observando outros tantos adeptos fiéis às recomendações do Consolador: Pela mesma época, outrossim, foram-lhe demonstrados em aprendizado, através de dolorosa, mas grandiosa exposição da retrospectiva da memória (exame consciencial dos arquivos mentais), os antecedentes do drama terrível de Lisboa: - Aboab e filhos haviam existido em Jerusalém ao tempo dos primeiros cristãos como autoridades judaica e romanas, exercendo então, sobre os inofensivos adeptos do Cristianismo nascente, atrocidades análogas às que tantos anos mais tarde vieram a experimentar, por sua vez, sob as garras da Inquisição de Portugal! Então, compreendendo claramente a lógica dos fatos ou a lei de causa e efeito, humilharam-se, reconhecendo o erro em que incorriam havia séculos, e, desfeitos em lágrimas de sincero arrependimento, renderam-se à evidência da irresistível doutrina do Amor, do Perdão e da Fraternidade, que desde os dias longínquos do Calvário irradia redenção para a sucessão dos séculos. E constataram, assim, que aquela fé clerical que, sob os auspícios do "Santo Ofício" de sacrílega memória, se pretendeu impor pela crueldade da violência, longe estava de se assemelhar às blandiciosas lições daquele doce "Rabboni" que recomendava aos seus discípulos:

- "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei..."

Quanto a Leonel, que desde quatro séculos vem espiando as tenebrosas conseqüências dos seus crimes de inquisidor-mor, presentemente, arrependido e lamentando o passado, encontra-se em vias de ressurgimentos gerais para a definitiva regeneração, disposto aos mais severos testemunhos exigidos pela consciência para a própria reabilitação. Seus trajetos pelas estradas do futuro, tais como os de sua filha Alcina (o antigo João-José, espião de Azambuja), serão ainda ásperos, visto que, ao demais, o suicídio por obsessão não os isentou de responsabilidades, pois se houve, efetivamente, sugestões externas impelindo-os ao feito macabro, estas, no entanto, lhes não tolheram a possibilidade de raciocinar para se defenderem, arredando-as, o que não fizeram porque, realmente, preferiam as paixões arrasadoras do mundo ao suave contato mental com o amor de Deus através da Prece, que lhes teria fornecido forças de resistência contra a tentação. Prontos se encontram ambos, mas agora sinceramente, a estreitarem nos braços, definitivamente, aqueles pobres judeus que outrora lhes franquearam, confiantes, a intimidade do lar doméstico, esperando da sua honradez pessoal o mesmo respeito e consideração idêntica. E o farão - afirmaram ambos, em momento solene de certa reunião do mundo invisível, em presença de instrutores dedicados - por amor daquele Eterno Deus cujas leis protetoras lhes forneceram ensejos novos de resgate e reabilitação dos crimes passados.

Acrescentarei, finalmente, que o antigo Rabino Timóteo Aboab, já reencarnado nos dias atuais, receberá em seu futuro lar conjugal - como filhos de um consórcio legítimo - além dos seus mesmos três filhos de outrora, em novas experiências de reabilitação e progresso, também aquele Leonel e sua filha Alcina, aos quais impeliu ao suicídio através de um constante, sistemático trabalho de obsessão simples ignorada. E assim sendo terá de arcar com as provações e as responsabilidades de pai carnal daqueles que renascerão envoltos no angustioso complexo oriundo do suicídio. E Joel, Saulo e Rubem serão, por isso mesmo, irmãos consangüíneos daqueles que foi o terrível Azambuja de sinistra memória, como daquele ignóbil João-José, os quais, porém, se vêm redimindo lentamente, através dos penosos, mas eficientes serviços expiatórios concedidos pela lei divina da Reencarnação!

Assim é, meus caros amigos, que o conhecimento legítimo da Doutrina Espírita, como a boa e lúcida prática da mediunidade, resolvem problemas seculares, pois não esqueceréis de que foi através da mediunidade bem orientada, à luz do Evangelho do Cristo e sob o rigor da Ciência Transcendental, que os Aboabs se encaminharam para a regeneração individual... e que a família de Leonel, igualmente convertida sob orientações espiritistas obteve forças e ensejos para o único alvo que lhe caberia atingir a fim de lograr serenidade para progredir moral e espiritualmente, isto é - o amor e o respeito às soberanas leis de Deus...

Dramas da Obsessão – Bezerra de Menezes

### 3. Crimes e obsessão

Tanto no moral como no físico, tudo se encadeia e liga no Universo. Na ordem dos fatos, desde o mais simples ao mais complexo, tudo é regulado por uma lei; cada efeito se prende a uma causa e cada causa engendra um efeito que lhe é idêntico. Daí, no domínio moral, o princípio de justiça, a sanção do bem e do mal, a lei distributiva, que dá a cada um segundo as suas obras. Assim como as nuvens formadas pela vaporização solar se resolvem fatalmente em chuva, assim também as conseqüências dos atos praticados recaem inevitavelmente sobre seus autores. Cada um desses atos, cada uma das volições do nosso pensamento, segundo a força que os impulsiona, executa sua evolução e volta com os seus efeitos, bons ou maus, para a fonte que os produziu.

Depois da Morte – Léon Denis – pg. 238

(...) No início deste século (1910), sendo eu já desencarnado e exercendo atividades médicas da Espiritualidade para as criaturas ainda encarnadas, fui encarregado de um serviço de assistência a uma paciente do sexo feminino, localizada em pitoresca e linda cidade do estado do Rio de Janeiro, banhada

pelas águas sempre agitadas e frescas do Oceano que fertiliza a terra benfazeja, esse Atlântico imponente e formoso.

(...) Incontinenti atendi, preferindo abandonar a meio a reunião de comunhão com o Alto para continuá-la após, ao lado daqueles que sofriam.

(...) E ingressei nas pesadas brumas da atmosfera terrena, desviando-me para as latitudes brasileiras, onde, de preferência, exerço ainda hoje as atividades psíquico-terrenas.

O chamamento, com efeito, fora dirigido a Antônio de Pádua, grande mentor espiritual e reencarnação de um devotado apóstolo do Divino Mestre, Espírito universal, portanto, venerado, direta ou indiretamente, como apóstolo de Jesus que foi, por toda a cristandade, como sendo um dos eleitos da chamada Corte Celeste. E, realmente, é, Antônio de Pádua, chefe de falange beneficente e amorosa da Espiritualidade, que se multiplica em ações caritativas e sábias por várias latitudes da Terra e do Invisível. Não pertenco, como não pertencia então, a essa doce falange. Todavia, o setor de trabalho pertencia a Mentores aos quais era eu subordinado. A recomendação viera de Antônio de Pádua, Espírito universal... a ordem chegou a mim com a rapidez que poderá desenvolver um pensamento humano em preces tão angustiosas quanto fervorosas e a resposta do Céu, através de uma ordem vibratória ainda mais veloz.

(...) E corria o ano 1910.

Ao ingressar no domicílio visado, reconheci tratar-se de habitação de jovens recém-casados. (...) Mas também compreendi, pesaroso e emocionado, ó meu Deus! Que a desventura assinalara aquele afável ninho conjugal, estabelecido, havia onze meses apenas, pelas esperanças de um varão e os meigos afetos de uma donzela, para que graves acontecimentos se desenrolassem em seus perímetros, exigindo de ambos testemunhos tão ásperos, provações e resgates tão pronunciados e comunicativos, que marcariam a vitória de uma redenção para ambos ou reincidência com agravantes, nos campos dos deslizos morais, para um e outro.

Na sala de visitas, (...) um jovem de vinte e seis anos de idade, trazendo bem tratados bigodes, pretos e perfumados, como exigia o requinte da moda masculina de então, a tez muito branca e fina, cabelos sedosa e negra, estatura elevada e majestosa, um belo tipo varonil, enfim capaz de atrair atenções à primeira vista, sentava-se numa cadeira de balanço, tipo "austríaca", e chorava, o rosto oculto entre as mãos, os braços apoiados sobre os joelhos, atitude indicadora de desânimo profundo. Numa câmara ao lado, encantadora mulher, acusando aproximadamente trinta e cinco primaveras, apresentou-se à minha vista, prostrada de joelhos, as mãos cruzadas em súplica, orando com fervor. (...) Chamava-se Sara. Mas os familiares e amigos mais íntimos tratavam-na por Sarita, modo gentil de lhe demonstrarem uma simpatia que ela soubera conquistar por entre amabilidade constantes.

Ao primeiro exame reconheci tratar-se de uma adepta da crença católica romana, pois, sobre a mesa, diante da qual se conservava ajoelhada, altar improvisado pela boa vontade que a assistia em qualquer emergência, uma imagem de Antônio de Pádua, tão usada pelos crentes do Catolicismo, se destacava.

(...) Interessado e comovido ante o que entrevi, dirigi-me à câmara conjugal, onde a chamada Angelita deveria encontrar-se... e o que então presenciei teria me acabrunhado e estarecido o coração, se os obreiros do Invisível não fossem previamente preparados contra os choques emocionais que o carreiro das suas atividades, na Terra como no Além, poderá provocar.

(...) Arquejante, no auge dos padecimentos físicos para o sucesso da maternidade, Angelita, mal cloroformizada, devido à falta de socorros precisos, encontrava-se em perigo de morte. Não que aquele parto fosse dos mais laboriosos e difíceis, caso anormal ou excepcional dentro da cirurgia ginecológica da época. Mas, a falta de um cirurgião, ou médico ginecologista, no momento preciso, para conjurar possíveis surpresas, causara a anormalidade e o desastre, os quais bem podiam ter sido evitados se desde o início da gestação uma assistência médica eficiente fosse mantida.

(...) O caso de Angelita, porém, era desses que, examinado de início, seria reconhecido como dos passíveis da intervenção denominada "cesariana". Tratava-se de uma organização genital frágil, incapaz, a qual requereria de um médico atenções especiais para uma decisão não cercada de anormalidades.

Em chegando à câmara onde o drama cirúrgico de desenrolava, percebi, enternecido, que meu pobre colega terreno envidava todos os esforços para levar a bom termo o seu dever, desdobrando-se em habilidades para salvar a jovem mãe, já que não mais seria possível operá-la de molde a salvar também o

nascituro, cuja morte intra-uterina se verificava com a aspereza da operação. A situação geral era desesperadora. A intervenção acerba, não mais podendo ser a "cesariana", em vista da indecisão em se reclamar a presença do médico, somente fora realizável com o despedaçamento do entezinho, que houvera de sofrer trepanação e esmagamento do crânio, esquartejamento, etc., em impressionantes condições. Uma faixa luminosa, porém, cintilante quais raios de eflúvios celestes, incidia sobre a cena trágica, provinda do Alto. E vultos angelicais, não apenas integrantes da falange de Antônio de Pádua, mas obreiros comuns e permanentes da Beneficência, destacados para a cabeceira de enfermos, pois as leis da Criação provêem sabiamente as necessidades gerais do Universo, não esperando súplicas humanas para atendê-las, mas aceitando-as gratamente, como veículos para o seu acréscimo de misericórdia, permaneciam ali vigilantes, dispostos a uma sagrada assistência.

Compreendi, não obstante, que ameaçava Angelita aniquiladora hemorragia interna, a que lhe não seria possível resistir fisicamente. Os obreiros invisíveis presentes haviam sustido a ameaça até ali. Contudo, medidas mais enérgicas seriam devidas ainda. E compreendi também, mau grado meu, que dos três longos dias de espera, na indecisão da procura de um médico para a intervenção urgente que se fizera necessária, resultara para a jovem mãe o despedaçamento de tecidos em órgãos internos mui melindrosos, tais como a "bexiga", ou óvulo urinário, os canais renais, etc., enquanto que músculos e tendões, dolorosamente comprimidos durante a gestação penosa, a inércia do nascituro e a violência da operação, ameaçavam inutilizá-la para sempre! Intervim então, valendo-me dos recursos psíquicos aplicáveis no caso, servindo-me, na medicina astral, de fluidos e essências, raios, gases e energias cuja aplicação nos tecidos orgânicos da criatura encarnada serão sempre passíveis de resultados excelentes. E conjurei, assim, o perigo da hemorragia, anulando a possibilidade de um desenlace que se deveria realizar, em verdade, muito mais tarde. Reanimei ainda os fluidos vitais, ou nervosos, da paciente, enxertei-lhe porções adequadas de "plasma" extraídas da boa vontade da fiel Sarita, que prosseguia em orações, e infiltrei-lhe valores magnéticos tonificantes do coração, do cérebro e da circulação venosa, com atuações ativantes do sistema nervoso, fazendo-os mansa e sutilmente penetrar pelos poros da enferma, qual se milhões de celestes agulhas portadoras da essência de Vida lhe pudessem ser introduzidas nos orifícios da pele a fim de atingirem os locais necessários.

(...) Pelas oito horas da manhã cessara o melindroso trabalho. Higienizara-se o quanto possível à enferma, que jazia prostrada ainda, em profundo desmaio, estirada em seu leito qual cadáver que deveria baixar à sepultura. Compreendi propício à recuperação fisiológica aquele prolongado delíquio, e não me afligi por seu estado nem procurei despertá-la. Aquele pobre espírito de recém-casada necessitaria, realmente, do reconforto moral espiritual, pois que se tornava evidente que ingressava numa fase de testemunhos e expiações, e eu vi-a que as angelicais crianças do varão espiritual Antônio de Pádua haviam-no arrebatado para o Espaço, certamente a fim de aconselhá-lo e infundir-lhe coragem e esperança durante o torpor físico. Preferi, então, examinar as condições morais das criaturas que cercavam a minha pobre doente... e constatei que, no interior da casa, onde um como sudário de opressões pesava, Alípio, o jovem esposo, continuava sentado em sua cadeira de balanço, insone, os olhos vermelhos de chorar, o coração estorcido por um desalento esmagador. A seu lado, um grande cinzeiro, transbordante de pontas de cigarro inaproveitadas, atestava as horas de excitação que trituraram o seu sistema nervoso, completamente alterado no momento em que dele me aproximei, ao passo que em outra dependência a genitora de Angelita blasfemava por entre lágrimas e inconformações, acusando a Providência, em quem não cria, pelo insucesso da filha, enquanto maldizia do cirurgião, que a houvera maltratado tanto, e as irmãs da enferma e algumas vizinhas, prestativas, apavoradas e estarecidas ante os acontecimentos, não atinavam com o que dizer, quedando-se todas em respeito silêncio.

(...) Contemplei a enferma, que parecia ter expirado. Um anseio de compaixão freuiu em minha sensibilidade anímica, avaliando o calvário que aquela jovem mãe, cercada de corações descrentes, palmilharia pelas estradas dos grandes resgates terrenos, vendo-a, como vi, assinalada por um futuro obumbroso! Era esbelta e formosa, com a pele acetinada e alva como as pétalas de uma rosa branca, longos cabelos louros dourados, estendidos sobre as almofadas como sudário de ouro fúlgido, olhos castanhos recordando a cor da avelã madura, contando apenas dezenove anos de idade! Orei então, à beira daquele leito envolvido ainda nos linhos e nas fitas do enxoval do noivado, e me retirei depois, certo de que o Senhor das coisas e dos mundos proveria, com a sua paternal misericórdia, o prosseguimento da existência daquela que, então, se me afigurou à frente de graves conseqüências de um passado de infrações...

(...) Eu observara, porém, no aposento da doente, durante a operação, uma individualidade de aspecto singular, e me abandonara, então, a contemplá-la, chegando a descobrir sua identidade, mais ou menos, através de intuições seguras. Tratava-se de forma perispiritual escura, sombria, de cabelos eriçados, traíndo o complexo da "carapinha" do negro, cujas feições acusavam terror, apresentando, por vezes, esgares de dor, estremecendo convulsivamente, como desejando desvencilhar-se de algo que o torturasse. Postava-se, então próximo a Angelita, como que a ela ligado por atilhos magnéticos que pouco a pouco se rompiam... Seu aspecto era o típico padrão dos escravos africanos vindos para o Brasil em tristes épocas do lamentável tráfico, e, quando encarnado, no pretérito, seria homem certamente assaz primitivo, acusando possibilidades assustadoras para a prática de abominações. Distinguindo minha preocupação ao recordar o fato, no momento, novamente se expressou a entidade protetora de Angelita:

- Observo a vossa estranheza, preclaro irmão, ante a imagem do acompanhante invisível da minha pupila, sobre a Terra, e não será para mim nenhum desdouro colocar-vos a par dos acontecimentos achegados a esse infeliz delinqüente e nossa pobre enferma...

Escusei-me novamente, declarando-me respeitador dos dramas alheios, que não deveria devassar, mas a entidade amiga prosseguiu:

- Honro-me no trabalho de vos dar a conhecer o drama de Angelita... Ao demais, não ignoro que apreciais as belas-letras, aprazendo-vos, mesmo, praticá-las desde longa data... Um dia, quem sabe?... quando vos aprouver, podereis contá-lo aos vossos amigos terrenos, porquanto será lição expressiva para o leitor atento, ao passo que encerrará revelação interessante para o pesquisador dos destinos da alma humana, como da severidade e justiça das leis eternas...

Deteve-se um instante, em gracioso gesto meditativo, e continuou:

- Sim! O drama cuja Segunda parte acabamos de assistir, teve origem nos dias depressivos do Brasil Colônia... - "Pouco antes do drama em que se envolveram vários brasileiros natos ilustres, desejosos da libertação do seu país da legislatura portuguesa, época fértil em acontecimentos trágicos e mui delicados, que ficaram olvidados pelos homens porque o Brasil de então não mereceria acato da Metrópole de além-mar para que o sofrimento do seu povo fosse devidamente consignado na História, - ou seja, pelas proximidades da época em que se verificou a conjuração denominada "Inconfidência Mineira", na então Província das Minas Gerais - chegara de Portugal, com destino a esta localidade da grande Colônia, um alto funcionário da Coroa Portuguesa, dizendo-se licenciado para estudos e aventuras pelo interior de Minas, acompanhado da esposa, que, ávida de emoções e conhecimentos novos, se negara a continuar no seu velho casarão em Lisboa, sozinha e entristecida, enquanto o marido corresse terras e mares estranhos. Por essa época, não seria aconselhável a uma dama bem nascida aventurar-se a viagens tão longas e arriscadas. Proibia-o o preconceito social, seria desdouro imperdoável, mesmo para uma esposa, abandonar-se a peripécias em terras desconhecidas, e a própria lei não concederia licença para tal fim, a não ser que motivos muito significativos justificassem o feito. Não o entendeu assim, porém, a esposa, muito jovem ainda, do funcionário licenciado, pois que, não conseguindo das autoridades permissão para acompanhar o próprio marido nas suas aventuras pelas intempéries da grande Colônia do Brasil, infiltrou-se sutilmente na marinhagem do veleiro que faria a travessia do Oceano e, já em alto mar, apresentou-se ao estupefato esposo disfarçada em vestes masculinas, protegida que fora por um oficial de bordo, amigo da família, aportando no Rio de Janeiro quatro meses depois sem maiores empecilhos, já que sua beleza e sua juventude, aliadas à esperteza de que usara, cativaram igualmente o comandante da nau transoceânica.

O oficial amigo, no entanto, cujo nome seria Fernando Guimarães, afirmando-se investido de certa missão secreta no Brasil, conferida por seus superiores, desligou-se da profissão e cedeu ao convite afetuoso do casal de esposos, para que viesse em sua companhia como se membro da família fora, uma vez que igualmente pretendia dirigir-se à Província, cujo Governador seria então o Sr. Visconde de Barbacena.

A aventura sempre foi o traço primordial do caráter lusitano... e seguiram então os três amigos em busca da realidade de um Eldorado cuja fama seduzia os europeus. Adquirira o casal, então duas escravas negras para os serviços caseiros, e Fernando, agora integrado na família como irmão assaz querido, entendeu necessária também a posse de um escravo do sexo masculino, que se prestasse aos serviços externos, no trato de animais inclusive.

(...) Bem cedo conseguiu o de que precisava.

Chegara aos seus ouvidos que certo fazendeiro dos limites que hoje se transformaram no aprazível arrabalde da Tijuca, no Rio de Janeiro, entregara às autoridades um escravo rebelde, a fim de que fosse julgado e quiçá condenado a morte. O infeliz negro via-se acusado, de todos os lados, pelo crime de homicídio nas pessoas de nada menos de três capatazes da dita Fazenda e de um negrinho de quinze anos de idade, também escravo, que aparecera afogado nas águas de um riacho próximo. Não obstante, o réu negava veementemente a autoria dos crimes, e, porque não existissem testemunhas, as autoridades, indecisas, apelaram para o "juízo da Igreja", ou o "juízo de Deus", nas pessoas do Clero oficial da capital da Colônia, e estas, muito prudente e justiceiramente, deliberaram mantê-lo preso até ver se resolveria a confessar o delito, ou se porventura alguém, por ele se responsabilizando, o levaria sob um processo de compra legal, visto seu antigo Senhor não querer mais admiti-lo em seus domínios e as autoridades se quedarem indecisas em condená-lo sem provas suficientes, e também em deixá-lo em liberdade diante de tão sérias acusações.

Apresentou-se, então, Fernando Guimarães no local indicado, a examinar a "mercadoria" à venda e as condições da compra. Homem de caráter aventureiro, habituado à intrepidez do comando de marinheiros e a brigas marítimas com piratas, constatou que lhe convinha a aquisição, e, sentimental a despeito de tudo, como todo verdadeiro português, sentiu-se compadecido ao verificar o escravo algemado de pés e mãos e que, por seu corpo, pronunciadas cicatrizes, produzidas por chicotes, assinalavam os maus tratos recebidos de seus senhores.

- Como te chamas, amigo?... - interrogou ele, com bonomia à "mercadoria" já adquirida, cujo preço fora irrisório, dadas as desvantagens que a mesma oferecia ao comprador.

- É... é... Caetano do Espírito Santo, Nhonhô, para seu serviço...

A humildade entrevista nesta frase simples, proferida com um misto de timidez e espanto por se ver bondosamente tratado, talvez pela primeira vez, comoveu ainda mais o rude marinheiro, que continuou no seu original inquérito:

- Queres vir comigo, servir-me lealmente, comer bem, não receber castigos, seguir-me em minhas viagens e caçadas?...

O infeliz caiu de joelhos, procurando beijar as mãos daquele que aparecera em sua vida como benfeitor que o salvava da morte, e respondeu:

- Nhonhô, serei fiel escravo... Livrai-me da morte... Tenho medo da força... Tenho medo...

Pelo caminho, demandando a hospedaria que ocupava com os amigos, Fernando interrogou Caetano, em tom afável:

- Porque mataste os três capatazes?... Dize-me a verdade... Sou teu amigo... Não te entregarei à Polícia... Mas preciso conhecer-te bem, ainda que sejas criminoso, para poder confiar em ti.

A resposta foi veemente e fácil:

- Nhonhô, matei só um capataz... Os outros dois não fui eu... Foram "Pai Nastácio" e o "Totonho da Porteira".

- Porque o mataste?...

- Era cruel... Deixava-me com fome por qualquer motivo... Eu vivia faminto e era forçado a trabalhar... Espancava-me sem razão... Estes sinais, Nhonhô, foram feitos pelo chicote dele... Bateu em minha mãe à minha vista... e por isso...

- Porque não disseste às autoridades que "Pai Nastácio" e o "Totonho da Porteira" mataram os outros dois?...

- Eh! Eh! Eh! Nhonhô... Mas um escravo não deve entregar outro escravo para ser enforcado... Eles também sabiam que eu matara o outro e se calaram... Nós também possuímos nossa honra e nossa lei... Eles também sofriam, eram chicoteados...

- E o menino?...

- Não era um "menino", Nhonhô, era um escravo, um "moleque".

- Sim, e esse?

- Ninguém o matou... Caiu no riacho, que estava cheio, e afogou-se... Era muito traquinas...
- Disseram que tu o mataste, atirando-o ao rio para que se afogasse, porque não gostavas dele.
- Não Senhor, não gostava dele... Mas não o matei... Bati-lhe algumas vezes... Era mau e intrigante... Para receber comidas e doces intrigava os escravos com os capatazes...
- Então não o mataste?...
- Não, Senhor! Ninguém o matou.
- Caetano, confio em ti... - concluiu o lusitano. - Serei teu amigo. Se me servires fielmente, conforme desejo, durante os quatro ou cinco anos que pretendo demorar-me no Brasil, ao regressar a Portugal não te venderei a outro Senhor... Dar-te-ei antes carta de alforria...

O negro beijou a mão a seu Senhor, sem nada responder.

De início, o casal de esposos, a quem chamaremos Rosa e Bernardino, sentiu escrúpulos em conviver com um escravo que trazia a lúgubre fama de criminoso inveterado. Mas, Fernando intercedeu por ele e, sob o bom trato do seu novo amo e daqueles amigos, Caetano tornara-se tão dócil e fiel que bem depressa mereceu a confiança de todos. Rosa, particularmente, condoía-se dele e tratava-o bondosamente. Estabelecidos em Minas Gerais, a vida de Bernardino e de Fernando prosseguia entre viagens através da Colônia ou adentro das matas, à caça de pedrarias, de ouro, de riquezas variadas, com temporadas muito suspeitosas em Vila Rica, onde residiam e eram considerados espíões pelos brasileiros, que os temiam e se afastavam deles. Não obstante, passados três anos, já havendo explodido o trágico malogro da Conjuração Mineira e presos os seus co-participantes, Bernardino, como funcionário da Coroa que se dizia, não obstante a licença que proclamava fruir, vira-se obrigado a visitar Lisboa, chamado a missões - explicava - tão importantes que lhe não seria permitido expô-las a quem quer que fosse, nem mesmo a sua mulher, e, como possuía já avultados interesses na famosa Província e tencionasse regressar dentro de pequeno prazo, ficara deliberado que Rosa - mulher ativa e experiente - ficaria à frente dos negócios, enquanto Fernando, amigo da casa como verdadeiro irmão, zelaria pelos mesmos, auxiliando a mulher com o seu tino experimentado, sempre que voltasse à Vila, retornando das singulares viagens com o escravo Caetano. Ora, para um caráter invigilante e frívolo, que não associa ao próprio respeito pessoal o respeito devido a Deus, à família e a sociedade, as oportunidades para a prática do mal, ou seja, as tentações mundanas se apresentam a todos os momentos, sob qualquer pretexto.

Rosa e Fernando, que até ali se haviam respeitado como bons amigos e irmãos, equilibrados no cumprimento do dever, pouco a pouco, animados pela ausência de Bernardino e por uma convivência assídua, deixaram-se conduzir ao sabor das paixões e sucumbiram a um delito grave de adultério, de traição aos deveres da honra pessoal e da respeitabilidade de Deus e às leis do Matrimônio. Bem cedo, como seria de esperar, fez-se sentir o fruto dessa união pecaminosa. Rosa tornou-se mãe na ausência do esposo e a situação alarmante desvairou o senso já abalado dos amantes culpados, pois esgotara-se o prazo para o regresso de Bernardino, que era esperado dentro em pouco.

E o crime foi cometido então, no próprio dia do nascimento da criança, sob o consentimento aterrorizado de Rosa, que temia a vingança do marido, e a resolução de Fernando, com a mesma perícia e desenvoltura com que nos dias atuais são praticados os infanticídios modernos, quando mães apavoradas ante o próprio erro, ou alguém por elas, preferem mais enegrecer a consciência, assassinando um ser indefeso que necessitaria reviver para Deus, através de uma encarnação, a assumir heroicamente a responsabilidade dos próprios atos, curvando-se às conseqüências dos desvairamentos cometidos, conseqüências que, por muito rígidas, comumente, poderiam realizar a reabilitação da pecadora perante si mesma e a sociedade e até perante Deus.

Era pouco mais das onze horas da noite.

Vagidos comoventes de recém-nascido ecoaram pela casa solitária, chácara vetusta dos arredores de Vila Rica. Fernando toma dos braços da escrava assistente o entezinho vigorosamente envolvido em panos, a fim de que seus lamentos fossem abafados... e esta conversação efetivou-se no extremo da grande chácara, à beira de um charco, entre o ex-oficial de bordo e seu escravo preferido, tornado cúmplice de suas aventuras pelo interior da grande Colônia:

- Que farei do nenê, Nhonhô?...

- Bem, Caetano... Eu não sei... Oferece-o a alguém, por aí... Será necessário que desapareça quanto antes, para se evitarem males maiores... Tu sabes... Bernardino não está... Foi uma massada, foi... Enjeitá-lo à porta da igreja será perigoso... Serias reconhecido... As igrejas limitam com residências... Tudo se descobriria, o escândalo estrugiria e viria até mesmo a forca... Tu sabes, não sabes, Caetano?... Entendes o teu bom Senhor, que pela segunda vez quer te livrar da forca?

- Eh! Ah!... Entendo sim, meu bom "Sinhô"... Entendo sim, "Sinhô"...

- Então... Será bom que ninguém desconfie... senão será a forca para nós todos... A Vila é pequena, poderiam falar... ao passo que aqui, nesta chácara solitária... No fundo deste charco, quem poderia mergulhar para descobrir?... Entendes, Caetano?...

- Entendo sim, Nhonhô, como não?...

Caetano assassinou friamente a criança recém-nascida, para satisfazer ao amo. Mas receoso de que, enterrando-a, os porcos ambulantes, ou alguma plantação posterior nos terrenos da chácara, pudessem descobrir o pequeno cadáver, resolveu esquartejá-lo cuidadosamente, com sua faca de caça, com a qual já assassinara mais duas infelizes criaturas, durante as viagens com seu Senhor e por ordem deste; depois do que, envolvendo os pequeninos despojos numa cobertura de lã, amarrou o singular volume a uma grande pedra e atirou no fundo lodoso do pântano, para o repasto das asquerosas feras aquáticas.

Ouvindo a exposição do mentor espiritual de Angelita, fácil foi compreender o que se havia seguido no destino daquelas três infelizes criaturas.

Olhei penalizado: Ali estava Rosa, a esposa delinqüente, revivida na personalidade da formosa e sofredora Angelita. Ali estava Fernando Guimarães, o amigo infiel e sedutor, o pai desalmado, ressurgido no belo varão Alípio, a quem eu vira chorar a noite sobre o drama do nascimento do seu primogênito. E ali também estava Caetano, o antigo escravo, perverso e dissimulado, que ligado a ambos por laços poderosos do passado, renascendo como filho primogênito, sacrificado pela Ciência, à frente de um parto em que acidentes imprevistos exigiram de um cirurgião a necessidade extrema de um esquartejamento em condições dolorosas, para que seu nascimento, tornado impossível por vias normais, não causasse a morte àquela que durante nove meses o trouxera preso ao próprio seio! Como Espírito, Caetano, ligado a Angelita igualmente pelas poderosas cadeias magnéticas que estabelecem o período da gestação do feto até o momento do nascimento; Caetano, culpado muitas vezes, sofria ainda os reflexos da brutal operação que sua mãe padecera no instante de dá-lo ao mundo. Súbitos estremecimentos sacudiam-no. E, apavorado, como presa cruel pesadelo consciencial, sua mente se aterrorizava ao sentir despedaçado aquele corpo que, em parte, ocupara, confusamente supondo haver-se tornado por magias incompreensíveis, no mísero recém-nascido de Vila Rica, o qual ele mesmo estrangulara e esquartejara para melhor encobri-lo a um esposo ultrajado em sua dignidade matrimonial. Acheguei-me ao infeliz, procurando-o no domicílio já visitado. (...) Disse-lhe da bondade paternal do Criador, cujas leis, estabelecendo uma inflexível justiça na punição do erro, também estabelecem o misericordioso ensejo para a reabilitação da alma culpada, e concitei-o a uma experiência de meditação para o arrependimento. (...) Mas Caetano foi surdo aos meus convites para essas tentativas, talvez pela sua grande ignorância, sem a boa vontade para o progresso, ou talvez ainda padecendo a revolta das amarguras havidas durante a escravatura. Fugiu, pois, espavorido, perseguido por visões e terrores para retornar mais tarde ao mesmo cenário de onde se abalara, isto é à residência de Alípio e Angelita, e ali se postando junto daquele a quem continuava considerando Senhor e amo... E confabulei comigo mesmo, contemplando esse drama singular, cuja destinação através das linhas do futuro facilmente se delineou às minhas premonições.

Angelita convalescia lenta, penosamente. Profundo desapontamento anuviava o coração do jovem casal. Um mês após a operação, declara o médico assistente, consternado, que a cliente se tornara inválida, não lhe sendo facultada a possibilidade, nunca mais, de se levantar do leito para caminhar ou sequer sentar-se! Certo acidente muito grave, ocorrido durante a indecisão em chamar-se o médico para se decidir a operação, causara o desastre, tornando Angelita criatura semimorta em plena florescência das suas dezenove primaveras! Desolado, Alípio encobriera da esposa a consternadora verdade, alimentando, piedosamente, naquele coração amante e ainda repleto de doces ilusões, a fictícia esperança de um restabelecimento, no intuito de reanimá-lo, enquanto o seu próprio coração sangrava na desventura dos sonhos malogrados para uma feliz vida conjugal. Nos primeiros meses que se seguiram, cercou-a ele de todos os desvelos que um sentimento terno, acometido de compaixão, poderia inspirar, passando tardes inteiras à sua cabeceira e reservando-lhe os domingos inteiramente, numa assistência integral, edificante. Pouco a pouco, porém, o irremediável estado de coisas impôs-se, cansando o ardoroso Alípio, cansando a



Sra. Matilde, mãe de Angelita, a qual, retornando ao próprio domicílio, abandonara a filha ao cuidado de serviçais, pretextando urgência de se reintegrar nos afazeres próprios, ao passo que o genro já se desinteressava dos serões da tarde, afastando-se do lar igualmente aos domingos, para o almoço com amigos, regressando, destarte, ao antigo estado de solteiro. E Angelita, então, passou a se reconhecer esquecida pelo marido, o qual, ao sair, apressado sempre, beijava-a distraidamente ou mesmo deixava de o fazer; reconheceu-se esquecida pela mãe, que, irritada, ao visitá-la, de quando em vez, blasfemava em sua presença, sugerindo que o Criador teria agido melhor, levando-a por ocasião do parto... E a infeliz, então, tudo observando sob o cáustico de um lento e silencioso martírio, inteirou-se finalmente da verdadeira situação a que ficara reduzida. Mas, calava-se diante das impiedosas argumentações maternas e jamais irritava o esposo com quaisquer queixumes ou reclamações, preferindo chorar às ocultas, discreta e ativa ao sentir-se triste incômodo a quem toda a família desejaria ver baixar à sepultura. Então, quando todas as desilusões se sobrepuseram às suas esperanças, ameaçando desesperá-la, avolumou-se em seu destino a dedicação ilimitada de um anjo bom travestido na pessoa de uma amiga leal, cuja alma de crente se prestou, fácil e dignamente, à intervenção oculta da Espiritualidade para socorrê-la no seu estranho calvário. Essa alma favorecida pelas dúcidas inspirações do Alto, graças aos dons de bondade que sabia cultivar, foi Sarita, a jovem viúva a quem entrevimos no início desta história.

Compreendendo a amiga inválida, sem esperanças de jamais se restabelecer, Sarita tratou de suavizar a decoração do presídio em que se transformara a câmara conjugal do jovem casal. Transformou-a em formosa e pitoresca sala, onde o leito seria o trono e Angelita a soberana. Ornou-a de belos tapetes, de quadros e de flores, para lá transportando igualmente o piano da jovem. Ali mesmo promovia, aos domingos, com suas alunas e amigas, delicados recitais de declamação, no intuito de distrair a enferma. Ela própria, apesar da escola e dos cinco filhos que dirigia, visitava a doente pela manhã e à noite, até à hora do chá, quando então a acomodava para adormecer. Fez mais a amável criatura: - colocou nas mãos da enferma, que apenas se poderia recostar entre almofadas, a confecção de bordados e crochês, de renda e flores, e pequenas costuras. Animou-a a ensinar as primeiras lições do silabário e os primeiros trabalhos manuais a pobres crianças que não teriam ensejo de algo aprender se não fora à boa vontade dos corações bem formados, e a câmara, assim sendo, foi transformada em escola, fato que constituiu sublime encantamento para Angelita, que admirava as crianças.

E coroando todo esse programa de beneficência, ela própria, Sarita, lecionava à amiga a idéia de Deus, a existência e a imortalidade da alma humana, a consoladora esperança de uma vida após a morte, plena de justiça e recompensas para aquele que, à frente de irremediáveis dilacerações morais durante a vida hodierna, a elas souber resignar-se ao mesmo tempo que delas faça a escalada evolutiva para Deus.

(...) Entrementes, Angelita, silenciosa, percebia que o marido de dia para dia mais e mais a deixara no abandono. Readaptara-se à vida de solteiro e até parecia repugná-la, esquecendo-a sem compaixão pela sua desdita, desinteressando-se do dever moral de suavizar-lhe o martírio com afetuosas atenções. Passava dias e noites inteiras sem retornar ao lar. Dir-se-ia agora hóspede em sua própria casa! E, ao voltar, era como se a esposa fosse um ser estranho, para com o qual não se sentia obrigado a considerações. Não se lembrava de que ela possuía também um coração, que esse coração o amava profundamente, e ao qual os deveres de humanidade lhe mandariam respeitar e consolar... preocupado, como se aprazia de permanecer, com as conquistas amorosas que se permitia fora do lar. Nem as ocultava tão-pouco à pobre criatura chumbada à invalidez. Parecia até mesmo entender ser perfeitamente natural que Angelita o aprovasse com satisfação e alegria, sem indagar se tal situação deixaria ou não de ferir o coração da jovem esposa, que não cessava de amá-lo. Narrava-lhe, displicentemente, as conquistas levadas a efeito pelos clubes que freqüentava. Dava-lhe a ler as cartas apaixonadas que recebia e retribuía. Contava-lhe as ligações amorosas que cultivava. Preparava-se para festas e danças em sua presença, pedindo-lhe a opinião sobre a cor da gravata e do cravo a usar na lapela, consultando-a sobre se levaria lenço de seda branca ou creme, perfumado a heliotrópio ou a jacinto, para apoiar, sob a mão, na cintura das damas com que dançasse, e se o friso dos bigodes seria mais alto ou mais baixo e a linha dos cabelos ao meio da cabeça ou mais ao lado esquerdo.

Era o egoísmo feroz, do coração frio que apenas em si mesmo pensa, e a quem não causa espécie às desditas do coração alheio!

Dizer das horas de torturas morais que padecia Angelita não será certamente fácil tarefa para a capacidade de um estranho. Seus gemidos, porém, o eco pungente dos seus silenciosos anseios repercutiram no Além como súplicas de socorro, para que o Céu descesse em refrigérios para ela, fortalecendo-a contra a desesperação, na dura experiência. E o céu descia, com efeito, nas individualidades

das formosas crianças de Antônio de Pádua, as quais, levando-a a adormecer em letargias profundas, alçavam o seu espírito acobrinhado ao seio dos Espaços. E, ali quais benditos anjos de um novo Getsemani, a consolavam com dulcíssimos conselhos e visões de arrebatadoras esperanças, revigorando-a para que sorvesse de boamente o fel das próprias amarguras até ao fim das provações, afirmando-lhe, e dando-lhe a ver dentro de si mesma que tão espinhosa, decepcionante quadra de sua existência mais não era do que a irremediável conseqüência de um ingrato passado reencarnatório.

(...) Certo dia chegou à residência do casal, na ausência de Alípio e de Sarita, uma visita para a enferma. A criada fê-la inadvertidamente entrar, encaminhando-a para o aposento onde, de preferência, Angelita permanecia, isto é, a antiga câmara conjugal, agora transformada em escola e salão de visitas. Absorvida pela leitura das consoladoras páginas da "Imitação de Cristo", Angelita mantinha a alma voltada para as doçuras da Espiritualidade, enquanto o coração se reanimava ante, murmúrios inefáveis daquela voz celeste que nos refulhos da sua personalidade ecoava com as mais amorosas e enternecedoras advertências que ela poderia receber de alguém, e lia, comovida:

"Cristo também foi, neste mundo, desprezado dos homens, e em suma necessidade, entre os opróbrios, o desamparara seus conhecidos amigos. Cristo quis padecer e ser desprezado, e tu ousas queixar-te de alguém? Cristo teve adversários e detratores, e tu queres ter a todos por amigo e benfeitores? Se não queres sofrer alguma contrariedade, como serás amigo do Cristo? Sofre com Cristo e por Cristo, se com Cristo queres reinar..."

Virou lentamente a página, o coração como que destilando essências espiritualizadas, e seus olhos tristes depararam o que se segue:

"Se souberes calar e sofrer verás, sem dúvida o socorro do Senhor. Ele sabe o tempo e o momento de te livrar; portanto, entrega-te todo a ele".

"Ao humilde, Deus protege e salva; ao humilde, ama e consola; ao humilde ele se inclina, dá-lhe abundantes graças e, depois do abatimento, o levanta a grande honra. Ao humilde revela seus segredos e com doçura a si o atrai e convida. O humilde, ao sofrer afrontas, conserva sua paz, porque confia em Deus e não no mundo. Não julgues ter feito progresso algum, enquanto te não reconheças inferior a todos".

A visita entrou acompanhada pela dedicada serva. Angelita fechou o livro e colocou-o sob as almofadas. Tratava-se de uma dama corpulenta, morena, de grandes olhos nostálgicos, recordando olhos da raça africana. A enferma não a vira jamais! Não se tratava de relações de amizade da família. Ao primeiro exame, porém, compreendeu que aquela mulher sofria. Intrigada, sentindo ainda repercutir no coração as vozes deíficas das páginas que lera, fez um gesto, convidando-a a sentar-se.

- Ao que devo a honra da sua visita, minha Senhora?... - perguntou, atenciosa.

A visitante demonstrou indecisão, para em seguida responder, traindo emoção:

- É tão ingrato o móvel da visita que lhe faço, minha Senhora, que antes de mais nada rogo ao seu coração muita serenidade para me ouvir, e, acima de tudo, o seu perdão para a ousadia em procurá-la e para o desgosto que, estou certa, lhe causarei...

Angelita empalideceu imperceptivelmente, enquanto o coração se lhe precipitava sob o acúleo de penosa angústia, e fitou a visitante, como animado-a a prosseguir.

- Trata-se de seu marido, minha Senhora...

- Estou ouvindo, pode falar...

- ... Tenho uma filha de dezesseis anos de idade, a única que possuo, o anjo do meu lar, que já não conta com o amparo de um chefe, pois sou viúva.

Silêncio desconcertante pesou entre ambas. Os olhos da visitante encheram-se de lágrimas. A palidez da inválida acentuou-se:

- Prossiga, minha Senhora, estou ouvindo... - repetiu, resoluta.

E a dama de olhos melancólicos, qual meteoro que acabasse de destroçar o coração da infeliz esposa de Alípio, explicou, de chofre:

- Minha filha foi seduzida por seu marido...

As duas se entreolharam, depois do que Angelita exclamou, serena, amparada por uma tranqüilidade como se dos Céus descessem refrigerios a fim de alentá-la:

- E que espera a Senhora possa eu fazer por sua filha? Há nove anos estou inválida neste leito de dores! Somente a minha morte remediaria a situação de sua filha, pois, infelizmente para ela e quiçá também para mim, o Código Civil Brasileiro não só não adota o divórcio como, ainda que o adotasse, não o concederia a meu marido só pelo fato de ser eu inválida... Mas Deus, em sua soberana justiça, ainda não desejou liberta-me deste cativo.

- Minha filha é uma criança e será mãe dentro de algum tempo... Pleiteio para ela o direito de ser dotada por seu marido, pois sei que ele possui bens.

- Porque não se dirige antes a ele, minha Senhora?

- Nega-se a atender-me.

- Dirija-se então ao Juizado de Menores.

- Haveria escândalo... Ele será, certamente, processado pela Justiça, a situação de minha filha se complicaria, ele se tornaria inimigo.

- Que deseja, então, de mim?

- Que o aconselhe, instando para que me atenda, a bem de todos nós. Ousei dirigir-me à Senhora porque ele afirma que é esposa compreensiva... não o molestando por haver tornado à vida de solteiro.

Angelita meditou por um instante e depois adveio, com desânimo:

- Talvez a Senhora tenha razão em me procurar para tal fim, porquanto, nestes nove anos de tão cruéis sofrimentos, somente restava esse pormenor para me completar o martírio.

Certamente, reanimada pela fragilidade da criatura a quem abordava, a visitante continuou, displicente:

- Quero que ele monte uma casa e se comprometa a amparar minha filha como se realmente fosse casado com ela. A Senhora há de convir que eu, como mãe...

- Sim, tem toda a razão... Verei se posso fazer o que me pede. Agora, suplico-lhe, por piedade, retire-se, deixe-me em paz...

O resultado de tão ousada quão impiedosa visita não se fez esperar. Informada na mesma tarde pela amiga, que se não encorajara a dirigir-se ao marido para tão singular assunto, Sarita prestou-se a abordá-lo no intuito de evitar à pobre inválida novos choques da mesma espécie, visto que não seria justo que a infeliz esposa fosse imiscuída no melindroso caso. Mas, de ordinário, a pessoa colhida em falta grave, em vez de se penitenciar, como seria honroso, revolta-se contra aqueles que lhe descobrem os erros, portando-se violentamente. Alípio não só repeliu Sarita como, em altas vozes, com ela discutiu, declarando que faria de sua vida o que bem entendesse, torcendo o sentido da advertência piedosa da fiel amiga para repetir que se transferiria definitivamente para a casa da jovem seduzida, a esperar o fruto querido, resultante da união, terminando por lamentar que a esposa vivesse ainda, impedindo-o legalizar a situação com aquela a quem ardentemente queria. Entrou no aposento da enferma e confirmou, colérico, o que se passava, acrescentando não admitir censuras; insultou-a cruamente, rogando-lhe que morresse de vez, desocupando um título e um lugar que antes caberia à outra, visto que ela, Angelita, fora fragilmente ligada a ele apenas durante onze meses; que os laços do matrimônio, entre ambos, haviam sido definitivamente rompidos e que ela se desse por muito feliz de ali continuar, naquela casa, onde era suportada apenas pelo critério da caridade.

A jovem esposa não replicara sequer com um monossílabo. Não derramou uma só lágrima! A dor de assim ouvir o ser amado fora demasiado, cristalizando em seu coração a possibilidade de reação. A amiga procurou reconfortá-la tanto quanto possível, não obstante compreender que a desditosa acabara de receber o golpe mortal, pois apenas Sarita permanecia à sua cabeceira, local onde sua própria mãe, feliz entre os demais filhos, só raramente aparecia.

Entrementes, o mau esposo cumprira o prometido. Retirou-se definitivamente do lar, curvando-se, finalmente, à imposição que lhe fizera a genitora da jovem seduzida. Esqueceu, assim, completamente, a esposa inválida, cujas necessidades eram agora supridas por Sarita e um ou outro parente mais prestativo,

uma vez que o esposo só de longe em longe se permitia o incômodo de informa-se do que careceria aquela que, a despeito de tudo, usava o seu nome.

Tão lamentável estado de coisas durou ainda dois longos anos, durante os quais, agravando-se o estado da enferma com a irrupção de um câncer interno - conseqüência do acidente verificado por ocasião da operação e como resultado imediato do choque traumático pela suprema descaridade sofrida do esposo -, seus padecimentos ultrapassaram todas as perspectivas. Até que, por uma tarde tépida e serena de Domingo, a sós com a fiel amiga e suas filhas e o velho médico assistente, Angelita desprendeu-se, finalmente, da prisão corpórea, que a detivera na expiação de um mau passado, alçando às moradas invisíveis sob a tutela das amoráveis crianças de Antônio de Pádua, depois de onze anos de um calvário de dores morais cruentas e de lágrimas silenciosas e humildes.

Por uma dessas atrações vibratórias que para a maioria dos pensadores se conservam envoltas em impenetráveis mistérios, a entidade Caetano prendera-se de profundo amor àquela que se tornaria sua mãe terrena, que realmente o fora, porque, durante o longo período da gestação e desenvolvimento do seu corpo, tivera o perispírito poderosamente atraído para o dela pelos liames magnéticos necessários ao feito reencarnatório, num aconchego terno e emocional de irradiações amoráveis e encantadoras, que geralmente é o que produz o sentimento imperecível de uma mãe pelo seu filho, e vice-versa, ainda que seus Espíritos sejam desconhecidos. As intensas vibrações mentais irradiadas pela mulher que será mãe, em favor do entezinho que já palpita em seu seio fecundado; o amoroso, inexcedível carinho do seu coração, que cumula de doces enlevos aquele retalho de si mesma, que será o seu filhinho amado, mesmo antes do nascimento; o desvelo sublime com que lhe prepara o enxovalzinho mimoso, tesouro que suas mãos fabricam entre suaves emoções do coração e pensamentos santificados pela alegria da maternidade, criam em torno da gestante uma atmosfera mental radiosa que atrai, cativa e apaixona o Espírito do nascituro, enquanto comove o observador invisível, que contempla as repercussões que o fato produz nas vibrações de ambos, vibrações que se entrecruzam, se entrelaçam num ósculo santo, a que ambos perfeitamente se adaptam. Daí, pois, igualmente, essa ligação indefectível dos filhos com suas mães, além de outras que, em muitos casos, costumam existir a par das que citamos. De um modo idêntico, se a mulher irradia aversão à maternidade, dedicando a esse ser que traz consigo pensamentos malévolos e odiosos, até ao extremo de destruí-lo, negando-lhe a existência por seu intermédio, o inverso se realiza e o Espírito que reencarnaria através dela torna-se, freqüentemente, perigoso inimigo, que a perseguirá em além-túmulo mais tarde e, possivelmente, em posterior existência, podendo mesmo obsidiá-la sob várias formas.

Espiritualmente Caetano continuava afeito a Angelita, não olvidando ainda que outrora, em Vila Rica, dela recebera o melhor trato a que um escravo poderia aspirar, porque desinteressado, visto que nem mesmo fora sua propriedade. Sabia ser Angelita a revivescência espiritual de Rosa, e, conquanto ignorasse os pormenores do feito reencarnatório, distinguia o bastante para acompanhá-la com sentimentos muito confiantes. De outro modo, reconhecia em Alípio aquele Fernando de quem fora escravo, a quem devera a salvação da morte na forca, mas sob as injunções de quem se aviltara ainda mais, no crime. Não ignorava que, graças a tais delitos, teria de arrostar sobre a Terra, mais dias menos dia, como reencarnado, vidas de expiações e trabalhos. E que, por isso mesmo, era que sua existência incorpórea do momento era povoada de remorsos e alucinações lancinantes. Mas, Espírito inferior e retardado no progresso, que se praziam de ser, não se animava a decisões salvadoras sob as advertências dos obreiros do Amor, que o desejariam ajudar. A princípio, não raciocinou francamente sob tal aspecto da própria miséria, ou seja, sobre o fato de Alípio o haver instigado ao crime. Este continuava, para ele, como sendo o bom Senhor que o libertara outrora da forca. Mas, assistindo agora, diariamente, à impiedade deste contra a pobre Angelita, entrou a raciocinar que o mesmo Alípio - o Fernando de Vila Rica - fora o causador das desgraças que afligiam aquela amiga querida e também a sua própria situação miserável, pois, outrora, impelira-o a crimes imperdoáveis, dentre outros o do assassinio bárbaro do recém-nascido, no fundo da velha chácara daquela antiga sede da Província.

Com o desaparecimento da Enferma dos liames carnis, recrudescer a sua irritação contra o despreocupado viúvo, a quem passou a responsabilizar também pela morte desta. E então, contundiam-lhe o coração as dolorosas impressões do abandono a que se via relegado, da saudade, da tristeza inconsolável, pois, enquanto Angelita ascendia a páramos reconfortadores do mundo astral, ele próprio, sem capacidades morais para acompanhá-la, permanecia na própria Terra, entregue a prantos amargos, vagando pela casa vazia e entristecida, perambulando pelas ruas qual mendigo desolado, visitando o Campo Santo onde sabia seu corpo sepultado.

Aversão insopitável contra Alípio avassalou então o coração apaixonado da inferior entidade. Passou a acompanhá-lo, irradiando hostilidades, admoestando-o sempre pelas infelicidades a ele próprio e a Angelita causadas. Seguiu-o, como outrora, pelas caçadas e aventuras, mas, agora, choroso e desanimado, desejando-lhe toda a espécie de males e desgraças, em desagravo às ofensas recebidas.

Por sua vez, Alípio continuava servindo ao egoísmo que nutria sempre, vivendo inteiramente arredado dos deveres da moral. Uma vez enviuvando, negara-se a desposar a jovem a quem seduzira, a qual, agora mãe de duas lindas criancinhas, sofria a humilhação de ser por ele considerada criatura de condição social inferior, a quem não serão devidas verdadeiras atenções; e, pouco depois, dela igualmente se fartando, promovera o matrimônio dela com um pobre homem valetudinário, ao qual concedeu um ordenado mensal para que lhe fosse criando os dois filhos, junto à mãe, sem grandes dificuldades. Sua vida tornara-se, então, anormal, sob o assédio de Caetano. Trabalhador e dinâmico que fora, passou a se sentir inabilitado para quaisquer empreendimentos. Não lograva satisfação e bem-estar em parte alguma, porquanto não laborava a fim de adquiri-los no interior da própria consciência.

Supondo-se enfermo, consultara o médico. Não encontrando em sua organização física senão ligeira alteração nervosa, o facultativo prescreveu distrações, passeios, viagens. Alípio então se pôs a viajar daqui para ali e acolá, entregando-se a prazeres desordenados: teatros licenciosos, amores condenáveis, freqüências a clubes noturnos onde se embrutecem as boas tendências da alma, jogos e libações de vinhos, etc., enquanto a entidade sofredora e endurecida, do escravo de outrora, continuava seguindo-o qual repercussão lógica e irremediável do pecaminoso passado que ainda não fora expungido do seu destino...

Entrementes, doze anos se passaram desde que Angelita regressara à Pátria Espiritual. Por esse tempo, eu continuava emprestando o meu concurso de assistente espiritual ao mesmo núcleo de estudos e experimentações espíritas citado no caso precedente. Como vimos, aquele núcleo se destacava pelo alto padrão de dedicação e humildade dos seus componentes em geral e de um grupo de médiuns em particular, cujas excelentes faculdades se prestavam facilmente a qualquer labor necessário à Espiritualidade efetuar relativamente à Terra. Dentre todos, no entanto, eu destacava, para as tarefas mais sutis, que implicassem maior precisão de detalhes e penetração no além-túmulo, uma jovem quase adolescente - não por preferências descabidas ou pessoais, mas por se tratar de instrumento cujas faculdades, positivas e maleáveis, se prestavam a qualquer serviço mediúnicos, sem sacrifícios mútuos, isto é, sem excessivo esforço dela própria e da entidade comunicante. Ora, essa menina, espiritista e médium, cujo nome seria Miriam, pertencia ao círculo de relações terrenas de Sarita, a antiga amiga de nossa personagem Angelita, a despeito da grande diferença de idades existente entre ambas. Por sua vez, Sarita, por motivos pertinentes aos acidentes da jornada planetária, transferira a própria residência para a Capital do país. Certa vez em que a minha Miriam descia as montanhas da terra natal para rever amigos e familiares habitantes da Capital, teve ensejo de também visitar Sarita, e esta, conhecedora de que aquela era adepta da Doutrina dos Espíritos, com atribuições nos campos mediúnicos, disse-lhe, pensativa, servindo-se daquele fraseado gentil e afetuoso que eu de muito conhecera junto à pobre Angelita:

- Minha querida amiguinha! Bem sei que o teu coração, perfumado pelas caritativas fragrâncias do Evangelho do Divino Mestre, não saberia desatender a qualquer alma triste que o procurasse em busca de um alívio para os seus dissabores, ou de uma esperança! Eu sou católica romana, mas, acima de tudo, sou cristã, e, por isso mesmo, aceito as verdades espíritas, porque sei que elas se firmam não somente nas próprias leis da natureza, como nos ensinamentos do Evangelho do Senhor. Possuí, há muitos anos, uma amiga por nome Angelita, a quem muito amei pelos infortúnios que suportou e por quem muito sofri e chorei, recomendando-a ao amor de Deus e de seus anjos. É morta há doze anos! Tu eras pequenina, contavas apenas oito anos de idade, quando fechei o esquife de Angelita para conduzi-la ao Campo Santo. Durante cinco anos, duas vezes ao dia, eu orei sem desfalecimentos, para que a alma de Angelita encontrasse feliz acolhimento na Casa Espiritual de nosso Pai... e há sete anos oro para que ela me apareça em sonhos, ao menos, afirmando-me, pessoalmente, se está realmente "salva", se é plenamente feliz onde se encontra, se obteve o perdão do Céu para faltas que, possivelmente, tivesse cometido, porquanto, até certo tempo de sua vida, ela se conservou avessa ao respeito a Deus e à crença na existência da alma. Tu, Miriam, que sabes confabular com os fantasmas luminosos do Além, pede a um deles notícias de minha Angelita, e, em sinal de gratidão por esse favor, prometo que, por ti e pelo fantasma que mo conceder, passarei a orar durante outros sete anos, suplicando que as bênçãos do Alto semeiem de rosas o destino de ambos.

As lágrimas turvaram os meigos olhos de Sarita, cujos cabelos, agora já encanecidos, pareciam suave auréola matizando de neblina a sua fronte de Madona. A súplica, no entanto, emitida por vibrações

muito amorosas e inspirada no respeito às coisas celestes, repercutiu no mundo invisível com as tonalidades santas de uma prece. Despertou minha atenção e registrei o pedido feito ao meu médium. Comuniquei-me com integrantes espirituais da formosa falange de Antônio de Pádua, da qual ela e Angelita, seriam pupilas... e acertamos em que o desejo da amável Sarita fosse imediatamente atendido, visto que sobejos testemunhos de humildade, de fé, amor e perseverança ela já apresentara às leis eternas para merecer a dádiva a que aspirava, e a fim de que não viesse a se decepcionar, o seu coração, por um silêncio muito prolongado do mundo invisível. Asseverou-me, porém, o Espírito, agora feliz, da própria Angelita, que freqüentemente a boa amiga vinha até ela, em além-túmulo, durante o sono corporal; que conversavam ambas e se entendiam perfeitamente. Mas que Sarita, não possuindo faculdades mediúnicas positivas, não conservava possibilidades de deter lembranças para intuições definidas, ao despertar.

No entanto, regressando Míriam à sua residência, na primeira noite de trabalho, no seu posto de intérprete do mundo invisível, providenciei para que o Espírito de Angelita se aproximasse e a envolvesse em suas vibrações, materializando-se à sua visão mediúnica e ditando, psicograficamente, com acentos vibratórios muito positivos, a fim de transmitir mesmo os característicos da própria caligrafia que tivera em vida planetária, uma carta de amor fraterno, com o noticiário desejado por sua dedicada amiga, que não a esquecera. Jubilosa e feliz, a inválida de outrora, agora Espírito radioso, escreveu então pela mão de Míriam, que, passiva, traduzia fielmente o pensamento que lhe era projetado:

"Minha querida Sarita: Venho, finalmente, agradecer-te a inapreciável dedicação que há vinte e três anos me testemunhas! Abençoem-te Deus e os seus anjos, minha amiga, pelo valor que, aqui, no além-túmulo, de onde te escrevo, representou o teu auxílio à pobre enferma, que sofreu e chorou durante doze longos anos, pois a felicidade, que hoje aqui desfruto, em grande parte é a ti que devo, àqueles serões diários que ao pé de mim fazias com tuas edificantes leituras, tuas orações generosas, teus conselhos salutaros, que me iniciaram na reeducação necessária, reeducação que, hoje, os amáveis meninos de Santo Antônio de Pádua vêm completando, com favor do Céu!"

"Sim, minha querida, estou salva! Estou liberta do peso dos pecados que me amarguravam a consciência! Um dia, quando também habitares onde habito, eu te revelarei esses pecados. Jamais, porém, sofri em além-túmulo, senão apenas lamentei a incompreensão e o desvio daqueles que me fizeram sofrer, aos quais, no entanto, sincera e jubilosamente perdoei há muitos anos! Mas... Saibas tu, Sarita, que não foram os onze anos de sofrimentos físicos que me salvaram, mas sim os onze anos de sofrimentos morais que, sobre aquele leito solitário, apenas alegrado pela tua inexcedível boa vontade, eu suportei, contemplando, minuto a minuto, a morte do próprio coração, o despedaçamento das ilusões acalentadas pela juventude, e quando somente a Deus e a ti eu possuía para consolar as minhas lágrimas! Sê feliz como eu sou, Sarita! E recebe minhas bênçãos de amiga agradecida, os ósculos dos meninos de "Santo Antônio", as bênçãos dos Céus, que nos recomendam amarmos uns aos outros... Tua, de sempre, Angelita."

Em seguida, o gentil Espírito deixou-se contemplar por Míriam.

(...) No dia seguinte, enviou a mensagem a Sarita, pelo Correio, acompanhada de afetuosa carta onde narrava a visão surpreendente. (...) Na mesma noite em que o fenômeno acima descrito se desenrolava no receptáculo sagrado das operações mediúnicas, no Centro a que Míriam emprestava atividades, repetimo-lo exato, real, à própria Sarita, durante a madrugada, fazendo-a despertar do sono a que se entregava, para extasiá-la ante o aposento iluminado pela presença da amiga.

Justamente no desfecho da presente narrativa, que, absolutamente não é uma ficção, encerra-se toda a aspereza da terrível lei de Causa e Efeito, que nas páginas precedentes já foi cuidadosamente contornada sob o realismo de fatos por mim vistos e examinados. Esse desfecho abrange duas personalidades que o leitor ainda não esqueceu - Alípio e Caetano, o Senhor de outrora e seu antigo escravo de confiança, ligados, moral e espiritualmente, pelos liames do passado e de modo irremediável, portanto, através do futuro.

A lei de Causa e Efeito deveria ser estudada, espiritualmente, pelos homens, com o máximo esmero, meditando todos sobre ela o bastante para se forrarem ao seu gládio severo e inevitável, que desfere represálias impressionantes, porém, justas, criteriosas e sábias, as quais representam a reação da Natureza, ou da Criação, contra a desarmonia estabelecida em suas diretrizes pela própria criatura. Os homens, no entanto, jamais se aplicam a essa nobre investigação que lhes evitaria desgraças, apoucamentos e ignomínias que, absolutamente, não estariam no seu roteiro, se eles, mais comedidos nas ações diárias, não os criassem para si mesmos, com atitudes verificadas a cada passo na sociedade como dentro do lar.

Ora, como vimos para trás, a revolta de Caetano crescia contra Alípio, a quem atribuía as desventuras que vinha experimentando. Perdera de vista a terna amiga e, choroso, incapaz de perceber o meio eficaz de caminhar ao seu encontro, voltava-se contra Alípio, responsabilizando-o pelo desaparecimento da única amável criatura por quem se sentira amado, aquela Rosa compassiva de outrora, que jamais o humilhara; a Angelita de agora, que o embalara em vibrações dulcíssimas de amor materno, durante a espera do nascimento daquele corpo que deveria ocupar e que fora destroçado, como se tal destroçamento traduzisse o eco do trágico feito de Vila Rica no indefeso recém-nascido. Fizera-se, assim, como que a própria sombra do infeliz Alípio. Roubava-lhe a paz do sono, apresentando-se-lhe em sonhos para exprobrar-lhe os antigos crimes que o obrigara a praticar, como os maus tratos morais infligidos a Angelita, o que resultava em pesadelos impressionantes para o perseguido, em choques psíquicos que lhe perturbavam o funcionamento do sistema nervoso e até o sistema de digestão alimentar. Porque entendesse que Alípio se deveria conservar fiel à memória da esposa, intrometia-se na sua vida sentimental... o que resultava, para o sedutor, multiplicar as próprias conquistas amorosas, tão facilmente como das mesmas desfazer-se, redundando sempre, em torno deste, vibrações odiosas e deletérias dos corações ludibriados. Ao prazer sentimental seguia-se, porém, o prazer do jogo, paixão conturbadora, excitante, que infelicitava, na Terra e no Além, aquele que se permite desfrutá-la, pois o infeliz obsidiado, embora não se apresentando declaradamente perturbado das faculdades de raciocinar, mostrava-se inquieto e desgostoso, em busca de algo ignorado, o íntimo remorso de tantos desatinos picando-lhe açodadamente a consciência e o coração. E seguiam-se viagens sempre mais extensas, recordando as efetivadas outrora, em Vila Rica, dado que seu acompanhante invisível ainda se prendia às recordações do Passado... e durante as quais quantias vultuosas eram despendidas à procura de algo indefinível, cuja ausência o desorientava, descuidado de procurar compreender que o que lhe faltava, era exatamente o recurso único que o salvaria do abismo em que se deixava precipitar, isto é, o amor e o respeito a Deus, o recurso da prece humilde que carregaria socorro certo, predispondo-o ao intercâmbio mental com as forças defensoras do Bem.

Assim, afeito ao endurecimento secular dos próprios sentimentos, Alípio nada tentou que o auxiliasse a se desvencilhar do perseguidor invisível e ignorado. Até que, em uma das constantes viagens que empreendia, inquieto e insubmisso como soem ser as pessoas fortemente atingidas por um assédio obsessivo, a trocar, de quando em vez, de pouso, de um para outro carro, com o comboio em movimento, o desgraçado Alípio, falseando a passada entre os galeios dos dois carros, sem ponto de apoio para se reequilibrar, deixa-se cair entre os mesmos, sendo dolorosamente esquarterado pelas rodas do terrível trem de ferro em movimento rápido. Caetano, odioso, num violento impulso psíquico, impelira-o à queda... (Os antigos carros dos trens de ferro, para passageiros, não eram ligados entre si, como os carros modernos, e sim, apenas por frágeis engates, o que oferecia constantes ameaças aos passageiros. Eram freqüentes os desastres pessoais daí conseqüentes).

Oh! Que assombrosos, impressionantes laços mentais magnéticos inferiores atariam tão poderosamente essas duas almas submersas nas sombras de si mesmas, numa conjugação macabra de afinidades perniciosas?

Os pavorosos laços do crime! As terríveis afinidades originárias da prática do mal em comum, laços e afinidades que somente uma renovação pessoal à luz redentora do Evangelho cristão, bem sentido e praticado, poderá corrigir e modificar, para os eventos do progresso e do bem legítimo.

Informado pela própria Angelita do trágico e inesperado fim corporal terreno daquele que tão caro fora ao seu coração; que tão desumanamente se conduzira pelos dias dramáticos da sua enfermidade, mas a quem ela mesma soubera perdoar com tanto desprendimento e grandeza de alma, parti em busca do infeliz Espírito, arregimentando companheiros e assistentes para a melindrosa intervenção, antes que Caetano e demais bandoleiros do Invisível o aprisionassem em suas hostes.

Não caberá nestas páginas uma narrativa em torno do lamentável acontecimento. Direi apenas, finalizando a tese, que muito penosamente o Espírito de Alípio, atordoado e dolorosamente traumatizado pelo gênero de desprendimento físico-carnal, readquiriu a lucidez espiritual para se movimentar em tentativas de recuperações conscienciais. Adotei-o, penalizado, sob meus cuidados espirituais, aconchegando-o ao carinho dos meus benévolos companheiros de trabalho, e assim libertando-o das garras de Caetano. Por ele velei sob a proteção das leis de Fraternidade, que me permitiam o serviço, notando-o apavorado ante os acontecimentos, disposto a se submeter, futuramente, aos deveres desprezados durante o estado de encarnação. Angelita secundou-me os esforços, coração amável que se desdobrou em dedicações incansáveis a favor daquele que durante onze anos a humilhara e moralmente a

martirizara num leito de dores! E certa vez, enquanto cuidávamos de aliviar as impressões do dolorido Alípio, que se convulsionava em pesadelos conscienciais, murmurei em surdina para a minha amável assistente do momento - a mesma Angelita -, pupila da líria falange de Antônio de Pádua:

- Oh! Quão severa e temível é a lei que rege os destinos da Criação! Ele, Alípio, desencarnou esquarterado sob as rodas de um trem de ferro, vítima do impulso obsessivo da mesma entidade a quem, em Vila Rica, durante existência mais antiga, ordenara que assassinasse um pobre recém-nascido, seu próprio filho! Misericordioso Deus! Os homens terrenos precisam ser avisados destas impressionantes verdades, a fim de que melhor se conduzam durante as obrigatórias travessias das existências.

A formosa Angelita revelou uma expressão de amargura, e, voltando seu pensamento para os dias vividos no pretérito, comentou em segredo, só para mim, atemorizada e aflita:

- Meu venerando amigo! Estou certa de que a expiação sofrida pelo meu Alípio, com a ignominiosa desencarnação que houve de enfrentar, não se prendeu tão somente ao caso do pobre recém-nascido de Vila Rica.

E porque eu a fitasse, preocupado:

- ... Sabei, querido amigo, que ele, sob a forma carnal do cidadão português Fernando Guimarães, residente em Vila Rica, mais não foi que um espião da Metrópole portuguesa em Minas Gerais, disfarçado em caçador de riquezas, exatamente como o meu esposo de então... local aquele, Minas Gerais, em que também existiam os maiores valores intelectuais brasileiros, temidos pelos governantes de Portugal. Foi um politiquês astuto e dissimulado... que muito e muito se comprometeu nas odiosas tramas que resultaram na desgraça de muitas personalidades nativas e no enforcamento e seqüente esquarteramento do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes!

Quedei-me absorto e quase aterrorizado, pensando na profundidade, na complexidade das leis da Criação, isto é, da lei de Causa e Efeito, enquanto a pupila de Antônio chorava de mansinho. Penoso mal-estar, invadiu meu coração, afligindo-o. Socorri-me, no entanto, do amparo de veemente prece ao Senhor de todas as coisas, que, em sua soberana bondade, concedeu após, ao meu coração, serenidade bastante para o prosseguimento da tarefa que me impusera.

Quanto a Caetano, certo de que mais um grande crime acabara de praticar, manteve-se desaparecido entre as trevas do mal durante algum tempo ainda. Mas, as preces de Angelita - o coração que dele se apiedara em Vila Rica e que, depois, o amara ternamente, durante o período de espera para o seu nascimento, como filho do seu consórcio com Alípio - acabaram por tocar-lhe o coração mais uma vez... e, presentemente, reencarnado na Terra, entra em fase de reparações e reeducação para o expurgo da consciência enlutada, ao lado de Alípio, também já reencarnado, e do qual é irmão mais novo.

Nota: (1789) A Inconfidência Mineira é considerada o principal movimento emancipacionista do Brasil colônia apesar de não ter passado de uma conspiração coordenada pela elite das Minas Gerais.

Dramas da Obsessão – Bezerra de Menezes

## 4. Obsessão mútua

Desdobravam-se os serviços da casa, harmoniosamente.

Três guardas espirituais entraram na sala, conduzindo infeliz irmão ao socorro do grupo.

Era infeliz solteirão desencarnado que não guardava consciência da própria situação.

Incapaz de enxergar os vigilantes que o traziam, caminhava à maneira de um surdo-cego, impelido por forças que não conseguia identificar.

- É um desventurado obsessivo, que acabou de remover do ambiente a que, desde muito tempo, se ajusta - informou Áulus, compadecido. - Desencarnou em plena vitalidade orgânica, depois de extenuar-se



em festiva loucura. Letal intoxicação cadaverizou-lhe o corpo, quando não possuía o menor sinal de habilitação para conchegar-se às verdades do espírito.

E como quem já conhecia as particularidades da prestação de socorro que, decerto, fora antecipadamente preparada, continuou explicando:

- Reparem. É alguém a movimentar-se nas trevas de si mesmo, trazido ao recinto sem saber o rumo tomado pelos próprios pés, como qualquer alienado mental em estado grave. Desenfaixando-se da veste de carne, com o pensamento enovelado à paixão por irmã nossa, hoje torturada enferma que sintonizou com ele, a ponto de retê-lo junto de si com aflições e lágrimas, passou a vampirizar-lhe o corpo. A perda do veículo físico, na deficiência espiritual em que se achava, deixou-o integralmente desarvorado, como náufrago dentro da noite. Entretanto, adaptando-se ao organismo da mulher amada que passou a obsidiar, nela encontrou novo instrumento de sensação, vendo por seus olhos, ouvindo por seus ouvidos, muitas vezes falando por sua boca e vitalizando-se com os alimentos comuns por ela utilizados. Nessa simbiose vivem ambos, há quase cinco anos sucessivos, contudo, agora, a moça subnutrida e perturbada acusa desequilíbrio orgânico de vulto. Por haver a doente solicitado nosso concurso assistencial, somos constringidos a duplo socorro. Para que se cure das fobias que presentemente a assaltam como reflexos da mente dele, que se vê apavorado diante das realidades do espírito, é necessário o afastamento dos fluidos que a envolvem, assim como a coluna, abalada pelo abraço constringente (apertando) da hera, reclama limpeza em favor do reajuste.

Nesse ínterim, os condutores, obedecendo às determinações de Clementino, localizaram o sofredor ao lado de Dona Eugênia.

O mentor da casa aproximou-se dela e aplicou-lhe forças magnéticas sobre o córtex cerebral, depois de arrojár vários feixes de raios luminosos sobre extensa região da glote.

Notamos que Eugênia-alma afastou-se do corpo (desdobramento), mantendo-se junto dele, à distância de alguns centímetros, enquanto que, amparado pelos amigos que o assistiam, o visitante sentava-se rente, inclinando-se sobre o equipamento mediúnico ao qual se justapunha, à maneira de alguém a debruçar-se numa janela.

Ante o quadro, recordei as operações do mundo vegetal, em que uma planta se desenvolve à custa de outra, e compreendi que aquela associação poderia ser comparada a sutil processo de enxertia neuropsíquica.

Suspiros de alívio desprenderam-se do tórax mediúnico que, por instantes, se mostrara algo agitado.

Observei que leves fios brilhantes ligavam a fronte de Eugênia, desligada do veículo físico, ao cérebro da entidade comunicante.

Porque eu lhe dirigisse um olhar de interrogação e estranheza, Áulus explicou, prestimoso:

- É o fenômeno da psicofonia consciente ou trabalho dos médiuns falantes. Embora senhoreando as forças de Eugênia, o hóspede enfermo do nosso plano permanece controlado por ela, a quem se imana pela corrente nervosa, através da qual estará nossa irmã informada de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal de nossa amiga, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias delas, mas Eugênia comanda, firme, as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeira concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado, porque, consciente de todas as intenções do companheiro infortunado a quem empresta o seu carro físico, nossa amiga reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência. Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode, assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe os propósitos e expressões, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil. O Espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio. Nas sessões de caridade, qual a que presenciamos, o primeiro socorrista é o médium que o recebe, mas, se esse socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança no amparo eficiente. O médium, pois, quando integrado nas responsabilidades que esposa, tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade na obra de assistência aos desencarnados,

permitindo-lhes a livre manifestação apenas até o ponto em que essa manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto.

- Então - alegou Hilário -, nesses trabalhos, o médium nunca se mantém a longa distância do corpo...

- Sim, sempre que o esforço se refira a entidades em desajuste, o mediano não deve ausentar-se demasiado... Com um demente em casa, o afastamento é perigoso, mas se nosso lar está custodiado por amigos cômicos de si, podemos excursionar até muito longe, porquanto o nosso domicílio demorar-se-á guardado com segurança. No concurso aos irmãos desequilibrados, nossa presença é imperativo dos mais lógicos.

Fitou Eugênia preocupada e vigilante, ao pé do enfermo que começava a falar, e sentenciou:

- Se preciso, nossa amiga poderá retomar o próprio corpo num átimo. Acham-se ambos num consórcio momentâneo, em que o comunicante é ação, mas no qual a médium personifica a vontade. Em todos os campos de trabalho, é natural que o superior seja responsável pela direção do inferior.

O visitante passou a destra pela face num gesto de alívio e bradou, transformado:

- Vejo! Vejo!... Mas por que encantamento me prendem aqui? Que algemas me afevelam a este móvel pesado?

E acentuando a expressão de assombro, prosseguia:

- Qual o objetivo desta assembléia em silêncio de funeral? Quem me trouxe? Quem me trouxe?!...

Vimos que Eugênia, fora do veículo denso, escutava todas as palavras que lhe fluíam da boca, transitoriamente ocupada pelo peregrino das sombras, arquivando-as, de maneira automática, no centro da memória.

- O sofredor - disse o Assistente, convicto -, ao contato das forças nervosas da médium, revive os próprios sentidos e deslumbra-se. Queixa-se das cadeias que o prendem, cadeias essas que em cinqüenta por cem decorrem da contenção cautelosa de Eugênia. Porta-se, dessa forma, como um doente controlado, qual se faz imprescindível.

- E se nossa irmã relaxasse a autoridade? - inquiriu Hilário, curioso.

- Não estaria em condições de prestar-lhe benefícios concretos, porque então teria descido ao desvairamento do mendigo de luz que nos propomos auxiliar - esclareceu o nosso instrutor, com calma.

E numa imagem feliz para ilustrar o assunto, ajuntou:

- Um médium passivo, em tais circunstâncias, pode ser comparado à mesa de serviço cirúrgico, retendo o enfermo necessitado de concurso médico. Se o móvel especializado não possuísse firmeza e humildade, qualquer intervenção seria de todo impossível.

- Mas nossa amiga está enxergando, conscientemente, a entidade que se lhe associa ao vaso carnal, com tanta clareza quanto nós? - perguntei por minha vez, atento aos meus objetivos de aprendizado.

- No caso de Eugênia, isso não acontece - elucidou Áulus, condescendente -, porque o esforço dela na preservação das próprias energias e o interesse na prestação de auxílio com todo o coeficiente de suas possibilidades não lhe permitem a necessária concentração mental para surpreender-lhe a forma exterior. Entretanto, reproduzem-se nela as aflições e os achaques do socorrido. Sente-lhe a dor e a excitação, registrando-lhe o sofrimento e o mal-estar.

Ao passo que se dilatava a nossa conversação, o comunicante gritava, contundente:

- Estaremos, porventura, num tribunal? Por que uma recepção estranha quanto esta, quando sou o importunado que comparece? A mim, Libório dos Santos, ninguém ofende sem revide...

Como se a consciência o torturasse, através de criações interiores que não nos era dado perceber, vociferava, frenético:

- Quem me acusa de haver espoliado minha mãe, lançando-a ao desamparo? Não sou culpado pelas provações dos outros... Não estarei, acaso, mais doente que ela?...

Nessa altura, Hilário fixou o obsessor, compadecidamente, e indagou, respeitoso:

- Não serão os seus padecimentos simples angústia moral?

- Não tanto assim - aclarou Áulus -, as crises morais de qualquer teor se nos refletem até no veículo de manifestação. O beneficiário desta hora tem o cérebro perispirítico dilacerado e a flagelação que lhe invade o corpo fluídico é tão autêntica quanto a de um homem comum, supliciado por um tumor intracraniano.

Demonstrando-se sumamente interessado no estudo, Hilário acentuou:

- Se fôssemos nós os companheiros encarnados, com sede de maiores conhecimentos da vida espiritual, poderíamos submetê-lo a interrogatório minucioso? Estaria em posição de identificar-se perfeitamente?

Áulus abanou levemente a cabeça e considerou:

- Nas condições em que se encontra, o cometimento não seria viável... Estamos abordando apenas um problema de caridade, que se reveste, porém, da mais elevada importância para a vida em si. Na hipótese de efetivarmos o tentame, conseguiríamos tão-somente infrutuosa inquirição, endereçada a um alienado mental, que, por algum tempo, ainda se mostrará lesado em expressivos centros do raciocínio. Trazendo consigo a herança de uma existência desequilibrada e fortemente atraído para a mulher que o ama e de quem se fez desabrido perseguidor, a nada aspira, por agora, senão à vida parasitária, junto à irmã, de cujas energias se alimenta. Envolve-a em fluidos enfermiços e nela se apóia, assim como a trepadeira que se alastra e prolifera sobre um muro... Somando tudo isso ao choque oriundo da morte, não temos o direito de esperar dele uma experiência completa de identificação pessoal.

Enquanto isso, Libório prosseguia, alucinado:

- Quem poderá suportar esta situação? Alguém me hipnotiza? Quem me fiscaliza o pensamento? Valerá restituir-me a visão, manietando-me os braços?

Fixando-o com simpatia fraterna, o Assistente informou-nos:

Queixa-se ele do controle a que é submetido pela vontade cuidadosa de Eugênia.

Ruminando as indagações que nos esfervilhavam na alma, Hilário objetou:

- Consciente a médium, qual se encontra, e ouvindo as frases do comunicante, que lhe utiliza a boca assim vigiado por ela, é possível que Dona Eugênia seja assaltada por grandes dúvidas... Não poderá ser induzida a admitir que as palavras proferidas pertençam a ela mesma? Não sofrerá vacilações?

- Isso é possível - concordou o Assistente -, no entanto, nossa irmã está habilitada a perceber que as comoções e as palavras desta hora não lhe dizem respeito.

- Mas... e se a dúvida a invadisse? - insistiu meu colega.

- Então - disse Áulus, cortês -, emitiria da própria mente positiva recusa, expulsando o comunicante e anulando preciosa oportunidade de serviço. A dúvida, nesse caso, seria congelante faixa de forças negativas...

Todavia, porque Raul Silva iniciara a conversação com o hóspede revoltado, o orientador amigo convidou-nos a melhor observar.

Sob a influência de Clementino, que o envolvia inteiramente, Silva levantara-se e dirigia-se ao comunicante com bondade:

- Meu amigo, tenhamos calma e roguemos o amparo divino!

- Estou doente, desesperado...

- Sim, todos somos enfermos, mas não nos cabe perder a confiança. Somos filhos de Nosso Pai Celestial que é sempre pródigo de amor.

- É padre?

- Não. Sou seu irmão.

- Mentira. Nem o conheço...

- Somos uma só família, à frente de Deus.

O interlocutor conturbado riu-se irônico e acentuou:

- Deve ser algum sacerdote fanatizado para conversar nestes termos!...

A paciência do doutrinador sensibilizava-nos.

Não recebia Libório, qual se fora defrontado por um habitante das sombras, suscetível de acordar-lhe qualquer impulso de curiosidade menos digna.

Ainda mesmo descontando o valioso concurso do mentor que o acompanhava, Raul emitia de si mesmo sincera compaixão de mistura com inequívoco interesse paternal. Acolhia o hóspede sem estranheza ou irritação, como se o fizesse a um familiar que regressasse demente ao santuário doméstico.

Talvez por essa razão o obsessor a seu turno se revelava menos agastadiço. Tão logo passou a entender-se, de algum modo, com o dirigente da casa, observamos que Eugênia se revigorava no esforço assistencial que lhe competia.

- Não sou um ministro religioso - continuava Raul, imperturbável -, mas desejo me aceite como seu amigo.

- Que irrisão! Não existem amigos quando a miséria está conosco... Dos companheiros que conheci, todos me abandonaram. Resta-me apenas Sara! Sara, que não deixarei...

Fixou a expressão de quem se detinha na lembrança da pessoa a quem se referira e acrescentou com recalcada indignação:

- Ignoro por que me entravam agora os passos. É inútil. Aliás, não sei a razão pela qual me contendo. Um homem provocado, qual me vejo, decerto deveria esbofeteá-los a todos... Afinal, que fazem aqui estes cavalheiros silenciosos e estas mulheres mudas? Que pretendem de mim?

- Estamos em prece por sua paz - falou Silva, com inflexão de bondade e carinho.

- Grande novidade! Que há de comum entre nós? Devo-lhes algo?

- Pelo contrário - exclamou o interlocutor, convicto -, nós somos quem lhe deve atenção e assistência. Estamos numa instituição de serviço fraterno e é fora de dúvida que, num hospital, a ninguém será lícito inquirir da luta particular daqueles que lhe batem à porta, porque, antes de tudo, é dever da medicina e da enfermagem a prestação de socorro às feridas que sangram.

Ante o argumento enunciado com sinceridade e simpleza, o renitente sofredor pareceu apaziguar-se ainda mais. Jatos de energias mental, partidos de Silva, alcançavam-no agora em cheio, no tórax como a lhe buscarem o coração.

Libório tentou falar, contudo, à maneira de um viajante que já não pode resistir à aridez do deserto, comoveu-se diante da ternura daquele inesperado acolhimento, a surgir-lhe por abençoada fonte de água fresca. Surpreendido, notou que a palavra lhe falecia embargada na garganta.

Sob o sábio comando de Clementino, falou o doutrinador com afetividade ardente:

- Libório, meu irmão!

Essas três palavras foram pronunciadas com tamanha inflexão de generosidade fraternal que o hóspede não pôde sopitar o pranto que lhe subia do âmago.

Raul avançou para ele, impondo-lhe as mãos, das quais jorrava luminoso fluxo magnético, e convidou:

- Vamos orar!

Findo um minuto de silêncio, a voz do diretor da casa, sob a inspiração de Clementino, suplicou enternecidamente:

- Divino Mestre, lança compassivo olhar sobre a nossa família aqui reunida...

Viajores de muitas romagens, repousamos neste instante sob a árvore bendita da prece e te imploramos amparo!

Todos somos endividados para contigo, todos nos achamos empenhados à tua bondade infinita, à maneira de servos insolventes para com o senhor.

Mas, rogando-te por nós todos, pedimos particularmente agora pelo companheiro que, decerto, encaminhas ao nosso coração, qual se fora uma ovelha que torna ao aprisco ou um irmão consanguíneo que volta ao lar...

Mestre, dá-nos a alegria de recebê-lo de braços abertos.

Sela-nos os lábios para que lhe não perguntemos de onde vem e descerra-nos a alma para a ventura de tê-lo conosco em paz.

Inspira-nos a palavra a fim de que a imprudência não se imiscua em nossa língua, aprofundando as chagas interiores do irmão, e ajuda-nos a sustentar o respeito que lhe devemos...

Senhor, estamos certos de que o acaso não te preside às determinações!

Teu amor, que nos reserva invariavelmente o melhor, cada dia, aproxima-nos uns dos outros para o trabalho justo.

Nossas almas são fios da vida em tuas mãos!

Ajusta-os para que obtenhamos do Alto o favor de servir contigo!

Nosso Libório é mais um irmão que chega de longe, de recuados horizontes do passado...

Ó Senhor, auxilia-nos para que ele não nos encontre proferindo o teu nome em vão!...

O visitante chorava.

Via-se, porém, com clareza, que não eram as palavras a força que o convencia, mas sim o sentimento irradiante com que eram estruturadas.

Raul Silva, sob a destra radiosa de Clementino, afigurava-se-nos aureolado de intensa luz.

- Ó Deus, que se passa comigo?!... - conseguiu gritar Libório em lágrimas.

O irmão Clementino fez breve sinal a um dos assessores de nosso plano, que apressadamente correu, trazendo interessante peça que me pareceu uma tela de gaze tenuíssima, com dispositivos especiais, medindo por inteiro um metro quadrado, aproximadamente.

O mentor espiritual da reunião manobrou pequena chave num dos ângulos do aparelho e o tecido suave se cobriu de leve massa fluidica, branquicenta e vibrátil.

Em seguida, postou-se novamente ao pé de Silva, que, controlado por ele, disse ao comunicante:

- Lembre-se, meu amigo, lembre-se! Faça um apelo à memória! Veja à frente os quadros que se desenrolarão aos nossos olhos!...

De imediato, como se tivesse a atenção compulsoriamente atraída para a tela, o visitante fixou-a e, desde esse momento, vimos com assombro que o retângulo sensibilizado exibia variadas cenas de que o próprio Libório era o principal protagonista. Recebendo-as mentalmente, Raul Silva passou a descrevê-las:

- Observe, meu amigo! É noite. Ouve-se um burburinho de algazarra a distância... Sua mãe velhinha chama-o à cabeceira e pede-lhe assistência... Está exausta... Você é o filho que lhe resta... Derradeira esperança de flagelada vida. Único arrimo... A pobre sente-se morrer. A dispnéia martiriza-a ... É o distúrbio cardíaco pressagiando o fim do corpo... Tem medo. Declara-se receosa da solidão, de vez que é sábado carnavalesco e os vizinhos se ausentaram na direção dos centros festivos. Parece uma criança atemorizada... Contempla-o, ansiosa, e roga-lhe que fique... Você responde que sairá tão-somente por alguns minutos... o bastante para trazer-lhe a medicação necessária... Em seguida avança, rápido, para uma gaveta situada em aposento próximo e apropria-se do único dinheiro de que a enferma dispõe, algumas centenas de cruzeiros, com que você se julga habilitado a desfrutar as falsas alegrias do seu clube... Amigos espirituais de seu lar abeiram-se de você, implorando socorro em favor da doente, quase moribunda, mas você se mostra impermeável a qualquer pensamento de compaixão... Dirige algumas

palavras apressadas à enferma e sai para a rua. Em plena via pública, imanta-se aos indesejáveis companheiros desencarnados com os quais se afina... entidades turbulentas, hipnotizadas pelo vício, com as quais você se arrasta ao prazer... Por três dias e quatro noites consecutivos, entrega-se à loucura, com esquecimento de todas as obrigações... Somente na madrugada de quarta-feira você volta estafado e semi-inconsciente... A velhinha, socorrida por braços anônimos não o reconhece mais... Aguarda, resignadamente, a morte, enquanto você se encaminha para um quarto dos fundos, na expectativa de conseguir um banho que o auxilie a refazer-se... Abre o gás e senta-se por alguns minutos, experimentando a cabeça entontecida... O corpo exige descanso, depois da louca folia... A fadiga surge, insopitável... Desapercebe-se de si mesmo e dorme semi embriagado, perdendo a existência, porque as emanções tóxicas lhe cadaverizam o corpo... Na manhã clara de sol, um rabeção leva-o ao necrotério, como simples suicida...

Nessa altura, o interlocutor, como se voltasse de um pesadelo, bradou desesperado:

- Oh! Esta é a verdade! A verdade!... onde está minha casa? Sara, Sara, quero minha mãe, minha mãe!...

- Acalme-se! - recomendou Raul, compadecido - nunca nos faltará o socorro divino! Seu lar, meu amigo, cerrou-se com os seus olhos de carne e sua genitora, de outras esferas, lhe estende os braços amorosos e santificantes...

O comunicante, vencido, caiu em lágrimas.

Tão grande lhe surgiu a crise emotiva que o mentor espiritual do grupo se apressou a desligá-lo do equipamento mediúnic, entregando-o aos vigilantes para que fosse convenientemente abrigado em organização próxima.

Libório, em fundo processo de transformação, afastou-se, tornando Eugênia à posição normal.

E porque a tela regressasse à transparência do início, desfechei sobre o nosso orientador algumas indagações improvisadas.

Que função desempenhava aquele retângulo que eu ainda não conhecia? Que cenas eram aquelas que se haviam desdobrado céleres sob a nossa admiração?

- Aquele aparelho - informou Áulus, gentil - é um "condensador ectoplásmico". Tem a propriedade de concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da entidade comunicante, não só para a nossa observação, mas também para a análise do doutrinador, que as recebe em seu campo intuitivo, agora auxiliado pelas energias magnéticas do nosso plano.

- Evidentemente, a engrenagem de semelhante mecanismo deve ser maravilhosa! - exclamou Hilário, sob forte impressão.

- Nada de espanto - alegou o orientador -, o hóspede espiritual apenas contempla os reflexos da mente de si mesmo, à maneira de pessoa que se examina através de um espelho.

- Mas, se estamos à frente de um condensador de forças - considere -, precisamos concluir que o êxito do trabalho depende da colaboração de todos os componentes do grupo...

- Exato - confirmou o Assistente -, as energias ectoplásmicas são fornecidas pelo conjunto dos companheiros encarnados, em favor de irmãos que ainda se encontram semimaterializados nas faixas vibratórias da experiência física. Por isso mesmo, Silva e Clementino necessitam do concurso geral para que a máquina do serviço funcione tão harmoniosamente quanto seja possível. Pessoas que exteriorizem sentimentos menos dignos, equivalentes a princípios envenenados nascidos das viciações de variada espécie, perturbam enormemente as atividades dessa natureza, porquanto arrojam no condensador as sombras de que se fazem veículo, prejudicando a eficiência da assembléia e impedindo a visão perfeita da tela por parte da entidade necessitada de compreensão e de luz.

Levava-nos o assunto a diferentes inquirições, mas o nosso orientador lançou-nos um olhar discreto, como a pedir-nos silêncio e atenção.

(...) Raul Silva, em prece curta, encerrou a reunião.

Enlaçamos Clementino às despedidas.

- Voltem sempre - convidou-nos gentil.

Sim, sim, continuaríamos aprendendo.

E, lado a lado com o nosso orientador, retiramo-nos, felizes, como quem sorvera a água viva da paz, na taça da alegria.

Distanciávamo-nos da instituição, quando o marido desencarnado de Dona Celina, cuja presença assinaláramos no decurso da reunião, se aproximou de nós.

Demonstrava conhecer nosso orientador, porque estacou ao nosso lado e exclamou:

- Meu caro Assistente, por obséquio...

Áulus apresentou-nos o novo amigo:

- É o nosso irmão Abelardo Martins. Foi o esposo de nossa cooperadora Celina e vem-se adaptando aos nossos regimes de ação.

Via-se, de pronto, que Abelardo não era uma entidade de escol. As maneiras e a voz traíam-lhe a condição espiritual de criatura ainda profundamente arraigada aos hábitos terrestres.

- Meu caro Assistente - continuou, inquieto -, venho rogar-lhe auxílio em favor de Libório.

O socorro do grupo melhorou-lhe as disposições, mas agora é a mulher que piorou, perseguindo-o...

- Conte conosco - aderiu o orientador, de boa vontade -, contudo, é importante que Celina nos ajude.

E, afagando-lhe os ombros, concluiu:

- Volte à companheira e, tão logo se desligue Celina do corpo, pela influência do sono, traga-a em sua companhia, a fim de que possamos seguir todos juntos. Aguarda-los-emos no jardim próximo.

O interlocutor afastou-se, contente, enquanto penetrávamos enorme praça arborizada.

Detivemo-nos, à espera dos companheiros, e, aproveitando os minutos, Áulus se reportou à solicitação recebida.

Abelardo interessava-se por Libório dos Santos, o primeiro comunicante daquela noite, que víamos amparado, por intermédio de Dona Eugênia.

E, alongando explicações, informou-nos que o esposo de Dona Celina vagueara por muito tempo, em desespero.

Na experiência física, fora um homem temperamental e não se resignara, de imediato, às imposições da morte.

Atrabiliário e voluntarioso, desencarnara muito cedo, em razão dos excessos que lhe minaram a força orgânica.

Tentou, em vão, obsidiar a esposa, cujo concurso reclamava qual se lhe fora simples erva.

Reconhecendo-se incapaz de vampirizá-la, excursionou, alguns anos, no domínio das sombras, entre Espíritos rebeldes e irreverentes, até que as orações da companheira, coadjuvadas pela intercessão de muitos amigos, conseguiram demovê-lo.

Curvara-se, enfim, à evidência dos fatos.

Reconheceu a impropriedade da intemperança mental em que se comprazia e, depois de convenientemente preparado pela assistência do grupo de amigos que acabávamos de deixar, foi admitido numa organização socorrista, em que passou a servir como vigilante de irmãos desequilibrados...

Tão logo o Assistente completou a rápida biografia, Hilário considerou, curioso:

- O contato com Abelardo suscita indagações interessantes... Continuará ele, porventura, em comunhão com a esposa?

- Sim, - elucidou o orientador -, o amor entre ambos tem profundas raízes no pretérito.

- Apesar da diferença em que se exprimem?
- Por que não? Acaso, o Pai Celestial deixa de amar-nos não obstante as falhas com que pautamos, ainda, a vida que nos é própria?
- Realmente - concordou meu colega, um tanto desapontado -, este argumento é indiscutível. Entretanto, Abelardo religou-se à mulher?
- Perfeitamente. Nela encontra valioso incentivo ao trabalho de auto-recuperação em que estagia.
- Mas, na posição de Espírito desencarnado, chega a partilhar-lhe o tempo doméstico?

- Tanto quanto lhe é possível. Por haver descido consideravelmente à indisciplina e à perturbação, ainda sofre as conseqüências desagradáveis do desequilíbrio a que se rendeu e, por esse motivo, o lar terreno, com a ternura da esposa, é o maior paraíso que poderá receber por enquanto. Diariamente se entrega ao serviço árduo, na obra assistencial em favor de companheiros ensandecidos, mas descansa, sempre que oportuno, no jardim familiar, ao lado da companheira. Uma vez por semana, acompanha-lhe o culto íntimo de oração, é-lhe firme associado nas tarefas mediúnicas e, todas as noites em que se sentem favorecidos pelas circunstâncias, consagram-se ambos ao trabalho de auxílio aos doentes. Não foram apenas cônjuges, conforme as disposições da carne. São infinitamente amigos e Abelardo agora procura aproveitar o tempo, a benefício do seu reajuste, sonhando receber a esposa com novos títulos de elevação, quando Celina for novamente trazida à pátria espiritual.

- Isso, porém, é comum? A separação dos casais é apenas imaginária?
- Um caso não faz regra - ponderou o Assistente bem-humorado. - Onde não prevalecem as afinidades do sentimento, o matrimônio terrestre é um serviço redentor e nada mais. Na maioria das situações, a morte do corpo somente ratifica uma separação que já existia na experiência vulgar. Nesses casos, o cônjuge que abandona o envoltório físico se retira da prova a que se submeteu, à maneira do devedor que atingiu a paz do resgate. Todavia, quando os laços da alma sobrepõem às emoções da jornada humana, ainda mesmo que surja o segundo casamento para o cônjuge que se demora no mundo, a comunhão espiritual continua, sublime, em doce e constante permuta de vibrações e pensamentos.

Hilário refletiu alguns momentos e conjecturou:

- A travessia pelo túmulo impõe efetivamente ao Espírito singulares modificações... Cada viajor em sua estrada, cada coração com seu problema...

- Bem-aventurados os que se renovam para o bem! - exclamou Áulus, satisfeito. - O verdadeiro amor é a sublimação em marcha, através da renúncia. Quem não puder ceder, a favor da alegria da criatura amada, sem dúvida saberá querer com entusiasmo e carinho, mas não saberá coroar-se com a glória do amor puro. Depois da morte, habitualmente aprendemos, no sacrifício dos próprios sonhos, a ciência de amar, não segundo nossos desejos, mas de conformidade com a Lei do Senhor: mães obrigadas a entregar os filhinhos a provas de que necessitam, pais que se vêem compelidos a renovar projetos de proteção à família, esposas constringidas a entregar os maridos a outras almas irmãs, esposos que são impelidos a aceitar a colaboração das segundas núpcias, no lar de que foram desalojados... Tudo isso encontramos na vizinhança da Terra. A morte é uma intimação ao entendimento fraternal... E quando lhe não aceitamos o desafio, o sofrimento é o nosso quinhão...

E, com largo sorriso, ajuntou:

- Quando o amor não sabe dividir-se, a felicidade não consegue multiplicar-se.

A conversação prosseguia valiosa e animada, quando Abelardo e Celina chegaram até nós.

Vinham reconfortados, felizes.

Em companhia da esposa, o novo amigo parecia mais leve e radiante, como se lhe absorvesse a vitalidade e a alegria.

Notei que Hilário, pela expressão fisionômica, trazia consigo um novo mundo de indagações a exteriorizar.

Contudo, Áulus advertiu:

- Sigamos! É necessário agir com presteza.



A breve tempo, penetramos nebulosa região, dentro da noite.

Os astros desapareceram a nossos olhos.

Tive a impressão de que o piche gaseificado era o elemento preponderante naquele ambiente.

Em derredor, proliferavam soluços e imprecações, mas a pequenina lâmpada que Abelardo agora empunhava, auxiliando-nos, não nos permitia enxergar senão o trilho estreito que nos cabia percorrer.

Findos alguns minutos de marcha, atingimos uma construção mal iluminada, em que vários enfermos se demoravam, sob a assistência de enfermeiros atenciosos.

Entramos.

Áulus explicou que estávamos ali diante de um hospital de emergência, dos muitos que se estendem nas regiões purgatoriais.

Tudo pobreza, necessidade, sofrimento...

- Este é o meu templo atual de trabalho - disse-nos Abelardo, orgulhoso de ser ali uma peça importante na máquina de serviço.

O Irmão Justino, diretor da instituição, veio até nós e cumprimentou-nos.

Pedi escusas por lhe não ser possível acompanhar-nos. A casa jazia repleta de psicopatas desencarnados e não poderia, dessa forma deter-se naquele momento.

Deu-nos, porém, permissão para agir com plena liberdade.

A desarmonia era efetivamente tão grande no local que não pude sopitar meu espanto.

Como cogitar de reajuste num meio atormentado quanto aquele?

O Assistente, contudo, amparou-me, aclarando:

- Importa reconhecer que este pouso é um refúgio para desesperados. Segundo a reação que apresentam, são conduzidos, de pronto, a estabelecimentos de recuperação positiva ou regressam às linhas de aflição de que procedem. Aqui apenas atravessam pequeno estágio de recuperação.

Alcançáramos o leito simples em que Libório, de olhar esgazeado, se mostrava distante de qualquer interesse pela nossa presença.

Enxergava-nos, impassível.

Exibia o semblante dos loucos, quando transfigurados por ocultas flagelações.

Um dos guardas veio até nós e comunicou a Abelardo que o doente trazido à internação denotava crescente angústia.

Áulus auscultou-o, paternalmente, e, em seguida, informou:

- O pensamento da irmã encarnada que o nosso amigo vampiriza está presente nele, atormentando-o. Açam-se ambos sintonizados na mesma onda. É um caso de perseguição recíproca. Os benefícios recolhidos no grupo estão agora eclipsados pelas sugestões arremessadas de longe.

Temos então aqui - aleguei - símile perfeito do que verificamos comumente na Terra, nos setores da mediunidade torturada. Médiuns existem que, aliviados dos vexames que recebem por parte de entidades inferiores, depressa como que lhes reclamam a presença, religando-se a elas automaticamente, embora o nosso mais sadio propósito de libertá-los.

- Sim - aprovou o orientador -, enquanto não lhes modificamos as disposições espirituais, favorecendo-lhes a criação de novos pensamentos, jazem no regime da escravidão mútua, em que obsessores e obsidiados se nutrem das emanações uns dos outros. Temem a separação, pelos hábitos cristalizados em que se associam, segundo os princípios da afinidade, e daí surgem os impedimentos para a dupla recuperação que lhes desejamos.

O doente fizera-se mais angustiado, mais pálido.

Parecia registrar uma tempestade interior, pavorosa e incoercível.

- Tudo indica a vizinhança da irmã que se lhe apoderou da mente. Nosso companheiro se revela mais dominado, mais aflito...

Mal acabara o orientador de formular o seu prognóstico e a pobre mulher, desligada do corpo físico pela atuação do sono, apareceu à nossa frente, reclamando feroz:

- Libório! Libório! Por que te ausentaste? Não me abandones! Regressemos para nossa casa! Atende, atende!...

- Que vemos? - exclamou Hilário, intrigado.

- Não será esta a criatura que o serviço desta noite pretende isolar das más influências?

E porque o orientador respondesse de modo afirmativo, meu colega continuou:

- Deus de bondade! Mas não está ela interessada no reajustamento da própria saúde? Não roga socorro à instituição que freqüenta?

- Isso é o que julga querer - explicou Áulus, cuidadoso -, entretanto, no íntimo, alimenta-se com os fluidos enfermícios do companheiro desencarnado e apega-se a ele, instintivamente. Milhares de pessoas são assim. Registram doenças de variados matizes e com elas se adaptam para mais segura acomodação com o menor esforço. Dizem-se prejudicadas e inquietas, todavia, quando se lhes subtrai a moléstia de que se fazem portadoras, sente-se vazias e padecentes, provocando sintomas e impressões com que evocam as enfermidades a se exprimirem, de novo, em diferentes manifestações, auxiliando-as a cultivar a posição de vítimas, na qual se comprazem. Isso acontece na maioria dos fenômenos de obsessão. Encarnados e desencarnados se prendem uns aos outros, sob vigorosa fascinação mútua, até que o centro de vida mental se lhes altere. É por esse motivo que, em muitas ocasiões, as dores maiores são chamadas a funcionar sobre as dores menores, com o objetivo de acordar as almas viciadas nesse gênero de trocas inferiores.

A esse tempo, a recém-chegada conseguira abeirar-se mais intimamente de Libório, que passou a demonstrar visível satisfação. Sorria ele agora à maneira de uma criança contente.

Identificando, porém, a presença de Dona Celina, a infeliz bradou, colérica:

- Quem é esta mulher? Dize! Dize!...

Nossa abnegada amiga avançou para ela com simplicidade e implorou:

- Minha irmã, acalme-se! Libório está fatigado, enfermo! Ajudemo-lo a repousar!...

A interlocutora não lhe suportou o olhar doce e benigno e, longe de reconhecer a prestimosa médium do grupo a que se associara, enceguedida de ciúme, gritou para o enfermo palavras amargas, que não seria lícito reproduzir, e abandonou o recinto em desabalada carreira.

Libório mostrou evidente contrariedade. Áulus, contudo, aplicou-lhe passes, restituindo-lhe a calma.

Em seguida, o Assistente nos disse, amorável:

- Como vemos, a Bondade Divina é tão grande que até os nossos sentimentos menos dignos são aproveitados em nossa própria defesa. O despeito da visitante, encontrando Celina junto do enfermo, dar-nos-á tréguas valiosas, de vez que teremos algum tempo para auxiliá-lo nas reflexões necessárias. Quando acordar no corpo carnal, pela manhã, nossa pobre amiga lembrar-se-á vagamente de haver sonhado com Libório, ao lado de uma companheira, pintando um quadro de impressões a seu bel-prazer, porquanto cada mente vê nos outros aquilo que traz em si mesmo.

Abelardo estava satisfeito. Acariciava o doente, antevendo-lhe as melhoras.

Hilário, semi espantado, considerou:

- O que me assombra é reconhecer o serviço incessante por toda a parte. Na vigília e no sono, na vida e na morte...

Respondeu Áulus, sorrindo:

- Sim, a inércia é simplesmente ilusão e a preguiça é fuga que a Lei pune com as aflições da retaguarda.

Mas, nossa tarefa estava agora cumprida. E, por isso, afastamo-nos.

Daí a minutos, despedindo-nos, prometeu o Assistente reencontrar-nos, para continuidade de nossas observações, na noite seguinte.

Nos Domínios da Mediunidade – caps. 6, 7 e 14

## 5. Pedro, o possesso

### INTRODUÇÃO

#### DOS MÉDIUNS

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XIV

Pelos sentidos físicos e órgãos motores, tomamos contato com o mundo corpóreo e sobre ele agimos. Pelos órgãos e faculdades espirituais mantemos contato constante com o mundo espiritual, sobre o qual também atuamos.

Todas as pessoas, portanto, recebem a influência dos espíritos.

A maioria nem percebe esse intercâmbio oculto, em seu mundo íntimo, na forma de pensamentos, estados de alma, impulsos, pressentimentos, etc.

Mas há pessoas em que o intercâmbio é ostensivo. Nelas, os fenômenos são freqüentes, marcantes, intensos e bem característicos (psicofonia, psicografia, efeitos físicos, etc), ficando evidente uma outra individualidade: a do espírito comunicante. A essas pessoas Allan Kardec denominou médiuns.

Apostila do CEFAC-DF

Da mesma forma que as doenças são o resultado de imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre resultado de uma imperfeição moral que o expõe a um mau espírito.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Prece Pelos Obsidiados

Disso resulta um ensinamento de grande alcance, o de que as imperfeições morais dão acesso aos espíritos obsessores, e de que o meio mais seguro de livrar-se deles é atrair os bons pela prática do bem.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XXIII – Q. 252

#### MEDIUNIDADE E OBSESSÃO

Obsessão e Mediunidade são duas situações diferentes, entretanto, em um determinado momento, podem coexistir.

Nem todos são médiuns ostensivos, porém, qualquer indivíduo, independentemente do grau e do tipo de sua mediunidade, pode ser acometido da obsessão.

Partindo-se da premissa de que a sobrevivência do espírito é uma realidade, estabeleçamos a seguinte ordem de idéias.

A mudança de um plano de existência para outro, em consequência do fenômeno da morte física, não implica na modificação da maneira de ser do espírito, o qual permanece com as mesmas características de sua individualidade quando encarnado, manifestando os mesmos pendores, impulsos e desejos. Os mais venturosos continuam bons e interessados em ajudar o próximo, enquanto que os maus permanecem presos às viciações e imperfeições que ostentavam quando de suas experiências na carne.

A faculdade mediúnica, ponte de ligação com o mundo astral, revela que os espíritos habitualmente estabelecem um relacionamento fluídico mais íntimo conosco, embora nem sempre nos apercebamos do fato.

Dos espíritos benfeitores recebemos auxílio, carinho e orientações salutares para as nossas vidas; são os protetores, velam pelos nossos passos e pelo nosso progresso espiritual. Porém, da mesma forma, nos expomos às entidades menos esclarecidas e desejosas de perturbarem aqueles a quem consideram presas fáceis. São os espíritos obsessores, que na qualidade de enfermos, necessitam, em verdade, da nossa cooperação fraterna através de preces e doutrinações evangélicas.

O mundo astral como que nos interpenetra e, de acordo com o nosso posicionamento mental, intercambiamos com os bons ou com os maus espíritos. O envolvimento salutar com os espíritos esclarecidos é sempre gratificante, porquanto somos bafejados por vibrações de harmonia e de paz. Entretanto, se assediados por entidades maldosas, tornamo-nos alvos de perturbações que podem evoluir para as mais variadas manifestações patológicas (doenças) de natureza orgânica ou mental.

A obsessão nada mais é do que o resultado da má influência intencional que um espírito desencadeia sobre outrem. Todos nós estamos sujeitos a essa eventualidade, quer sejamos médiuns ou não, pois as nossas imperfeições ainda superam em muito as virtudes que portamos e elas, seguramente, se constituem nas portas de acesso ao mal.

O envolvimento obsessivo pode-se instalar sorrateiramente, evoluindo aos poucos, sem que a vítima nem os circunstantes do fato se apercebam; ou ao contrário, surgir de uma forma abrupta, comprometendo, de forma inesperada, quer as faculdades mentais, quer algumas das funções desempenhadas pelo organismo físico.

Uma das causas mais freqüentes da obsessão reside no sentimento de vingança alimentado pelo obsessor. Impulsionado por tal sentimento, ele põe em jogo todos os recursos disponíveis capazes de comprometer a saúde, o equilíbrio, enfim, a felicidade de sua vítima. O ódio que se estabelece entre inimigo, às vezes, se perpetua através dos séculos gerando verdadeiros quadros de sofrimento e martírio mútuos. Uma vez liberto da matéria física, o espírito odiento passa a hostilizar a sua vítima de tal forma que o prejudicado de hoje, posteriormente, se não tiver rompido com as algemas do ódio, parte para o revide.

Naturalmente, para que a doença se instale é necessária a existência de fatores predisponentes, facilitadores do desencadeamento do processo. Entre os vários fatores conhecidos podemos citar a mediunidade aflorada mas não desenvolvida, não educada, gerando, por isso mesmo, campos biomagnéticos desarmônicos intensificados pelos impactos de baixo teor vibratório impostos pelos obsessores.

Uma outra condição é a ociosidade, traduzida pela incapacidade de qualquer realização louvável nos múltiplos setores da atividade humana (não fazer o bem); a inércia conduz invariavelmente aos caminhos do desequilíbrio.

Lembramos, ainda, os defeitos acentuados de personalidade: o ódio; a inveja; a maledicência; o ciúme doentio e a sensualidade desvairada, a representarem os mais corriqueiros dos fatores predisponentes.

Tal é o mecanismo dinâmico pelo qual os inimigos desencarnados exercem a sua ação prejudicial.

## A EPILEPSIA

A maioria das doenças mentais encontram-se nos comprometimentos cármicos. O passado do ser humano, envolvido em interesses pessoais e egoísmo de toda ordem, necessita de retificações, a fim de que a sua caminhada evolutiva possa alcançar parâmetros de sublimação, situação em que todos um dia alcançarão. Os impulsos internos que carregamos nos convidarão a tomar as direções corretas e ajustadas em face dos fatores ambientais, mesmo que, no hoje, a construção se faça mais através das dores, inclusive as psicológicas que caracterizam as distonias mentais.

Nas aferições dos processos cármicos, demos certo destaque aos grupos da histeria e da epilepsia, a representarem, em sua grande parte, as obsessões espirituais.

Na epilepsia, muitas vezes, já existem lesões das células nervosas, lesões anatômicas e funcionais. Daí, podermos dizer que o quadro epiléptico parece traduzir um grau de maior intensidade de influências espirituais progressas; isto é, a mente do epiléptico, em alguns casos, tendo sido comprometida em etapas anteriores de vida, os efeitos podem manifestar-se posteriormente, mesmo que a influência espiritual negativa tenha desaparecido. Também devemos dizer que muitas formas epilépticas se instalam devido a traumatismos cranianos, sem correlações com o passado.

Jorge Andréa – Visão Espírita nas Distonias Mentais

### ***Caso: Pedro, o possesso***

O cavalheiro doente, na pequena fila de quatro pessoas que haviam comparecido à cata de socorro, parecia incomodado, aflito...

Articulava palavras que eu não conseguia registrar com clareza, quando o irmão Clementino, consultado por Áulus, disse, cortês, para o Assistente:

- Sim, já que o esforço se destina a estudos, permitiremos a manifestação.

Percebi que o nosso orientador solicitava alguma demonstração importante.

Convidados pelo instrutor, abeiramo-nos do moço enfermo que se fazia assistir por uma senhora de cabelos grisalhos, sua própria mãezinha.

Atendendo às recomendações do supervisor, os guardas admitiram a passagem de uma entidade evidentemente aloucada, que atravessou de chofre, as linhas vibratórias de contenção, vociferando, frenética:

- Pedro! Pedro!...

Parecia ter a visão centralizada no doente, porque nada mais fixava além dele. Alcançando nosso irmão encarnado, este, de súbito, desfecha um grito agudo e cai desamparado.

A velha progenitora mal teve tempo de suavizar-lhe a queda espetacular.

De imediato, sob o comando de Clementino, Silva determinou que o rapaz fosse transferido para um leito de câmara próxima, isolando-o da assembléia.

Dona Celina foi incumbida do trabalho de assistência.

Junto dela acompanhamos o enfermo com carinhoso interesse.

As variadas tarefas do recinto prosseguiram sem quebra de ritmo, enquanto nos insulávamos no aposento para a cooperação que o caso exigia.

Pedro e o obsessor que o jugulava pareciam agora fundidos um no outro.

Eram dois contendores engalinhados em luta feroz.

Fitando o companheiro encarnado mais detidamente, concluí que o ataque epiléptico, com toda a sua sintomatologia clássica, surgia claramente reconhecível.

O doente trazia agora a face transfigurada por indefinível palidez, os músculos jaziam tetanizados e a cabeça, exibindo os dentes cerrados, mostrava-se flectida para trás, enquanto que os braços se assemelhavam a dois galhos de arvoredo, quando retorcidos pela tempestade.

Dona Celina e a matrona afetuosa acomodaram-no na cama e dispunham-se à prece, quando a rigidez do corpo se fez sucedida de estranhas convulsões a se estenderem aos olhos que se moviam em reviravoltas contínuas.

A lividez do rosto deu lugar à vermelhidão que invadiu as faces congestionadas.

A respiração tornara-se angustiada, ao mesmo tempo que os esfíncteres se relaxavam, convertendo o enfermo em torturado vencido.

O insensível perseguidor como que se entranhara no corpo da vítima.

Pronunciava duras palavras, que somente nós outros conseguíamos assinalar, de vez que todas as funções sensoriais de Pedro se mostravam em deplorável inibição.

Dona Celina, afagando o doente, pressentia a gravidade do mal e registrava a presença do visitante infeliz, contudo, permanecia alerta de modo a manter-se, valorosa, em condições de auxiliá-lo.

Anotei-lhe a cautela para não se apassivar, a fim de seguir, por si própria, todos os trâmites do socorro.

Bondosa, tentou estabelecer um entendimento com o verdugo, mas em vão.

O desventurado continuava gritando para os nossos ouvidos, sem acolher-lhe os apelos comovedores.

- Vingar-me-ei! Vingar-me-ei! Farei justiça por minhas próprias mãos!... - bradava, colérico.

Repreensões injuriosas apagavam-se na sombra, porquanto não conseguiam exteriorizar-se através das cordas vocais da vítima, a contorcer-se.

Permanecia o cavalheiro plenamente ligado ao algoz que o tomara de inopino. O córtex cerebral apresentava-se envolvido de escura massa fluídica.

Reconhecíamos no moço incapacidade de qualquer domínio sobre si mesmo.

Acariciando-lhe a fronte suarenta, Áulus informou, compadecido:

- É a possessão completa ou a epilepsia essencial.

- Nosso amigo está inconsciente? - aventurou Hilário, entre a curiosidade e o respeito.

- Sim, considerado como enfermo terrestre, está no momento sem recursos de ligação com o cérebro carnal. Todas as células do córtex sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas. Pedro temporariamente não dispõe de controle para governar-se, nem de memória comum para marcar a inquietante ocorrência de que é protagonista. Isso, porém, acontece no setor da forma de matéria densa, porque, em espírito, está arquivando todas as particularidades da situação em que se encontra, de modo a enriquecer o patrimônio das próprias experiências.

Fitei, sensibilizado, o quadro triste e perguntei, com objetivo de estudo:

- De vez que nos achamos defrontados por um encarnado e por um desencarnado, jungidos um ao outro, não obstante a dolorosa condição de sofrimento em que se caracterizam, será lícito considerar o fato sob nosso exame como sendo um transe mediúnico?

Embora ativo na tarefa assistencial, o instrutor respondeu:

- Sim, presenciamos um ataque epiléptico, segundo a definição da medicina terrestre, entretanto, somos constrangidos a identificá-lo como sendo um transe mediúnico de baixo teor, porquanto verificamos aqui a associação de duas mentes desequilibradas, que se prendem às teias do ódio recíproco.

E, fixando o par de infelizes em contorções, acrescentou:

- Nessa aflitiva situação achava-se Pedro nas regiões inferiores, antes da presente reencarnação que lhe constitui uma bênção. Por muitos anos, ele e o adversário rolaram nas zonas purgatoriais, em franco duelo. Presentemente, melhorou. Qual ocorre em muitos processos semelhantes, os reencontros de ambos são agora mais espaçados, dando azo ao fenômeno que observamos, em razão de o rapaz ainda trazer o corpo perispirítico provisoriamente lesado em centros importantes.

Nesse ínterim, percebendo a dificuldade para atingir o obsessor com a palavra falada, Dona Celina, com o auxílio de nosso orientador, formulou vibrante prece, implorando a Compaixão Divina para os infelizes companheiros que ali se digladiavam inutilmente.

As frases da venerável amiga libertavam jactos de forças luminescentes a lhe saltarem das mãos e a envolverem em sensações de alívio os participantes do conflito.

Vimos que o perseguidor, qual se houvesse aspirado alguma substância anestésica, se desprendeu automaticamente da vítima, que repousou enfim, num sono profundo e reparador.

Guardas e socorristas conduziram o obsessor semi-adormecido a um local de emergência.

E enquanto Dona Celina ministrava um pouco d'água fluidificada à genitora do enfermo, chorosa e assustada, retornamos à conversação cordial.

- Apesar da carga doentia que suporta na atualidade, devemos aceitar o nosso Pedro na categoria de um médium? - perguntou Hilário, atencioso.

- Pela passividade com que reflete o inimigo desencarnado, será justo tê-lo nessa conta, contudo, precisamos considerar que, antes de ser um médium na acepção comum do termo, é um Espírito endividado a redimir-se.

- Mas não poderá cogitar do próprio desenvolvimento psíquico?

O Assistente sorriu e observou:

- Desenvolver, em boa sinonímia, quer dizer "retirar do invólucro", "fazer progredir" ou "produzir". Assim compreendendo, é razoável que Pedro, antes de tudo, desenvolva recursos pessoais no próprio reajuste. Não se constroem paredes sólidas em bases inseguras. Necessitará, portanto, curar-se. Depois disso, então...

- Se é assim - objetou meu colega -, não resultará infrutífera a sua freqüência a esta casa?

- De modo algum. Aqui recolherá forças para refazer-se, assim como a planta raquítica encontra estímulo para a sua restauração no adubo que lhe oferecem. Dia a dia, ao contato de amigos orientados pelo Evangelho, ele e o desafeto incorporarão abençoados valores em matéria de compreensão e serviço, modificando gradativamente o campo de elaboração das forças mentais. Sobrevirá, então, um aperfeiçoamento de individualidades, a fim de que a fonte mediúnica surja, mais tarde, tão cristalina quanto desejamos. Salutares e renovadores pensamentos assimilados pela dupla de sofrendores em foco expressam melhoria e recuperação para ambos, porque, na imantação recíproca em que se vêem, as idéias de um reagem sobre o outro, determinando alterações radicais.

Diante da nossa atitude cismarenta, no exame das questões complexas de que nos sentíamos rodeados, o Assistente ponderou:

- Aparelhos mediúnicos valiosos naturalmente não se improvisam. Como todas as edificações preciosas, reclamam esforço, sacrifício, coragem, tempo... E sem amor e devotamento, não será possível a criação de grupos e instrumentos louváveis, nas tarefas de intercâmbio.

Voltando, porém, a atenção para o doente adormecido, Áulus continuou:

- Nosso amigo está preso a significativo montante de débitos com o passado e ninguém pode avançar livremente para o amanhã sem solver os compromissos de ontem. Por esse motivo, Pedro traz consigo aflitiva mediunidade de provação. É da Lei que ninguém se emancipe sem pagar o que deve. A rigor, por isso, deve ser encarado como enfermo, requisitando carinho e tratamento.

Em seguida, como se quisesse recolher dados informativos para completar a lição, tocou a frente de Pedro, auscultando-a demoradamente.

Decorridos alguns instantes de silêncio, informou:

- A luta vem de muito longe. Não dispomos de tempo para incursões no passado, mas, de imediato, podemos reconhecer o verdugo de hoje como vítima de ontem. Na derradeira metade do século findo, Pedro era um médico que abusava da missão de curar. Uma análise mental particularizada identificá-lo-ia em numerosas aventuras menos dignas. O perseguidor que presentemente lhe domina as energias era-lhe irmão consangüíneo, cuja esposa nosso amigo doente de agora procurou seduzir. Para isso, insinuou-se de formas diversas, além de prejudicar o irmão em todos os seus interesses econômicos e sociais, até incliná-lo à internação num hospício, onde estacionou, por muitos anos, aparvalhado e inútil, à espera da morte. Desencarnando e encontrando-o na posse da mulher, desvairou-se no ódio de que passou a nutrir-se. Martelou-lhes, então, a existência e aguardou-o, além-túmulo, onde os três se reuniram em angustioso processo de regeneração. A companheira, menos culpada, foi a primeira a retornar ao mundo, onde mais tarde recebeu o médico delinqüente nos braços maternos, como seu próprio filho, purificando o amor de sua alma. O irmão atraído de outro tempo, todavia, ainda não encontrou forças para modificar-se e continua vampirizando-o, obstinado no ódio a que se rendeu impensadamente.

Respondendo com um olhar amigo à nossa expressão de assombro, acrescentou:

- Penetramos forçosamente no inferno que criamos para os outros, a fim de experimentarmos, por nossa vez, o fogo com que afligimos o próximo. Ninguém ilude a justiça. As reparações podem ser transferidas no tempo, mas são sempre fatais.

O ensinamento era simples, contudo, a terrível situação do enfermo fatigado e triste infundia-nos justificável espanto.

Estudando sempre, Hilário considerou:

- Se Pedro, no entanto, é ainda um médium torturado, que poderá fazer num agrupamento como este?

O instrutor sorriu e obtemperou:

- O caso não consta dos desígnios superiores. Não nos aproximamos uns dos outros sem razão. Decerto, nosso amigo possui aqui ligações afetivas do pretérito com o dever de auxiliá-lo. Se não pode, desse modo, ser um elemento valioso ao conjunto, de imediato, pode e precisa receber o concurso fraterno, imprescindível ao seu justo soerguimento.

- Curar-se-á, contudo, em tempo breve? - indaguei por minha vez.

- Quem sabe? - retrucou Áulus, sereno.

E, com o grave entono de quem pensa a substância das próprias palavras, prosseguiu:

- Isso dependerá muito dele e da vítima com quem se encontra endividado. A assimilação de princípios mentais renovadores determina mais altas visões da vida. Todo os dramas obscuros da obsessão decorrem da mente enferma. Aplicando-se com devotamento às novas obrigações de que será investido, caso persevere no campo de nossa Consoladora Doutrina, sem dúvida abreviará o tempo de expiação a que se acha sujeito, de vez que, em se convertendo ao bem, modificará o tônus mental do adversário, que se verá arrastado à própria renovação pelos seus exemplos de compreensão e renúncia, humildade e fé. Ainda assim, depois de se extinguirem os acessos de possessão. Pedro sofrerá os reflexos do desequilíbrio em que se envolveu, a se exprimirem nos fenômenos mais leves da epilepsia secundária, que emergirão, por algum tempo, ante as simples recordações mais fortes da luta que vem atravessando, até o integral reajuste do corpo perispiritico.

- E isso é trabalho de longa duração? - inquiriu Hilário, algo aflito.

Nosso interlocutor estampou significativa expressão fisionômica e ponderou:

- Quem poderá penetrar a consciência alheia? Com o esforço da vontade é possível apressar a solução de muitos enigmas e reduzir muitas dores. O assunto, porém, é de foro íntimo... Estejamos entretanto convencidos de que as sementes da luz jamais se perdem. Os médiuns que hoje se enlaçam a tremendas provas, se persistirem na plantação de melhores destinos, transformar-se-ão em valiosos trabalhadores no futuro que a todos aguarda em abençoadas reencarnações de engrandecimento e progresso...

E, ante a nossa admiração, concluiu:



- O problema é de aprender sem desanimar e de servir ao bem sem esmorecer.

Nos Domínios da Mediunidade – cap. 9

Obs.: Sugerimos a leitura do caso Marcelo - Cap. 08 do Livro No Mundo Maior - FEB

## 6. Aborto e obsessão

Fomos recebidos por Clementino, generoso, que nos aproximou de jovem senhora, concentrada em oração, seguida por distinto cavalheiro, na pequena fila dos enfermos que naquela noite receberiam assistência.

Afagando-lhe a cabeça, o supervisor notificou:

- Favoreceremos a manifestação de infeliz companheiro que a vampiriza, não somente com o objetivo de socorrê-lo, mas também com propósito de estudarmos alguma coisa, com respeito ao sonambulismo torturado.

Observei a dama, ainda muito moça, inclinada para o homem irrepreensivelmente trajado que a amparava de perto.

O mentor do recinto afastou-se em tarefa de governança, mas Áulus tomou-lhe o lugar, passando a esclarecer-nos com a bondade que lhe era característica.

Indicando-nos o casal, informou:

- São ambos marido e mulher num enlace de provação redentora.

A essa altura, porém, os guardas espirituais permitiram o acesso do infortunado amigo.

Achamo-nos positivamente frente a frente com um louco desencarnado.

Perispírito denso, trazia todos os estigmas (marca) da alienação mental, indiscutível.

Olhar turvo, fisionomia congesta, indisfarçável inquietação...

A presença dele inspiraria repugnância e terror aos menos afeitos à enfermagem.

Além da cabeça ferida, mostrava extensa úlcera na garganta.

Precipitou-se para a jovem doente, à maneira de um grande felino sobre a presa.

A simpática senhora começou a gritar, transfigurada.

Não se afastara espiritualmente do corpo.

Era ela própria a contorcer-se, em pranto convulsivo, envolta, porém, no amplexo (abraço) fluídico da entidade que lhe empolgava o campo fisiológico, integralmente.

Lágrimas quentes lhe corriam dos olhos semicerrados, o organismo relaxara-se como embarcação à matroca e a respiração se tornara sibilante e opressa.

Tentava falar, contudo a voz era um assobio desagradável.

As cordas vocais revelavam-se incapazes de articular qualquer frase inteligível.

Raul, sob o comando de Clementino, abeirou-se da dupla em aflitivo reencontro e aplicou energias magnéticas sobre o tórax da médium, que conseguiu expressar-se em clamores roufenhos (rouco):

- Filha desnaturada!... Criminosa! Criminosa!... nada te salva! Descerás comigo às trevas para que me partilhes a dor... Não quero socorro... quero estar contigo para que estejas comigo! Não te perdorei, não te perdorei!...

E, do pranto convulso, passava incompreensivelmente a gargalhadas de vingador.

Agora, não podíamos saber se estávamos à frente de uma vítima que se lastimava ou de um palhaço que escarnecia.

- A justiça está em mim! - prosseguia bradando por entre silvos. - Sou o advogado de minha própria causa! E a desforra é o meu único recurso...

Raul, sob a inspiração do benfeitor que o acompanhava, passou a falar-lhe dos valores e vantagens da humildade e do perdão, do entendimento e do amor, procurando renovar-lhe a atitude.

E, enquanto desenvolvia o trabalho da doutrinação, buscamos contato com o orientador diligente.

Ante as nossas primeiras perguntas, Áulus acentuou:

- É, um caso doloroso como o de milhares de criaturas.

- Vê-se bem - aduziu Hilário, sob forte impressão -, que é a nossa própria irmã quem fala e gesticula...

- Sim - aprovou o Assistente -, entretanto, encontra-se imantada ao companheiro espiritual, cérebro a cérebro.

- Poderá, todavia, recordar-se com precisão do que lhe sucede agora? - inquiri, por minha vez.

De modo algum. Tem as células do córtex cerebral totalmente destrambelhadas pelo desventurado amigo em sofrimento. Nos transes, em que se efetua a junção mais direta entre ela e o perseguidor dementado, cai em profunda hipnose, qual acontece à pessoa magnetizada, nas demonstrações comuns de hipnotismo, e passa, de imediato, a retratar-lhe os desequilíbrios.

E, designando a garganta da médium, repentinamente avermelhada e intumescida (inchada), continuou:

- Nesta hora, tem a glote (abertura entre as cordas vocais, na parte superior da laringe) dominada por perturbação momentânea. Não consegue exprimir-se senão em voz rouquenha, quebrando as palavras. Isso porque o nosso irmão torturado, ao qual se liga pelos laços mais íntimos, lhe transmite as próprias sensações, compelindo-a a copiar-lhe o modo de ser.

Tão entranhada se revela a associação de ambos - alegou Hilário -, que sou levado a indagar de mim mesmo se na vida comum não serão eles, a bem dizer, duas almas num só corpo, assim como duas plantas distintas uma da outra a se desenvolverem num vaso único... Na experiência diária, vulgar, não será nossa irmã constantemente influenciada, de maneira positiva, embora indireta pelo companheiro que a obsidia?

- Você examina o assunto com acertado critério. Nossa amiga, na equipe doméstica, é um enigma para os familiares. Moça de notável procedência, possui belas aquisições culturais, entretanto, sempre se comporta de modo chocante, evidenciando desequilíbrios ocultos. A princípio, compareciam a insatisfação e a melancolia ocasionando crises de nervos e distúrbios circulatórios. Doente, deste a puberdade, em vão opinaram clínicos de renome sobre o caso, até que um cirurgião, crendo-a prejudicada por desarmonias da tireóide, submeteu-a a delicada intervenção, da qual saiu com seus padecimentos inalterados. Logo após, conheceu o cavalheiro sob nossa observação, que a desposou convencido de que o matrimônio lhe constituiria renovação salutar. Ao invés disso, porém, a situação se lhe agravou. A gravidez cedo se verificou, consoante a planificação de serviço, traçada na Vida superior. Nossa Irmã doente deveria receber o perseguidor nos braços maternos, afagando-lhe a transformação e auxiliando-lhe a aquisição de novo destino, mas, sentindo-lhe a aproximação, recolheu-se a insopitável temor, adiando o trabalho que lhe compete. Impermeável às sugestões da própria alma, provocou o aborto com rebeldia e violência. Essa frustração foi a brecha que favoreceu mais ampla influência do adversário invisível no círculo conjugal. A pobre criatura passou a sofrer multiplicadas crises histéricas, com súbita aversão pelo marido. Principalmente à noite, é colhida, de assalto, por fenômenos de sufocação e de angústia, amargurando o consorte desolado. Médicos foram trazidos, no entanto os hipnóticos foram empregados em vão... Em franca demência, a enferma foi conduzida à casa de saúde, todavia, a insulina e o eletrochoque não lhe solucionaram o problema. Presentemente, atravessa um período de repouso em família, deliberando o esposo experimentar o concurso do Espiritismo.

Enquanto Silva e Clementino procuravam sossegar a médium e o comunicante, reunidos numa simbiose de extremo desespero, Hilário e eu continuávamos famintos de esclarecimento maior.

- E se ela conseguisse nova maternidade? - inquiriu meu colega, estudioso.

- Sim - concordou Áulus, convicto -, semelhante reconquista ser-lhe-á uma benção, contudo pela trama de sentimentos contraditórios em que se emaranhou, na fuga das obrigações que lhe cabem não pode receber, de pronto, esse privilégio.

Lembrei-me de mulheres que se fazem mães nos hospícios, mas, analisando-me os pensamentos o orientador explicou:

- A posição de alienada mental não lhe retira os favores da Natureza, mas a crueldade meditada com que se afastou dos compromissos assumidos, imprimiu certo desequilíbrio ao centro genésico. Nossas defecções mais íntimas, embora desconhecidas dos outros, prejudicam-nos o veículo sutil e não podemos trair o tempo nas reparações necessárias, ainda mesmo quando o remorso nos ajude a restaurar as boas intenções. A perfeita entrosagem dos elementos psicofísicos filia-se à mente. A vida corpórea é a síntese das irradiações da alma. Não há órgãos em harmonia sem pensamentos equilibrados, como não há ordem sem inteligência.

O serviço de socorro espiritual, porém, continuava inquietante.

A entidade vingadora, jungida à médium, demorava-se contida pelos assessores de Clementino, ao passo que a moça, refletindo-lhe as emoções e os impulsos, tinha o peito arfante (ofegante) e gemia em soluços:

- Para mim não há recurso!... Sou um renegado!...

- Perdoa, meu irmão, e o caminho ser-te-á renovado - dizia Raul, com inflexão de amor. - Desculpando, somos desculpados. Todos temos dívidas... Não se inclinará, porventura, ao auxílio para que seja igualmente ajudado?

- Não posso, não posso... - chorava o infeliz.

E, à frente daquele par de Espíritos sofredores num só corpo, Áulus prosseguiu esclarecendo:

- A fim de examinar com serenidade as agruras da obsessão na mediunidade torturada, não podemos esquecer as causas do suplício de hoje a se enraizarem nas sombras de ontem. Os templos espíritas vivem repletos de dramas comoventes, que se prendem ao passado remoto e próximo.

Apontando o casal com a destra, continuou:

- O esposo de agora foi no pretérito um companheiro nocivo para a nossa irmã obsidiada, induzindo-a a envenenar o pai adotivo, hoje metamorfoseado no verdugo que a persegue. Herdeira de considerável fortuna, com testamento garantido, em sua condição de filha adotiva e única, viu que o velho tutor pretendia alterar decisões. Isso aconteceu em aristocrática mansão do século que passou. O viúvo abastado, que a criara com desvelado carinho, não concordou com a escolha feita. O moço não lhe agradava. Parecia mais interessado em pilhar-lhe as finanças que em fazer a felicidade da jovem desprevenida e insensata. Procurou, então subtraí-la à influência do noivo, verificando que de balde lhes buscava a separação. Indignado, mobilizava medidas legais para deserdá-la, quando o rapaz, explorando a paixão de que a moça se via possuída, induziu-a a eliminá-lo, através de entorpecentes (substância tóxica que entorpece o sistema nervoso) contínuos. Anulando o velhinho, por duas semanas de falsa medicação, o serviço da morte foi completado por diminuta dose de corrosivo. Findo ligeiro período de luto, a jovem herdeira enriqueceu o marido ao casar-se, contudo, em pouco tempo, viu-se presa de aflitivas desilusões, porque o esposo depressa se revelou jogador inveterado e libertino confesso, relegando-a a profunda miséria moral e física. Não lhe bastou esse gênero de aniquilamento gradativo. O tutor desencarnado imantou-se a ela, com desvairada fome de vingança, submetendo-a a horríveis tormentos íntimos. Em verdade, o parricídio (homicídio praticado contra o pai, a mãe ou qualquer descendente) permaneceu ignorado na Terra, mas foi registrado nos tribunais divinos e longo trabalho expiatório vem sendo levado a efeito, porquanto, ainda aqui, estamos observando esse trio de consciências entrelaçadas nos fios dilacerantes da provação redentora.

O infortunado perseguidor recolhia afetuosas admoestações de Raul Silva e, depois de breve intervalo, o Assistente continuou:

- Como vemos, a tragédia de nossa irmã enferma vem de longe. Nos planos inferiores da vida espiritual, vagueou por muito tempo na faixa de ódio da vítima que se lhe fez vingativo credor e, na

atualidade, em nova etapa de luta, tem o pensamento enovelado ao dele. Atravessou a infância e a puberdade, experimentando-lhe o assédio a distância, todavia, quando o inimigo de outrora reapareceu na condição de marido atual, com a tarefa de ajudar a companheira e reeducá-la, e fraquejando nossa amiga nos primeiros tentames da responsabilidade maternal, o obsessor aproveitou-se do ascendente magnético sobre a pobrezinha, golpeando-lhe o equilíbrio.

Sensibilizados com o quadro de justiça a desdobrar-se sob nossos olhos não conseguimos fugir à indagação para melhor fixar ensinamentos.

Fixando a atenção no esposo da vítima, que a amparava carinhosamente, Hilário considerou:

- Com que, então, nosso amigo tem o seu débito a saldar para com a mulher doente...

- Sem dúvida - confirmou Áulus com grave entono -, o Poder Divino não nos aproxima uns dos outros sem fins justos. No matrimônio, no lar ou no círculo de serviço, somos procurados por nossas afinidades, de modo a satisfazer aos imperativos da Lei de Amor, seja na ampliação do bem, ou no resgate de nossas dívidas, resultantes do nosso deliberado contato com o mal. Nossa irmã sofre os efeitos do parricídio a que se entregou pelo anseio de desfrutar prazeres que lhe desajustaram o plano consciencial, e o amigo que lhe inspirou a ação deplorável é agora chamado a ajudá-la na restauração imprescindível.

Olhei penalizado o cavalheiro tristonho e pensei na frustração a que devia sentir-se preso.

Bastou a reflexão para que o orientador me explicasse, solícito:

- Decerto, nosso companheiro na atualidade não se sente feliz. Recapitulando a antiga fome de sensações, abeirou-se da mulher que desposou, procurando instintivamente a sócia de aventura passional do pretérito, mas encontrou a irmã doente que o obriga a meditar e sofrer.

- Transferindo nossos interesses de estudo para este caso - comentou Hilário -, ainda assim poderemos classificar a enferma à conta de médium?

- Como não? É um médium em aflitivo processo de reajustamento. É provável se demore ainda alguns anos na condição de doente necessitada de carinho e amor. Encarcerada nas teias fluídicas do adversário demente, purifica-se, através das complicações do sonambulismo torturado. Desse modo, por enquanto é instrumento para a criação de paciência e boa vontade no grupo de trabalhadores que visitamos, mas sem qualquer perspectiva de produção imediata, no campo do auxílio, de vez que se revela extremamente necessitada de concurso fraternal.

- Naturalmente, porém - aleguei -, mesmo agora, a presença dela aqui não será inútil.

- De modo algum - acrescentou o instrutor -; primeiramente, ela e o esposo constituem valioso núcleo de trabalho em que nossos companheiros de serviço podem adestrar suas qualidades de semeadores da luz. Além disso, o impacto da doutrinação não é perdido. Noite a noite, de reunião a reunião, na intimidade da prece e dos apontamentos edificantes, o trio de almas renovar-se-á, pouco a pouco. O perseguidor compreenderá a necessidade de perdão para melhorar-se, a enferma fortalecer-se-á em espírito para recuperar-se como é preciso e o esposo adquirirá a paciência e a calma, a fim de ser realmente feliz.

Nessa altura, com a colaboração de amigos espirituais da casa, o hóspede foi retirado do ambiente psíquico da jovem senhora, que voltou à normalidade, e, atendendo-nos à inquirição, o Assistente anotou, bondoso:

- Quando nosso irmão Clementino convocou-nos a observar o problema, indubitavelmente quis salientar os imperativos de trabalho e tolerância, compreensão e bondade para construirmos a mediunidade completa no mundo. Médiuns repontam em toda parte, entretanto, raros já se desvencilharam do passado sombrio para servir no presente à causa comum da Humanidade, sem os enigmas do caminho que lhes é particular. E como ninguém avança para diante, com a serenidade possível, sem pagar os tributos que deve à retaguarda, saibamos tolerar e ajudar, edificando com o bem...

A conversação, contudo, foi interrompida.

Clementino, diligente, chamava-nos a cooperar em outros setores.